



ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. Carta do Reitor-Mor (pág. 1)**
 Centenário das Missões: celebrações de abertura
Precisamos de homens que sejam experientes de Deus
 (A direção espiritual pessoal)
 1. A formação deve ser pessoal — Urge formar consciências maduras — Os protagonistas da formação espiritual.
 2. O papel da direção espiritual — É uma necessidade do homem — É uma prática constante da Igreja — É uma característica de Dom Bosco — A confissão-direção no sistema de Dom Bosco.
 3. Dos primeiros tempos aos dias de hoje — O diretor volte a ser pai — Um conselho prático do P. Cavaglia.
 4. São necessários guias espirituais renovados — Saber escolher os formadores — Três exigências da direção espiritual — O dever do segredo — Conclusão: um sério exame de consciência.
- II. Disposições e normas (não há neste número)**
- III. Comunicações (pág. 46)**
 1. A Estréia do Reitor-Mor — 2. Novo Bispo Salesiano no Peru. — 3. O Jubileu sacerdotal do Reitor-Mor — 4. Eurobosco: o Congresso dos Ex-Alunos da Europa — 5. O "Repertorio delle Memorie Biografiche" — 6. Os cursos de formação permanente para Coadjuutores.
- IV. O Centenário das Missões Salesianas (pág. 52)**
 1. A abertura do Centenário na Itália — 2. A abertura nos outros países — 3. Programa da Argentina para 1976 — 4. Outras iniciativas do Centenário — 5. Os presentes das Missões para o Centenário — 6. Dados sobre a "Expedição do Centenário" — 7. Solidariedade fraterna.
- V. Atividades do Conselho Superior e inic. de interesse geral (pág. 66)**
- VI. Documentos (pág. 67)**
 Conclusões operacionais do Encontro continental do Extremo Oriente.
- VII. Dos Noticiários Inspetoriais (pág. 75)**
 1. Jovens e Salesianos em missão no Ariari — 2. Terra Nova: os Ex-Alunos vão para as Missões — 3. A paróquia boliviana dos Salesianos vênetsos.
- VIII. Magistério Pontifício (pág. 80)**
 1. Sois os "conquistadores" do Evangelho — 2. O mistério da Cruz em nossa vida — 3. Paulo VI aos desportistas.
- IX. Necrológico — Quarto elenco para 1975 (pág. 90)**

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, janeiro de 1976.

Irmãos e filhos caríssimos,

desejo antes de tudo renovar — especialmente para muitos a quem não pude responder pessoalmente — o meu sentido agradecimento pela participação fraternalmente afetuosamente no meu Jubileu Sacerdotal, demonstrada de mil maneiras, até com presentes e ofertas. Acolhi com muito agrado as orações que fizestes segundo minhas intenções, especialmente nas celebrações litúrgicas: muito me confortavam as promessas de fidelidade a Dom Bosco, cuja ação se prolonga na Congregação, fidelidade que me foi manifestada de tantos modos e num tom de grande sinceridade.

Enquanto renovo este sentido agradecimento, peço-vos que me continueis unidos a mim na oração e no espírito de unidade salesiana. De minha parte posso assegurar-vos que todos os dias me lembro de vós, de modo especial dos doentes e de quantos têm maior necessidade de luz e conforto.

Centenário das Missões: Celebrações de Abertura

No passado mês de novembro iniciamos em Turim as celebrações do Centenário das nossas Missões. Podereis ler alhures ⁽¹⁾ os pormenores dos três belíssimos dias de Turim. Aqui desejo pôr em evidência o clima de fervor e entusiasmo dos inúmeros Salesianos presentes. Alguns veteranos também, que tinham vindo dos mais longínquos centros de missão.

Os neo-missionários, depois do curso de preparação em Roma, foram a Turim para receber o cruxifixo, renovando,

(1) Em *Ans* de dezembro de 1975, e mais sinteticamente neste fascículo, págs. 53 e 54.

durante a grande concelebração presidida pelo Card. Rossi, a cena dos dez primeiros missionários. Estavam também presentes, com a Madre Geral, as neo-missionárias Filhas de Maria Auxiliadora.

Para todos os que partiam, renovando o gesto dos primeiros missionários, se obteve também uma audiência especial do Santo Padre, que demonstrou comovido todo o seu apreço afetoso e reconhecido para com as duas Congregações, para com os missionários de modo especial. Lendo todo o texto do discurso ⁽²⁾ percebereis os sentimentos que o Papa nutre para com a nossa Família: coisa que nos deve levar a corresponder com igual empenho de fidelidade e devoção ao Papa, exatamente a exemplo constante de nosso Pai Dom Bosco.

Em Roma, a 11 de dezembro, fez-se a comemoração oficial do Centenário: falou o Card. Baggio, na presença do Presidente da República, de importantes autoridades eclesiásticas e civis, e de numerosos amigos.

Mas é claro que o nosso Centenário não se pode esgotar numas poucas manifestações embora muito significativas. Como tenho ido repetindo, devemos promover em todos os níveis, com os meios e modos mais aptos, a animação missionária de “nosso mundo”, a começar pelos nossos meninos. As notícias que começo a receber dizem-me que há essa preocupação e que se vai ao longo do ano desenvolvendo em iniciativas e ações bem planejadas, embora não espalhafatosas. Tudo isso será certamente fecundo e de muito proveito para criar e alimentar um clima vocacional (não podemos, de fato esquecer que missões e espírito missionário são caminho obrigatório e seguro para que nasçam e se fortifiquem vocações).

Avante, pois, com entusiasmo que dê vida aos projetos práticos e concretos de animação missionária.

E agora apresento-vos a “carta” tradicional. Versa sobre argumento de particular importância, tanto mais importante quanto mais se constata a tal propósito idéias e praxes em contraste com o ensinamento da Igreja e a vontade cheia de

(2) Neste fascículo, págs. 80-86. O texto “oficial” muito mais breve saiu em “L'Osservatore Romano” de 23/11/1975.

preocupação da Congregação. É ponto fundamental, e diria até vital, para o futuro da nossa amada Congregação.

PRECISAMOS DE HOMENS QUE SEJAM EXPERIENTES DE DEUS

(A direção espiritual pessoal)

Como ponto de partida um episódio que coincide, pode-se dizer, com o Centenário das missões, mas é de bem outra natureza. Naqueles meses de 1875, Dom Bosco teve um grandíssimo desgosto, tanto mais pungente quanto mais tocava profundamente em sua vocação e dignidade sacerdotal. Pois, no outono daquele ano, o seu Arcebispo não lhe concedeu a provisão de confessor. Será mais do que útil reler as páginas das Memórias Biográficas⁽³⁾ que relatam o “triste caso — como o define o P. Ceria da confissão”.

Mesmo nessa provação, que o feria em sua honra de sacerdote e no seu papel de pai espiritual, tirando-lhe a possibilidade de exercitar o ministério das confissões — que era para sua pedagogia e para todo o seu ministério de superior e sacerdote, o verdadeiro remate — Dom Bosco não perdeu a calma e domínio de si. Reagiu como reagem os santos. Para não suscitar “escândalos e falatórios”, deixou o Oratório e foi para Borgo San Martino. Em carta cheia de dignidade que escreveu ao seu Superior, dizia: “Faço-lhe humilde pedido . . . que me tire de uma situação que, se é dolorosa para todos, é bem mais para um Superior de Congregação que se prende a muitas casas . . .”⁽⁴⁾ A questão se aplanou bastante rapidamente. A quem pretendia do santo reação mais enérgica, limitou-se a dizer: “É melhor para nós sofrer um pouco, abaixar a cabeça e calar”⁽⁵⁾.

O P. Ceria, depois de relatado esse desagradável caso, conclui assim: “A posteridade espiritual do Bem-aventurado Dom Bosco devia no correr dos tempos ganhar para Deus

(3) MB, 9, 478-483.

(4) MB, 11, 481.

(5) MB, 11, 469.

muitas almas. Por isso Nosso Senhor o enriqueceu com os tesouros de sua graça e fê-lo crescer em perfeição através de gravíssimas penas, que o elevaram ao cume da santidade e valeram para a Congregação tamanha expensão rica do seu espírito” (6).

O centenário dessa dor, que põe em causa Dom Bosco confessor e diretor espiritual, oferece-me, pois, como disse acima, a oportunidade de fazer convosco umas reflexões sobre esse assunto bem atual e importante. Por isso vos convido a ler e refletir com paciência sobre o tema que vos apresento e desde já vos agradeço.

Duas afirmações fundamentais

O tema da confissão e direção espiritual é vastíssimo e pode ser considerado sob diversos pontos de vista. Aqui vamos encará-lo unicamente na perspectiva de formação *pessoal* (a animação espiritual *comunitária* — ou direção *comunitária* — embora não constitua objeto do nosso trabalho, não será esquecida no momento oportuno). E o encararemos na base destas duas afirmações: não há formação espiritual que não seja pessoal; para Dom Bosco, tudo isso se faz mediante a confissão e a direção espiritual.

Trata-se, como podeis ver, de argumento vital, que se refere e interessa a todos, já que todos somos pecadores, limitados e necessitados de ajuda espiritual. Porém os mais interessados são quantos tenham diretas responsabilidades de formação, e os nossos formandos: noviços, estudantes de filosofia e teologia, tirocinantes, coadjutores de cursos de aperfeiçoamento, novéis sacerdotes. São esses a Congregação do futuro; e o futuro dos Institutos, como seriamente afirmou o Concílio, “depende em máxima parte da formação dos seus membros” (7).

1. A FORMAÇÃO DEVE SER PESSOAL

Na minha carta, de julho passado, vos manifestava minha satisfação pelos sinais de renovação que se verificaram

(6) MB, 11, 489.

(7) *Perfectae Caritatis*, n. 8.

na América Latina. Falava das “iniciativas belíssimas e originais na pastoral em prol da juventude pobre e abandonada, da oração renovada e viva das nossas comunidades, do reflorescimento de vocações jovens e já maduras”⁽⁸⁾. Agora acrescento que as razões que fundamentam minha esperança se arraigam em algo de mais profundo ainda.

Urge formar consciências maduras

Vejo que não poucos irmãos vão adquirindo mais nova e aguda consciência da verdade afirmada, com luzes de intuição sobrenatural, pelo CGE: “para operar o discernimento e a renovação que são indispensáveis, não bastam os historiadores, nem os teólogos, nem os políticos, nem os organizadores: são precisos homens espirituais: homens de fé, sensíveis às coisas de Deus e prontos para uma obediência corajosa, como o nosso Fundador”⁽⁹⁾.

Cresce a persuasão de que agitar-se, programar, discutir, fazer por fazer, não basta: “Se o Senhor não edifica a casa, em vão é que se afadigam os construtores”⁽¹⁰⁾; sem Maria toda fadiga é estéril, porque, como dizia Dom Bosco, “é por ela que existe e prospera a nossa Congregação”⁽¹¹⁾.

Numerosas iniciativas de formação espiritual

Essa consciência está na origem do impulso que vão tomando numerosas iniciativas de formação espiritual que noutros tempos nem se imaginavam. Aproz-me recordar algumas entre muitas:

— os Cursos internacionais de Formação Permanente, que se dão na Casa Generalícia há já dois anos: os resultados são por demais encorajadores;

(8) ACS n.º 279 (julho de 1975), 3.

(9) *Atos do CGE*, n. 18.

(10) Salmo 126, 1.

(11) MB, 12, 578.

— o “Encontro romano” de todos os Mestres de noviços da Congregação, que durou mais de um mês: permitiu uma concordância em muitas linhas de ação referentes à formação dos noviços;

— os importantíssimos “Dias de reflexão sobre a formação sacerdotal salesiana”, que se realizaram em Roma, de 6 a 19 de julho findo, dos quais participaram mais de 40 entre Diretores e encarregados dos nossos estudantes e centros teológicos;

— o esperado “Encontro mundial do Salesiano Coadjuutor”, em que nos problemas de formação muitas vezes se concentraram os debates;

— os “Encontros continentais” dos Inspetores da Europa, da América Latina e do Extremo Oriente, em que se enfrentou o tema: “A Inspeção comunidade formativa”;

— o “Simpósio Salesiano Europeu sobre a renovação dos Exercícios espirituais”, que alcançou grande acordo dos participantes e produziu frutos não menos abundantes;

— o “Biênio de espiritualidade” realizado na Universidade Pontifícia Salesiana, que encerrou com resultados encorajadores o seu primeiro ciclo em julho passado;

— o “Curso de Formação Permanente para os Coadjuutores da América Latina”, que já chegou à segunda edição...

Lembrei tão só as iniciativas de interesse internacional; outras, inspetoriais e nacionais, já não têm conta.

Tudo isso leva à esperança.

Mas não bastam as iniciativas

Mas estaríamos enganados se não percebessemos que vivemos numa situação de crise cultural e religiosa que envolve e sacode a planta até nas suas raízes. As iniciativas a que me referi são essenciais e necessárias, mas não ainda bastantes. Quantas não alcançam a finalidade que se tem em vista, se os valores sobrenaturais de que são portadores não forem assumidos e vividos pessoalmente em profundidade pelos irmãos, em especial os mais moços.

As diversas “formações culturais” e “técnicas” em todos os níveis — psicológico, intelectual, social — embora essenciais ao desenvolvimento harmônico da pessoa, não são suficientes. Devem referir-se a assumir-se no seu princípio unificador de origem, isto é, na “consciência” do indivíduo, entendida como consciência interior do mundo dos valores e capacidade de livre assentimento a esses valores.

A formação espiritual e pessoal dos irmãos moços torna-se destarte, essencialmente, problema de formação das consciências. E porque não há consciência cristã — e, com maior razão, religiosa — que não seja caracterizada pela presença ativa do Espírito Santo nela inabitante, a formação espiritual pessoal outra coisa não poderá ser senão a capacidade habitual adquirida de corresponder livre e responsavelmente à ação do Espírito Santo.

É o pensamento do CGE. Lemos nele: “A formação deve centrar-se na Pessoa e no mistério de Cristo e fundar-se no mistério da Igreja e numa viva experiência de fé. Deverá ser informada pelo espírito de oração e haurir o alimento nas fontes genuínas da espiritualidade cristã”⁽¹²⁾.

Plasmar as consciências

O P. Ceria assegura que essa foi a constante preocupação de Dom Bosco: “Plasmar cristãmente as consciências juvenis foi o propósito dos educadores cristãos: Dom Bosco se preparou para isso num momento histórico em que mais urgente que nunca era sua necessidade”⁽¹³⁾.

O nosso “momento histórico” exige do mesmo modo imperiosamente essa tarefa. Basta olhar ao redor para compreender que no mundo secularizado e pluralista em que nossos jovens são chamados a trabalhar, e do qual vêm, não sobrevivem — religiosamente falando — senão as consciências formadas, crescidas e maduras. Noutros tempos bastavam paredes que nos defendessem, e a majestade da lei; isso já não

(12) *Atos do CGE*, n. 664.

(13) E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 224.

é possível. Hoje até as normas religiosas parecem dessacralizadas.

Apresentando-vos as Constituições renovadas eu mesmo vos fazia notar que estilo, tons e modos das novas Constituições “a alguns poderiam dar a impressão de atenuação das próprias normas. Na realidade, tendo presente a sensibilidade moderna, entendem as Constituições renovadas falar a pessoas adultas, que, por haverem feito uma opção generosa e severa, mas consciente, mais que de expressões imperativas têm necessidade de *voltar a sentir* os grandes e entusiasmantes compromissos livremente assumidos com Cristo Nosso Senhor, a cujo seguimento se consagravam” (14).

Na mesma linha correm as Constituições das outras Famílias religiosas e a “Ratio Formationis” dos Seminários. “Todo o arrazoado da Ratio, diz por exemplo a Conferência episcopal italiana no prefácio que a apresenta, se refere à consciência... A Ratio é estímulo à reflexão, é convite ao empenho pessoal e comunitário, é apoio ao sentido de responsabilidade, é subsídio a um amadurecimento que não pode vir de fora para dentro, mas da resposta livre e responsável à ação do Espírito” (15).

Mas é inútil que me demore em demonstrar o que é evidente. Muitas crises de sacerdotes, clérigos, coadjutores não são crises de consciências falhas, raquíticas e que não frutificaram? E de dentro — disse Jesus — é do coração (lede: consciência) dos homens que saem os pensamentos maus...” (16).

Os protagonistas da formação espiritual

A esta altura podemos perguntar: quem são, na prexe salesiana, os principais protagonistas da formação espiritual? Eis a resposta: antes de tudo, o mesmo formando; mas ao mesmo tempo a comunidade formativa; e de modo particular o diretor, o confessor, o conselheiro espiritual.

(14) *Constituições*, o Reitor-Mor aos Salesianos.

(15) CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *La preparazione al sacerdozio ministeriale* — orientamenti e norme, pág. 15 e 12.

(16) Mc 7, 20.

a) *Antes de tudo, o mesmo formando*

O conceito do jovem irmão que se deve modelar como argila sobre a idéia do religioso salesiano abstrato — se é que foi operativa na autêntica pedagogia salesiana — está superado já faz tempo.

As Constituições falam, hoje, de uma formação “mais pessoal”, mais responsável... Cada um é convidado a assumir progressivamente as responsabilidades da própria formação, e a valorizar os diversos momentos de sua vida”⁽¹⁷⁾; a “cultivar os dons recebidos em vista de um mais eficiente serviço na sociedade”⁽¹⁸⁾. Por isso é que os primeiros e mais diretos responsáveis da formação espiritual são, em dependência de Deus e sob a guia dos formadores, os próprios formandos. Essa afirmação que pode parecer forte, não é senão a doutrina da Igreja, que, nas devidas condições, considera cada um dos fiéis como responsável do seu destino.

Isso não quer dizer abandonar os irmãos moços inteiramente a si mesmos, mas assisti-los, ajudá-los a chegar gradativamente a viverem em “estado de responsabilidade e não com uma responsabilidade intermitente. Estado de responsabilidade que os formandos poderão presumir que moralmente alcançaram na medida em que se tenham tornado capazes de dar a Deus, aos outros e a si mesmos respostas próprias, conforme a sua originalidade pessoal; adequadas, isto é, objetivas; evangélicas, e por isso também conformes às exigências salesianas, isto é, marcadas com o espírito de Dom Bosco.

Bastam essas referências para mostrar que o estado de responsabilidade não é meta que se conquiste uma vez por todas, mas é um processo que jamais terá fim, e que deverá empenhar para sempre.

b) *A comunidade formativa*

Não estou a lembrar o papel importantíssimo que a comunidade formativa, tanto local como inspetorial, é chamada

(17) *Const.*, art. 105.

(18) *Const.*, art. 102.

a desenvolver, nas normas das Constituições, em favor dos nossos irmãos moços. “Nosso espírito deve brilhar de modo particular nas comunidades formativas”, é o que precisamente dizem as Constituições⁽¹⁹⁾. Deus educa *na e pela* comunidade formativa, que é expressão visível do mistério de Cristo; com a ação concorde de todos, mas especialmente mediante os responsáveis diretos, como diz com precisão o CGE.

A sorte “da renovação formativa fica ligada sobretudo à capacidade dos formadores imediatos. Os irmãos chamados a exercer tarefas de formação na Congregação tenham por isso viva consciência de quanto possa depender do seu modo de pensar e agir a formação dos alunos”⁽²⁰⁾. Seu empenho principal é tanto a ação formativa voltada a cada um dos formandos, quanto a ação dirigida a criar e manter o chamado “clima”, ambiente apropriado, à formação, que na realidade pedagógica salesiana é já grande parte do êxito formativo.

Mas a realização do ambiente apropriado, que seja a um tempo comunitário e personalizante, tornou-se em alguns lugares um problema (para não dizer a cruz) dos formadores e dos formandos. Como harmonizar os valores da pessoa e da comunidade, que para alguns parecem inconciliáveis?

Comunidade ou pessoa

Pôr o problema em termos de antinomia — ou comunidade ou pessoa — é pôr um problema falso, disse o Card. Garrone, Prefeito da Sagrada Congregação para a educação católica, aos participantes nos dias de reflexão sobre a formação sacerdotal salesiana. Com a competência que lhe é própria e com a experiência que tem pelo conhecimento direto da situação dos seminários de todo o mundo, analisou diretamente o tema e lhe deu a solução justa. Acho tão preciosa essa parte da sua intervenção que vo-la reproduzo na íntegra.

(19) *Const.*, art. 105.

(20) *Atos do CGE*, n.º 672.

“Na formação dos futuros sacerdotes, disse no exórdio o Cardeal, “desde o momento em que nos orientamos no sentido de uma ‘personificação’ é inevitável que se deva ter em conta a comunidade, e que se tenha a sensação ou experiência de pô-la em dificuldades. A Igreja concebe a formação dos sacerdotes como formação que se deve dar dentro de uma comunidade formadora, seja qual for a forma ou extensão que tenha.

“Que é que aconteceu logo que terminou o Concílio? Procurando a personificação, abandonamos a comunidade. Em muitas partes do mundo o primeiro esforço que se fez nos seminários, em busca sincera e legítima de personificação, consistiu no fato de se aceitar se dividisse ao infinito o que antes era uma comunidade de formação: assim os seminaristas tomaram rumo os mais diversos, deixando o edifício da comunidade, mas deixando também a mesma comunidade.

“Basta ver: em muitos seminários já não há nenhuma vida de comunidade. Os moços vivem como simples estudantes, livres, dois a dois, ou três a três, como querem. Sob pretexto de personificação arruinou-se a comunidade.

A antinomia é só aparente

“Antinomia entre a personificação de uma ação educativa e a existência de uma comunidade — prosseguiu o Card. Garrone — é só aparente. Na medida em que se quisesse ver entre os dois valores contradição, seria isso sinal de que se perdeu o sentido exato do que é pessoa. A comunidade não entra em concorrência com elas senão na medida em que se confunde pura e simplesmente a idéa da pessoa com a idéa da liberdade. Mas é erro grosseiro.

“Não se define, com efeito, pessoa só com liberdade. Define-se com liberdade enquanto esta a condição de outra realidade que é o amor do bem, o amor de Deus, o amor da vontade de Deus, o amor do bem de todos, que é o verdadeiro fim. Não se trata de modo algum de conceder liberdade com o pretexto de respeitar as pessoas, mas de criar lugar, ambiente, onde, na perspectiva de um bem criado em comum, a liberdade de cada indivíduo pessoa expandir-se livremente na iniciativa profunda da sua ação.

Não há dúvida que onde se sacrificou a comunidade, faltou a idéia justa do que é pessoa e do que é comunidade como ambiente educativo. A ação católica especializada, em suas formas puras e originais, deu a essa noção de “ambiente”, em seu maravilhoso trabalho educativo, extrema importância. Contribuiu — o que a sociologia fazia teoricamente — a fazer ver que não se pode de modo algum fazer abstração do ambiente, entendido como realidade original tão importante como as próprias individualidades.

“Onde quer que se reúnam homens em vista de uma finalidade qualquer, cria-se certo ambiente feito de tendências, sentimentos mais ou menos concordes, juízos mais ou menos explícitos, que exercem na vida comum papel bem definido. A melhor ação educativa pode ficar de todo comprometida por um ambiente que não colabora com ela; ao passo que pode ser muito e bem suprida, de muitos modos, por esse mesmo ambiente quando atua no sentido justo.

“Estudar esse ambiente é um dos primeiros trabalhos que se impõem: entender porque existe, e se é ignorado antes de ter sido procurado para conhecê-lo, identificá-lo e orientá-lo em seguida, são os primeiros passos que se hão de dar numa verdadeira obra educativa. Então o ambiente se torna o lugar de exercício e expressão das pessoas; estas se libertam da morbosa introversão que cria problemas mais numerosos do que os que resolve.

“A preocupação do ambiente põe em evidência a necessidade do concurso de todos. Está aqui sem dúvida a parte mais importante da ‘inteligência da comunidade’ que faz descobrir nela o elemento complementar indispensável de uma personalização” (21).

Até aqui o Card. Garrone. A citação, como estais vendo, foi longa; mas nela transparece o pensamento e a sabedoria da Igreja. Devemos tê-los em máxima conta.

(21) CARD. GARRONE, *Discorso ai Formatori salesiani*, durante le “Giornate di riflessione sulla formazione sacerdotale salesiana” (6-19/07/1975). O texto não foi publicado.

c) *Diretor, confessor, conselheiro espiritual*

Na equipe dos formadores têm posição e papel absolutamente único o diretor, o confessor, outros eventuais conselheiros espirituais autorizados e capazes. Deles, do seu ministério é que nos devemos ocupar agora de modo exclusivo.

É impossível exagerar a importância que um hábil diretor de espírito, confessor ou não, tem no destino da vida espiritual de um irmão moço. A ação formativa que por mandato dos bispos ou dos superiores, e em comunhão com eles, a equipe dos formadores desenvolve no plano externo, ele a cumpre por mandato da Igreja, de que em certo modo é sinal de presença, no íntimo das consciências. Tem algo de evangelista, profeta, mestre, pastor, ou antes é tudo isso conjuntamente; é o colaborador silencioso do Espírito Santo na construção do reino de Deus nas almas.

A Igreja lhe confia tarefas delicadas e difíceis: formar jovens religiosos ou futuros sacerdotes “em contato direto” com a consciência; verificar e julgar com autenticidade, e na base de parâmetros exatos de avaliação, o grau de maturidade espiritual que alcançaram, a reta intenção, carismas que têm, numa palavra, a sua idoneidade.

2. O PAPEL DA DIREÇÃO ESPIRITUAL

Nem todos percebem hoje a importância formativa da direção espiritual. Os “dias de estudo” dos estudantados puseram em evidência que até certos irmãos moços lhe demonstram desestima e desinteresse. E isso em nome de sucedâneos modernos da direção, como autodidatismo, reuniões de grupo, diálogo psicológico, revisão de vida etc. Fatores todos que — dizem — subtraindo o indivíduo a uma excessiva introversão e aos interesses egoísticos, nos quais a direção o concentra, abrem-no ao dom de si, à atenção para os outros, a uma vida de compromisso e por isso a uma vida mais autenticamente cristã.

Na realidade, a contestação que se faz à direção de consciência é menos uma contestação da direção em si mesma do que dos abusos, da inautenticidade, da rígida mecaniza-

ção que pode haver, numa palavra, de imagem deformada da direção. Tudo somado, é um apelo implícito à sua autenticidade.

Novos modelos de relações espirituais

No mundo em que a psicologia do homem se renovou profundamente, é natural a expectativa de que se queira também um modelo de relações interpessoais espirituais renovado, de harmonia com as novas sensibilidades.

Confissão, direção, diálogo espiritual são de fato realidades pertencentes à ordem da fé, mas são também realidades que se fundam e desenvolvem nas estruturas da comunicação humana, muito estudadas e aperfeiçoadas hoje. Seria quase erro não tê-las em conta. Há modos de dialogar e comunicar que prejudicam gravemente o diálogo construtivo: ou na forma, ou (coisa pior ainda) nas atitudes básicas. Cumpre saber evitá-los.

Também o juízo de valor sobre a animação sobrenatural dos grupos e da comunidade, feita com responsabilidade à luz do Evangelho, não pode deixar de ser largamente positivo. O CGE é muito explícito a respeito: “Os encontros fraternos quando visam à busca da vontade de Deus, favorecem o fervor da caridade, a fecundidade do apostolado, a alegria espiritual do conviver”⁽²²⁾.

Deve-se até reconhecer que onde é de todo falha a direção espiritual porque os encarregados de dá-la não têm interesse (fato muito grave e inquietador), o grupo espiritual concorde e deveras evangélico pode prestar precioso serviço de suplência.

Em todo o caso cumpre não esquecer quanto acrescenta ainda no mesmo contexto o CGE: “A psicologia, a experiência das almas e a praxe constante da Igreja ensinam que eles (os encontros fraternos) podem ajudar, mas não substituir, a direção espiritual”⁽²³⁾. Nenhuma comunidade nem grupo, de fato, terá jamais o direito de mortificar ou absor-

(22) *Atos do CGE*, n. 678.

(23) *Ibidem*.

ver os traços pessoais e originais dos seus componentes; jamais poderá dispensá-los do uso livre e responsável da consciência.

Mas a direção espiritual é insubstituível

Se devíamos tomar como ponto de partida o que se pode e o que não se pode aceitar dos argumentos que se fazem contra a direção espiritual, é muito mais importante refletir sobre as razões positivas que a justificam: em si mesma, aos olhos da Igreja, aos olhos da Congregação.

São três caminhos diversos que levam à mesma conclusão: a direção espiritual, que se procura no confessor, no diretor, ou em outro conselheiro, praticada segundo esta ou aquela modalidade, é elemento insubstituível da formação espiritual pessoal, sobretudo nos anos da formação inicial.

a) A direção espiritual é uma necessidade do homem

A “direção” no seu significado geral de “ajuda que a geração adulta dá à geração jovem para o crescimento em humanidade” é fato universal. Como ninguém nasce adulto, assim não nascemos adultos nas virtudes mesmo simplesmente humanas: tornamo-nos virtuosos na escola de outros homens virtuosos.

Isso é muito mais verdadeiro para o cristão e para o religioso, por causa da mesma condição da existência cristã decaída e redimida. O crescimento na graça, que é conformidade com Cristo em devir, deveria ser um caminho ordenado, progressivo, irreversível para a realização do projeto divino sobre a nossa vida; deveria ser uma resposta, de compromisso cada dia maior, ao chamamento pessoal da parte de Deus que nos quer “conformes à imagem” do seu Filho⁽²⁴⁾. Praticamente não é assim por causa das renitências do homem carnal ao homem espiritual (a psicologia moderna confirma com rigor científico o que São Paulo ensinou a esse respeito). Entregues a nós mesmos, difícil-

(24) Rm 8, 29.

mente fazemos o que devemos fazer. Temos necessidade de ajuda.

Poder-se-ia dizer que essa ajuda não falta, quer da parte da Igreja, quer da parte do ambiente formativo. Na realidade, quando um indivíduo não está ainda bem estabilizado na vida espiritual, não basta essa ajuda. É necessária a presença de um confidente, de um guia, de “um homem amadurecido no cargo” que nos acompanhe e sustente: sobretudo nas horas das provações, da tentação, da soledade, quando se obnubila o horizonte da fé ou da vocação. Um amigo iluminado, que esteja presente quando estão em jogo as decisões pessoais que decidem da vida.

Esse amigo e guia, diz-nos o P. Albera, é “indispensável” a todos ⁽²⁵⁾. Como poderiam dispensá-lo os irmãos em formação, animados embora de bons propósitos, mas ainda por demais despreparados a viver as austeras exigências da vida religiosa?

Sempre me impressionou muito o respeito que Payot — um descrente, mas amigo sincero dos moços — tem para com a direção espiritual da Igreja:

“É uma necessidade humana — escreve ele —. Oh! se se soubesse a importância que pode ter uma palavra de encorajamento, um bom conselho, até mesmo uma repreensão amiga, nas enigmáticas horas da idade dos vinte anos; se a universidade com sua cultura moral superior, com sua profunda ciência aprendesse da Igreja Católica tudo o que o admirável conhecimento do coração humano sugeriu a essa prodigiosa instituição, prestaria grande serviço sem contraste nem rivalidade à alma da juventude... Nada há que possa suprir a direção de um mestre delicado e experiente” ⁽²⁶⁾.

b) É uma prática constante da Igreja

A direção espiritual, como vedes, se insere na existência: poder-se-ia dizer que é exigência biológica natural e sobrena-

(25) PAOLO ALBERA, *Lettere circolari*, 456.

(26) PAYOT, *L'educazione della volontà*, 316-323.

tural. Eis porque desde sempre faz parte da experiência da vida espiritual cristã. Desde Ananias que autentica a vocação de Paulo, através dos Padres do deserto, os mestres das escolas episcopais da Idade Média, a criação dos mestres dos noviços nos Institutos religiosos e dos diretores espirituais nos seminários, até nós, nunca deixou de existir na Igreja a prática da direção espiritual.

De modo geral pode-se dizer que é tão certo que a direção espiritual é prática generalizada da vida cristã, quão certo é que ela, na generalidade dos casos, é uma constante da iniciação à vida cristã de compromisso, seja ela ou religiosa, ou sacerdotal, ou laical.

Que seja realidade por demais presente à consciência da Igreja do nosso tempo, provam-no a difusão e a estima que tem nos Institutos laicais de hoje e nas Famílias religiosas, onde a renovação espiritual é uma realidade; prova-o o impulso que à direção espiritual deram os Pontífices do nosso século: Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI.

“Sem essa prudente guia da consciência — escrevia Pio XII — em via ordinária é bem difícil secundar os impulsos do Espírito Santo”⁽²⁷⁾. São de particular valor as afirmações do Vaticano II, que estabelece o princípio: “a formação espiritual se dê e faça sobretudo com a ajuda do Diretor espiritual: *directore spiritus praecipue adiuvante*”⁽²⁸⁾. O mesmo Concílio exige que aos futuros sacerdotes “se ensine cuidadosamente a arte de dirigir as almas, mediante a qual podem dar a todos os filhos da Igreja a formação que os leve mais que tudo a uma vida cristã plenamente consciente e apostólica”⁽²⁹⁾. A direção espiritual é recomendada a todos os sacerdotes: “Os presbíteros estimem sobremaneira a direção espiritual”⁽³⁰⁾. O mesmo se diz também aos religiosos⁽³¹⁾.

A “Ratio Fundamentalís”, elaborada com a cooperação dos Bispos de todo o mundo, é ainda mais explícita neste ponto. No número 55 assim se expressa: “Cada um tenha o

(27) *Menti nostrae*, n. 54.

(28) *Optatam totius*, n. 8.

(29) *Ibidem*.

(30) *Presbyterorum Ordinis*, n. 19.

(31) *Perfectae Caritatis*, n. 4.

seu diretor espiritual, a quem abrirá com humildade e confiança a própria consciência, para ser dirigido com maior segurança nas vias do Senhor”.

Esses documentos confirmam uma verdade consoladora: a Igreja é mãe e está ao lado de seus filhos. Alcança-os — na mediação dos seus representantes — também no lugar onde o mistério do homem se encontra com o mistério de Deus, para ajudá-los e assisti-los no seu crescimento ordenado e no seu amadurecimento em Cristo.

De aqui a situação de extrema gravidade em que se coloca o candidato ao sacerdócio ou o religioso moço que quer trilhar sozinho o seu caminho, ou então apoiar-se em guias que a Igreja não aprova.

c) É uma característica fundamental de Dom Bosco

A vida de Dom Bosco é longo trabalho todo voltado à formação de “consciências cristãs”: bons cidadãos para a cidade terrena, bons cristãos para a cidade celeste. Essa formação que não descarta nenhum recurso da pedagogia humana, funda-se real e exclusivamente nas grandezas da fé, é uma pedagogia espiritual cristã.

Ora, no centro dessa realidade pedagógica e formativa Dom Bosco coloca, bem o sabemos, a prática sacramental: expressão que na sua terminologia é sinônima de “confissão e eucaristia”. Aquela ordenada a esta. Não vou fazer citações, que seriam intermináveis e que vós, aliás, conheceis.

Deixando de lado o tema da eucaristia, voltemos nossa reflexão à “confissão”, que, logo veremos, para Dom Bosco se prolonga normal, embora não necessariamente, na direção espiritual. Uma leva à outra.

Uma pergunta: por que o Salesiano, que vive na casa de Dom Bosco e como que identificado com a sua missão, deve por sua vez dar tamanha importância, em sua vida pessoal como em sua ação pastoral, à confissão-direção? A resposta parece óbvia: porque a vida espiritual pessoal de Dom Bosco se arraíga na prática da confissão-direção; porque o ambiente sobrenatural de Valdocco está construído em medida consi-

derável nessa mesma prática; porque a pedagogia de Dom Bosco é, em grande parte, pedagogia da confissão-direção.

Dom Bosco se deixou dirigir

Também em questão de confissão-direção, Dom Bosco, modelando-se em Jesus, “primeiro fez, depois ensinou”.

“Dom Bosco — escreve o P. Ceria — afeiçoou-se à confissão desde a mais tenra idade e mudança alguma de vida pôde enfraquecer nele a amorosa propensão a se aproximar com freqüência da confissão. De fato, ia espontaneamente, mesmo quando sua mãe já não o levava e ia muitas vezes, como geralmente não se fazia naqueles tempos, especialmente tratando-se de meninos e menos ainda dos pequeninos e dispersos filhos de camponeses. Estudante em Chieri e dono de si mesmo, pensou logo em arranjar confessor estável, o qual embora vendo-o de condição humilde e de modos simples, entretanto de sua diligente assiduidade à confissão presentiu um grande futuro. Clérigo no seminário, distinguiu-se logo e sempre pela pontualidade regular com que não passava semana sem se confessar. Padre, em Turim, confessa-se cada oito dias”⁽³²⁾.

Nas suas “Memórias do Oratório” Dom Bosco fala dos seus diretores espirituais — e alguns foram distintíssimos, como S. José Cafasso — com palavras que demonstram toda a sua gratidão para com estes insignes “amigos e pais” da sua alma. Mas fala também de sua esclarecida confiança e confidências para com eles, com certeza também para estimular seus filhos a fazerem o mesmo.

Escreveu, lembrando seu encontro com o P. Calosso: “Pus-me logo nas mãos do P. Calosso, que fazia só poucos meses viera para aquela capelania. Fiz-lhe conhecer-me to-dinho. Palavras, pensamento, ação que fosse, manifestava-lhe prontamente. Isso lhe agradou muito, porque assim podia com segurança orientar-me interior e exteriormente. Entendi

(32) E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 173.

(33) *Memorie dell'Oratorio*, 36.

então o que signifique ter a orientação estável de um amigo fiel da alma, que não tivera até então”⁽³³⁾.

No elogio que faz à memória de seu grande benfeitor e Pai da sua alma, São José Cafasso, transparece a consciência que tinha de que sem a ajuda dessa orientação iluminada, diferente teria sido o seu futuro sacerdotal: “O P. Cafasso que havia seis anos era o meu guia, foi também o meu diretor espiritual; e se fiz algum bem, devo-o a esse digno eclesiástico, em cujas mãos depus toda deliberação, empenho, ação de minha vida”⁽³⁴⁾.

Embora rico de carismas e graças não comuns, não sou nunca fiar-se só de si: queria que a Igreja, na pessoa dos seus confessores, lhe desse a garantia de estar caminhando segundo Deus. Foi o conselho, como ele mesmo diz, de um sacerdote esclarecido que o dissuadiu do propósito de se fazer franciscano⁽³⁵⁾; foi o P. Cafasso que lhe deu a garantia da sua vocação ao sacerdócio: “Aconselhei-me com o P. Cafasso, que me disse fosse para a frente e me apoiasse na sua palavra”⁽³⁶⁾; e foi ainda o P. Cafasso que lhe garantiu que Nosso Senhor o chamava ao apostolado da juventude abandonada⁽³⁷⁾.

Tão viva e perseverante afeição à confissão-direção frequente, era sinal de sua ininterrupta custódia do coração e da sua autêntica santidade.

Dom Bosco criou um clima de intensa espiritualidade

A prática pessoal de Dom Bosco com relação à confissão-direção se refletia nos seus ensinamentos escritos e orais, na sua praxe pedagógica e contribuía em larga escala a criar o clima e o ambiente sobrenatural de Valdocco.

Confissão e direção são, a um tempo, causa e efeito de uma vida autenticamente cristã. Em torno de São Felipe Neri, de São José Calasans, grandes educadores de jovens,

(34) *Ibidem*, 123.

(35) *Ibidem*, 80.

(36) *Ibidem*, 113.

(37) *Ibidem*, 132 ss.

florescem, com a prática da direção, ambientes caracterizados por intenso fervor espiritual. Em Valdocco havia esse “clima” esse “ambiente”: era o que se respirava.

“Quem visita o Oratório — escrevia o bispo de Vigevano, De Gaudenzi — e os vários Institutos erigidos e governados por Dom Bosco, auxiliado pelos seus sacerdotes, sente logo um ar de piedade que não se sente facilmente em outros institutos: parece que nos institutos de Dom Bosco se respire precisamente o bom odor de Cristo” (38). Testemunhos como esse, que são numerosos nos processos de beatificação e canonização, dizem até que ponto se vivesse comunitária e individualmente o realismo da vida espiritual, a experiência da intimidade com Deus.

A alegria irradiante do rosto de muitos meninos era a felicidade de Dom Bosco. Na vida de São Domingos Sávio depara-se-nos esta afirmação: “Sávio estava contente consigo mesmo”. O santo menino estava contente consigo por muitos motivos: era um enamorado da eucaristia, depois tinha a alegria da confissão-direção: “Se alguma coisa me incomoda — dizia Domingos Sávio — corro ao confessor que me aconselha segundo a vontade de Deus, pois Jesus Cristo disse que a voz do confessor para nós é como a voz de Deus” (39).

O oratório é uma família espiritual com forte coesão espiritual; é o mais belo resultado da cooperação entre meninos, coadjutores, clérigos, sacerdotes, sob a direção incomparável de Dom Bosco. Direção que se resolve numa prudente, articulada, programada animação espiritual comunitária, fundada na Palavra, nos Sacramentos, no culto.

Escreve o P. Ceria: “A vida espiritual do Oratório florescia com simpática espontaneidade. Era alimentada pela oração em comum, pela freqüente Confissão e Comunhão e pela “boa-noite”. Outras práticas periódicas a estimulavam, como a pregação nos dias festivos, o exercício mensal da boa-morte e os exercícios espirituais pelo meio do ano escolar. Contribuíam também para uma piedade as festas religiosas preparadas com cuidado e celebradas com solenidade. Sustentavam ainda esta piedade quatro Companhias ou Associa-

(38) E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 232.

(39) João Bosco, *Vida do jovem Domingos Sávio*, cap. 2.

ções internas. . . Mais do que tudo e todos, porém, a piedade era influenciada por Dom Bosco e pelo seu exemplo, pela sua palavra e pelo exercício do seu ministério de confessor. A bondade de Dom Bosco irradiava em toda a parte. Era como o sol, que difunde luz e calor mesmo onde não se vê. Mantinha o ambiente sereno e despertava nos meninos o desejo de contentá-lo” (40).

A bondade que se irradia da pessoa de Dom Bosco não é, entretanto, uma bondade qualquer: é o encantamento do “homem de Deus”, do “pai das almas” que se lhe entregam ilimitadamente. Dom Bosco, como superior e fundador, sempre teve e exerceu uma primazia de evidente autoridade jurídica; porém, a primazia mais verdadeira, a que o faz grande aos olhos dos seus filhos e lhe granjeia confiança, é a primazia da paternidade espiritual: “Chamai-me sempre pai” (41).

Dom Bosco foi pai espiritual dos seus meninos

Um “pai” que é ao mesmo tempo e sempre “o amigo”, o “irmão” de todos. “Tu, então — escreve Dom Bosco ao mais do que jovem diretor em Navarre, o P. Perrot — vais em nome de Nosso Senhor: vai, não como superior, mas como amigo, irmão e pai. O comando seja a caridade que se empenha a fazer bem a todos e mal a ninguém” (42).

Uma “bondade paterna sobrenatural” a sua, enraizada no sacramento da ordenação, aperfeiçoada no exercício da confissão-direção, da qual ressuma algo da ternura divina que Deus comunica aos ministros do seu perdão, e que todo sacerdote-confessor conhece.

“A tradição da paternidade do diretor — escreve o P. Rinaldi — Dom Bosco transmitiu-a aos seus diretores quase unida ao ato e à realidade mais sublime da regeneração espiritual no exercício do poder divino de perdoar os pecados” (43).

(40) E. CERIA, *Dom Bosco com Deus*, 232.

(41) MB, 17, 175.

(42) E. CERIA, *Epistolario di San Giovanni Bosco*, 3, 360.

(43) *Atos do 12.º Capitulo Geral* (1931), 939.

A paternidade de Dom Bosco — o P. Rinaldi viu-a em profundidade — é típica paternidade sacerdotal: parte do sacramento, alimenta-se do sacramento e se difunde no ambiente de Valdocco como uma ação sobrenatural, como aragem que não se sabe donde vem e aonde vai. E é essa a paternidade que o terceiro sucessor de Dom Bosco vê como nota característica do salesiano, a qual se deve conservar a todo o custo.

“Como seria belo — escreve ele — que os nossos diretores, evitando ouvir de confissão os próprios súditos diretos, confessassem regularmente os externos dos oratórios festivos e dos círculos juvenis; como ainda, nos limites do possível, os alunos de outras nossas casas vizinhas, e muitos outros jovens viriam de muito boa vontade se os diretores fizessem reflorescer a tradição sublimemente paterna do fundador, conquistando-os com extremas finezas da sua delicadíssima caridade e bondade”⁽⁴⁴⁾.

Quando os irmãos moços pedem o “suplemento de alma” que por vezes não encontram em nossas comunidades, não é por essa “tradição sublimemente paterna” que estão suspirando? E como pode ela nascer e desenvolver-se senão num “relacionamento de confiança”, de “amizade” e de “fraternidade” espirituais — palavras queridas de Dom Bosco — que motive os interesses profundos da pessoa num relacionamento autenticamente espiritual, sempre possível ainda quando não se dê mediante a confissão?

A confissão-direção no sistema de Dom Bosco

Consideremos mais de perto o que a confissão-direção representou e representa no sistema de Dom Bosco. Dom Bosco não só integrou no seu sistema a confissão-direção como sublime momento pedagógico, mas fez dela, como se expressa, a “coluna”, a “base”, o “fundamento” e o “sustentáculo” de tudo.

Pensem em quanto Dom Bosco escreve sobre esse argumento nas incomparáveis biografias de Miguel Magone,

(44) *Ibidem*.

Francisco Besucco, Domingos Sávio. Talvez alguém — escreve o P. Braido — embora admirando e amando a Dom Bosco, pense sempre no saltimbanco de Becchi. O ‘chefe dos garotos’ é ao invés profundo, decidido, exigente, educador, que concebe a ação educativa com grande sentido de responsabilidade, como trabalho que empenha. Enquanto não se chega em profundidade à consciência, à interioridade da pessoa, é tempo perdido qualquer coreografia e qualquer demonstração de massa e força.

“Essa foi a direção espiritual que Dom Bosco concebeu e efetuou com os meninos, gradual e relativamente ao grau de bondade e formação que cada um tivesse ou pudesse ter alcançado. Porém, na forma mais essencial para Dom Bosco é ela necessária para qualquer categoria de meninos e pede e recomenda a todos que se dê normalmente na confissão ou alhures” (45).

Estes relevos são pertinentes: concordam com o pensamento do P. Caviglia: “A sua pedagogia real estava nisto — escreve o P. Caviglia — e não se compreenderá nunca Dom Bosco educador ou formador de santidade, senão pensando nele como confessor dos seus meninos. Essencialmente, como condição inderrogável, a sua direção era a direção interna das almas e o seu trabalho educador e transformador se realizava na confissão” (46).

Para Dom Bosco a confissão tem função essencial de formação quer como sacramento, quer como ocasião privilegiada de direção espiritual.

A confissão como sacramento

Para Dom Bosco a confissão é, obviamente, antes de tudo e sempre, o sacramento da reconciliação do pecador com Deus, com a Igreja, e com os irmãos que “por causa do pecado sempre sofreram um dano” (47).

(45) P. BRAIDO, *Dom Bosco*, 87.

(46) DON BOSCO, *Opere e scritti editi e inediti*, vol. 4.º, parte I, 83.

(47) *Ordo paenitentiae*, n. 5.

Dom Bosco acredita no inferno, no pecado grave: está persuadido de que quanto mais a sério se tomam os preceitos de Cristo, com tanto maior frequência se percebem em profundidade as próprias deficiências, os próprios defeitos e a própria pecaminosidade. Eis por que se torna “mártir” da confissão”, apóstolo do perdão, pedagogo insuperável em inspirar horror ao pecado, atrativo para a vida da graça, para a amizade com Jesus.

A confissão-sacramento é o lugar privilegiado da sua educação ao temor de Deus, que já é metade da sua pedagogia: “Toda a sua pedagogia — fala o P. Albera — se concentra só em duas palavras: a caridade e o temor de Deus... Meditai seriamente e analisai o mais particularizadamente que puderdes a “magna carta” da nossa Congregação que é o sistema preventivo, que apela para a razão, para a religião e para o carinho; em última análise, porém, deveis convir comigo que tudo se reduz a infundir nos corações o santo temor de Deus; infundi-lo, digo, enraizá-lo de modo tal que fique para sempre, mesmo em meio ao desencadear-se das tempestades...”⁽⁴⁸⁾.

A confissão como ocasião de direção espiritual

Acusação das faltas e necessidade de direção são duas exigências da natureza humana. Prova-o claramente o recurso cada vez mais frequente aos psicoterapeutas e aos conselheiros em todos os tipos de orientações. É essa uma das principais razões que levam a confissão a se alargar na direção espiritual. “Essa união entre confissão, absolvição e direção — como notou recentemente o episcopado suíço — é eclesialmente muito significativo”⁽⁴⁹⁾.

Era-o para Dom Bosco, que “confessando dirigia”: a confissão sacramental era-lhe meio, caminho normal e comum de direção, essencial, eficaz, breve, que dava aos seus penitentes, meninos e irmãos moços. Nem se pode pensar em Dom Bosco confessor, sem pensar nele também, ao mesmo tempo, como num agente de progresso espiritual. Sua

(48) P. ALBERA, *Lettere circolari*, 342.

(49) Na pastoral *Penitenza e confessione*.

insistência sobre o confessor estável, abertura total ao confessor e sobre a manifestação sincera de quanto embora não exigido para a integridade da acusação, pudesse iluminar o confessor, são feitas decididamente em vista da direção espiritual.

“Crêem alguns — disse uma vez na Boa-noite — que basta abrir inteiramente o coração ao diretor espiritual para começar vida nova, e que é geral uma confissão quando dizem tudo. Isso é muito, mas não é tudo. Trata-se não só de remediar o passado, mas também de garantir o futuro... Quanto ao futuro, para caminhar com segurança deveis revelar os vossos defeitos habituais, as ocasiões em que costumáveis cair, as paixões dominantes; ater-vos aos conselhos que vos derem, pondo-os fielmente em prática; e depois continuar a manter aberto o coração com toda a confiança, manifestando vez por vez vossas necessidades, tentações, perigos, de maneira que quem vos dirige possa guiar-vos com segurança” (50).

Dom Bosco, que é profundo conhecedor da alma humana e ao mesmo tempo um grande santo, distingue-se no exercício das funções que são tradicionalmente próprias do confessor: funções de juiz, mestre, médico, guia, pastor e pai. “O confessor é um pai, que deseja ardentemente fazer-vos todo o bem que pode e procura afastar de vós todo o mal” (51).

A direção fora da confissão

Dom Bosco tornou privilegiada a confissão como momento ideal para a direção de consciência, mas não a ligou necessariamente a ela. Também fora do confessionário dirigia espiritualmente seus filhos em modos e com método todo próprio.

São “direção espiritual” mais que os longos colóquios de intimidades que não condizem com o seu realismo pedagógico (embora haja razoáveis e motivadas excessões), os “colóquios” e os “encontros de alma”, tão breves quanto intensos, escalados nos momentos mais imprevistos do dia, as

(50) MB, 7, 721.

(51) Dom Bosco, *Vida de Miguel Magone*, 25.

“palavrinhas ao ouvido” (carisma que todo salesiano deveria ressuscitar), certos “olhares penetrantes”, que liam no fundo do coração, certos “gestos” e certos “apertos de mão” bem mais eloqüentes do que as palavras. E os inúmeros “bilhetinhos” e “cartinhas” que ele, apesar de oprimido por acúmulos de trabalho, escrevia de quando em quando aos seus meninos, para estimulá-los: alguns a fazerem as pazes com Nosso Senhor, outros a se darem a Deus em formas mais empenhativas e generosas de vida cristã.

Convém ainda dizer que confidências espirituais eram o ar tão próprio do Oratório que para muitos meninos se prolongava na vida: “A confiança no diretor espiritual, a necessidade de se abrir com ele — observa o P. Caviglia — era, bem se pode dizer, coisa de todos os que se valiam do ministério de Dom Bosco: pois a confiança que a sua santidade logo infundia no menino que lhe falava era tamanha, que ninguém fazia diferença ao falar-lhe — em confissão ou fora dela — das coisas mais íntimas e delicadas” (52).

Outros fundadores empregaram — e fazem-no ainda hoje — metodologias de direção espiritual mais introspectivas e analíticas. A que Dom Bosco adotou foi e é extremamente simples; entretanto, examinando bem, igualmente essencial e exigente. Os que redigiram o grande “Dictionnaire de Spiritualité”, tão ponderados nas suas opiniões, bem o reconheceram: “Homem de ação — dizem — intuitivo. Dom Bosco não perde tempo nem em largas conversações, nem em escrever cartas de direção; diretor, exerce sua ação no confessorário: três, quatro frases quando muito, mas bem justas! Essas exortações propositais eram a receita que dava para ser aplicada imediatamente ao mal. Semelhante direção era praticada em Turim por São José Cafasso e em Ars por São João Maria Vianney” (53).

O colóquio com o Superior

Até agora não falei do colóquio com o superior: não é objeto do nosso tema, embora em perspectiva não tenha estado ausente.

(52) Don Bosco, *Opere e scritti editi e inediti*, vol. 4.º, parte I, 85.

(53) *Dictionnaire de Spiritualité*, III, col. 1137.

Mas agora torna-se necessário uma breve referência.

Até 1874, na experiência espiritual de Valdocco, como vimos, os meninos que tinham mais confiança com Dom Bosco não faziam muita distinção entre o que diziam a Dom Bosco em confissão e fora dela. Também os encontros que não eram motivados por razões de consciência, como os relativos à saúde, ao trabalho, ao andamento da casa etc., que Dom Bosco, bom pai que era, tinha em muita consideração, eram caracterizados por espírito de família, em cordial e afetuosa confiança.

A Dom Bosco os seus filhos de boa vontade tudo diziam.

Isso explica por que, ao exarar, em 1858, “pela primeira vez”, o artigo sobre a abertura com o superior, fosse ele redigido de modo a abraçar tanto a vida interna quanto a externa dos irmãos: “Cada um — lemos — tenha grande confiança no superior; não guarde nenhum segredo no coração. Tenha sempre com ele sua consciência aberta sempre que for interrogado ou sentir disto necessidade” (54).

Esse artigo regulará a praxe da Congregação até 1874. Mas com a aprovação definitiva das Regras, foi ele radicalmente mudado para salvaguardar a liberdade de consciência. O colóquio com o superior devia versar tão somente sobre coisas de natureza externa. Dom Bosco, que teria preferido que a autoridade eclesial o autorizasse a prosseguir na sua experiência, adaptou-se à norma estabelecida. No fundo ficou satisfeito e dali para a frente fará sempre clara distinção entre confissão — reservada aos pecados e às coisas mais íntimas — e colóquio com o superior, limitado às coisas exteriores.

Exigirá de seus diretores a mesma coisa: “Nos rendicontos haja cuidado em não entrar em coisas de consciência. Estas devem ser totalmente separadas” (55).

No fundo nada tinha a perder da antiga direção, pois a pessoa a quem o irmão recorria, quer para a confissão, quer para o colóquio era sempre o mesmo: o diretor da casa.

(54) MB, 5, 936.

(55) MB, 11, 354.

Esse colóquio, como se praticava nos primeiros tempos, continua sendo um momento único e que não se repete na história espiritual da Congregação; mas os diretores de hoje deverão ainda renovar o seu encanto, estimulando-se a fazer, em contexto e modalidades diversas, muito do que faziam os diretores de então.

O diretor dos primeiros tempos

Não nos devemos esquecer de que exatamente por essas suas qualidades e preocupações, mais espirituais que organizativas, o diretor era extremamente amado. A pessoa ficava como que envolta num halo de transcendência que despertava respeito. Eis como o P. Lemoyne fala dos antigos diretores numa das suas mais belas páginas.

Depois de ter reportado as “lembranças confidenciais” dadas por Dom Bosco ao P. Rua que estava enviando a Mirabello como primeiro diretor, escreve: “O regulamento devia ser interpretado com o espírito e tradições de Valdocco, que punham como fundamento da educação dos meninos a frequência dos Sacramentos. E para que ela tivesse a primazia de honra no colégio, Dom Bosco estabelecera que o diretor espiritual, na pessoa do diretor, fosse a primeira dignidade e autoridade. Devia ele pregar, dar aulas de teologia, e a boa noite depois das orações. Era o confessor ordinário da comunidade. Devia estar pontualmente ao confessionário cada manhã durante a Missa e à tarde na véspera dos dias festivos ou do Exercício da Boa Morte. Isso era recopiar em si o zelo de Dom Bosco pela salvação das almas.

“O cargo do diretor era paterno e por isso próprio para conquistar coração e confidências dos meninos, e por motivo algum devia assumir por pequeno que fosse um papel odioso. Isso cabia aos outros superiores.

“Cabia ao prefeito a administração material, a disciplina de todo o colégio... Para evitar alguns relacionamentos entre o diretor e os pais dos alunos, só o prefeito é que tinha o escritório perto da portaria, onde se conservavam todos os registros e onde ele atendia aos pais. Cabia ao catequista a vigilância sobre o procedimento moral e religioso: igreja,

dormitório, enfermaria; a parte escolar, os passeios, o teatrinho ao diretor dos estudos. Esses três superiores, com alguns conselheiros, davam as notas de procedimento e o diretor nunca tomava parte nessa reunião e os alunos bem o percebiam vendo que o diretor lá não estava.

“Era ótimo este sistema, e fruto especial e continuado foram uma maravilhosa e incontestável confiança dos alunos com o diretor, uma freqüência consoladora dos sacramentos e numerosas vocações eclesiásticas e religiosas”⁽⁵⁶⁾.

O P. Lemoyne — que escreve em 1908 — conclui com esta lacônica observação em que revive ainda o drama interior dos antigos salesianos: “Mas isso que era necessário para fundar a Pia Sociedade já não foi julgado conveniente depois da morte de Dom Bosco, pelo Poder da Igreja, e, como a palavra do Pontífice é a palavra de Jesus Cristo, obedecemos aos seus decretos”⁽⁵⁷⁾.

3. DOS PRIMEIROS TEMPOS AOS DIAS DE HOJE

As coisas mudaram — como sabemos — trinta anos depois, com o decreto que proibia que os diretores das casas salesianas confessassem os próprios dependentes. A ordem da Santa Sé proibia uma modalidade de uso da confissão-direção, mas não tocava na confissão em si mesma, nem na “centralidade” que a direção espiritual tinha e tem no sistema educativo de Dom Bosco.

Defendendo a liberdade de consciência, a Igreja defendia um valor altamente positivo também para os filhos de Dom Bosco: acabava de vez com o mal-estar e resistências psicológicas de muitos irmãos que já mal se adaptavam a se confessar com o próprio diretor; dava de novo à prática da confissão sua total autenticidade; facilitava de modo definitivo a prática habitual da penitência⁽⁵⁸⁾.

Essas razões nos são hoje evidentes; não o eram então igualmente para todos. Devemos até reconhecer que a ordem

(56) MB, 7, 520.

(57) MB, 7, 521.

(58) *Annali della Società Salesiana*, 3, 190.

da Santa Sé encontrou a Congregação despreparada à mudança improvisa que se lhe impunha. Não se tinha tido bem em conta, dirá o Card. Rampolla, da “índole especial dos Salesianos, nos quais os Diretores, e com eles o Superior Geral, têm mais que qualquer outro papel, o de pais espirituais”. Era o que o mesmo P. Rua havia declarado: “Conforme o espírito do Fundador e as tradições salesianas, o diretor dos nossos Institutos se acharia quase na condição do diretor espiritual num seminário”⁽⁵⁹⁾.

Um período de desorientação

Sabemos da obediência heróica do P. Rua e da dos seus irmãos. Isso não significa que a providência da Santa Sé não tenha então provocado ferida dolorosa, e dado ocasião ao período de desorientação e confusão em coisa tão delicada, de cujas conseqüências talvez nos ressentamos até hoje. Deixando de ser confessores ordinários da casa e não se tendo esclarecido logo nem a posição de diretor (diretor espiritual da comunidade, ou animador, como preferimos dizer agora) e de cada um dos irmãos, nem a do confessor-diretor de consciência, sobrevieram duas graves conseqüências.

Os diretores ficaram tentados, também sob a pressão de não poucos fatores de ordem externa, a se tornarem cada vez menos sacerdotes e cada vez mais gerentes da obra externa, cada vez menos educadores da vida espiritual dos irmãos e cada vez mais organizadores das atividades externas: escolares, administrativas etc. Por sua vez ficaram os confessores tentados de genericismo, e reduzidos, por vezes, a meros distribuidores de absolvição.

Não é difícil calcular o dano espiritual que corria o risco de causar semelhante situação de coisas.

Era necessário tornar a Dom Bosco

Quem lê a história da Congregação sabe quanto os Capítulos Gerais e os Superiores tenham feito para impedir a

(59) *Ibidem*, 3, 178.

contrafacção do ideal do diretor salesiano, e para restituí-lo às suas tarefas e funções de sacerdote educador, pai espiritual da comunidade.

No Capítulo Geral de 1910, o P. Felipe Rinaldi afirmou que chegara o tempo de se redefinir a posição dos diretores nas casas, depois do decreto sobre as confissões. “Devemos tornar — disse ele — ao espírito e conceito de Dom Bosco, como se manifestou especialmente nas “lembranças confidenciais”⁽⁶⁰⁾ e no Regulamento. O diretor seja sempre “diretor salesiano”. Salvo o ministério da confissão, não se mudou nada.

O P. Bertello deplorou que os diretores tivessem julgado que deviam com a confissão deixar também o cuidado espiritual da casa, dando-se a encargos materiais. “Esperamos — disse — que tenha sido coisa momentânea. É preciso voltar ao ideal de Dom Bosco, descrito no Regulamento”. O P. Albera concluiu dizendo: “É questão essencial para a vida da nossa Sociedade que se conserve o espírito do diretor conforme o ideal de Dom Bosco; de outro modo mudamos a maneira de educar e não seremos mais salesianos”⁽⁶¹⁾.

O mesmo assunto, com acentuação diversa, aparece no testemunho do P. Rinaldi, do P. Ricaldone, do P. Ziggitti.

Eu mesmo em muitas reuniões de inspetores e diretores senti o grave dever de consciência de repisar nos mesmos pontos, mas não me canso de ainda insistir.

O diretor volte a ser pai

O diretor seja o “diretor salesiano”, a saber, tenha sempre a fisionomia, o papel, as funções que Dom Bosco, arquétipo e modelo insuperável dos diretores, quis que tivesse.

Urge recuperá-lo — deixando a outros “os inúmeros encargos organizativos, disciplinares, administrativos, como Dom Bosco fazia com o P. Rua — urge recuperá-lo repito, à

(60) Podem-se ler aí, 1, 49-53.

(61) Ibidem, 4, 8-9.

sua tarefa de “animador espiritual da comunidade”, de “formador”, de “presidente da caridade”⁽⁶²⁾.

“Irmão entre irmãos”, “membro” da comunidade a que preside, está na melhor posição para levedar espiritualmente, por dentro, a comunidade. Mas a essa animação espiritual é também ordenado essencialmente o “serviço de autoridade” que exerce na qualidade de sinal e sacramento privilegiado de Cristo. Tudo, na vida e ação do diretor, deve ser ordenado — como dizem as constituições (art. 35) — à construção, santificação e governo espiritual da célula viva do Corpo Místico de Cristo que é a sua comunidade.

Não somos por certo do número dos que têm saudades do diretor de cem anos atrás e não julgam bom senão o que então se fazia. Evolução e progresso são processos vitais que não podem parar: também a figura do diretor evolui no tempo. Mas se essa evolução lhe fizesse perder os traços essenciais e o papel espiritual, poder-se-ia ainda falar em progresso? Não deveríamos, ao contrário, dizer que deformando o modelo que Dom Bosco nos deixou, estamos destruindo o seu projeto por outro que não é seu?

Hoje, já não é tempo de incertezas

Pelo passado, em tema de direção espiritual podia haver e de fato houve, hesitações e incertezas. Essa fase foi felizmente superada: agora já é tempo de nos empenharmos seriamente em realizar o que os dois últimos Capítulos Gerais deliberaram, em forma muito decisiva e clara, sobre este assunto. Releiamos juntos a propósito um ponto dos Atos do CGE, que por essa clareza, transcrevo quase por inteiro.

“Tendo em conta a importância da direção espiritual na formação dos irmãos, e para facilitar a sua prática insubstituível, tornando-a mais eficaz e proveitosa, o Capítulo Geral recorda que é indispensável distinguir dois âmbitos na direção espiritual: o comunitário e o pessoal ou de consciência.

“Na comunidade formativa a direção espiritual comunitária é da competência do diretor, animador espiritual da

(62) *Atos do CGE*, n. 502.

comunidade. Ele a realiza através do exercício da autoridade paterna, de conferências, de boas-noites, de exortações em público e em particular, de colóquios etc. Além do encargo da direção espiritual da comunidade, é também o mestre espiritual do pessoal em formação, ou seja, é ele o principal responsável pelo andamento formativo da comunidade e de cada um.

“Pessoalmente, os salesianos em formação tenham a devida liberdade na escolha do seu diretor de consciência. Secundando um desejo da Igreja, seguindo o exemplo de Dom Bosco e na linha da tradição salesiana, o diretor da comunidade é sempre também o diretor espiritual proposto, mas não imposto, a cada um dos irmãos. Seja por isso revalorizada a sua figura como verdadeiro diretor do espírito. Mas os irmãos em formação podem também dirigir-se aos confesores ou a outros irmãos capazes e preparados” (63).

Como vedes, o CGE não desce a pormenores. Supondo as diretrizes da Igreja e a praxe salesiana sobre tempos e modos de confissão e direção, ele se fixa no essencial: a saber, a necessidade de que não se rompa a continuidade do contato vital com o formador, a respeito dos ritmos pessoais e do amadurecimento espiritual ao longo de todo o período formativo.

Os irmãos têm, pois, liberdade para escolher como diretor de consciência o confessor ou outro irmão que inspire confiança, e que por dados oportunamente avaliados se mostra o mais adaptado, para guiá-los nos caminhos de Deus. Mas são igualmente livres o que se sentem inspirados a se confiarem ao próprio diretor. Mas os irmãos moços se recordem de que esta segunda escolha — como disse o CGE — reflete um “vivo desejo” da Igreja e de Dom Bosco.

Um conselho prático do P. Caviglia

Eis um conselho prático do P. Caviglia a um grupo de estudantes de teologia, expresso em seu estilo um tanto faceto e incisivo que usava nas conversações familiares.

(63) *Ibidem*, n. 678.

“Devemos considerar a confissão também como instrumento de direção espiritual. É verdade que há o rendiconto e dele se cuida bem no período do clericalo, mas nas casas os diretores têm outras coisas pela cabeça. Por isso algumas vezes o vosso único remédio será a confissão: infelizmente as circunstâncias levam a isso.

“Antes de tudo consideremos a figura do confessor não como a de um padre que dá absolvição como qualquer outro em ponto de morte, mas consideremo-lo como o homem de confiança, ao qual abrimos toda a nossa alma, para que a guie e leve para frente, educando-a. Se considerarmos o confessor como uma lavadeira, não teremos nunca uma educação espiritual. Entretanto praticamente é assim.

“Lembremos bem que Dom Bosco quis o confessor estável exatamente por causa da direção. Por isso quando tiveres que mudar de casa, olha o confessor com olhos assim: faze primeiro uma confissão geral ou uma conversa cara a cara, e assim acharás o teu guia. Dom Bosco insistiu sobre a confissão semanal e mensal de recapitulação, precisamente para esse controie.

“Não menos essencial que a direção é a submissão, a obediência ao confessor. És tu quem lhe deve dar a autoridade, do contrário, nada combinado. Bendigo os tempos da minha juventude, em que o confessor devia ser o diretor da casa. A Santa Igreja proibiu isso por motivos praticamente úteis, mas o fato é que agora o confessor não tem mais por parte dos penitentes salesianos a autoridade que deveria ter.

“Tu és que te debes deixar guiar e não ser cabeçudo. Tão só se fizeres como ele te diz, é que a confissão ilumina e corrige, torna-se educativa no sentido de Dom Bosco, que dela só fez o ponto de apoio de seu sistema pedagógico. Tudo isso se diz para quem não se sente com coragem de abrir inteiramente sua consciência ao diretor no rendiconto. Porque se um tem coragem de fazê-lo, pode então voltar à prática integral do sistema de Dom Bosco, tendo um guia único que lhe é Pai e Mestre. Mesmo se pela decisão da Igreja deixa de ser seu Juiz no tribunal da penitência” (64).

(64) Mimeografado: *Conferenze sullo spirito salesiano*, 80-81.

Até aqui o P. Caviglia. É a mesma linha sobre a qual o P. Albera tinha, fazia tempo, procurado encaminhar a Congregação: “Quem tem com seu Superior uma confiança iluminada, e se sente com coragem de lhe revelar as coisas mesmo mais íntimas da alma, pode fazê-lo, e terá inestimáveis vantagens. E quem prefere limitar às coisas exteriores o próprio rendiconto . . . lembre-se de que, mesmo sendo sacerdote, lhe é indispensável uma direção espiritual e procure tê-la com quem lhe inspirar confiança maior.

“Naturalmente o confessor, não sendo só juiz, mas ainda médico e mestre, amigo e pai, conhecendo mais do que qualquer outro nossas qualidades espirituais e todo o conjunto da nossa vida, pode no sacramento e fora dele ser nosso guia no caminho da perfeição religiosa” (65).

SÃO NECESSÁRIOS GUIAS ESPIRITUAIS RENOVADOS

Permiti ainda, caros irmãos, que em vias de acabar esta carta já bem comprida, faça algumas exortações que me estão muito a peito. Antes de tudo aos Inspetores e ao Conselho Inspetorial que os ajuda. Na hierarquia dos valores e das realizações práticas, a formação espiritual, pessoal, íntima, seja posta em primeiro lugar, sem possíveis discussões ou distorções. Grande ciência que não esteja a serviço de consciência esclarecida e fiel, pode em plano religioso, resultar uma catástrofe. Não sabemos se Deus quer multiplicar o número dos Salesianos na Igreja; o certo é que os quer espiritualmente adultos e maduros. “Deus — diz Dom Bosco — nos quer a todos santos” (66).

Saber escolher os formadores

Dês que o bom andamento de uma comunidade formadora depende em grande parte, mais que da sabedoria das leis, do “modo de pensar e agir” (67) dos formadores, todo Inspetor sinta o “grave e sacrossanto dever de consciência” — como já tenho dito outras vezes — de não escolher senão

(65) P. ALBERA, *Lettere circolari*, 456-7.

(66) MB, 13, 230.

(67) *Optatam totius*, n. 5.

os irmãos que na vida prática tenham já dado provas de capacidade e de espírito salesiano não comuns.

Lancício — Nicolau Leczycki SJ — no seu livro “De Conditionibus boni Superioris” (que foi, por assim dizer, o livro em que se formaram não poucos diretores salesianos), depois de haver lembrado que não se faz uma estátua de Mercúrio de qualquer madeira (“non ex quolibet ligno fit Mercurius”), afirma com razão que não basta ser sacerdote para ser bom diretor espiritual. “Não é possível se tenha confiança em pessoas que antes de serem feitos superiores, viveram na Companhia sem fama alguma de homens espirituais... , com escassa ou quase nula experiência das coisas espirituais”.

Dizia recentemente aos participantes do “Simpósio Europeu sobre os Exercícios Espirituais”, que a preocupação das Inspetorias deve acertar os ponteiros — isto é, seus centros de verdadeiro interesse — não em títulos acadêmicos, científicos, mas em qualificações não digo genericamente eclesiásticas, mas especificamente espirituais. Em alguns lugares houve uma corrida para as chamadas ciências do homem, e se terminou em verdadeira carência de homens espirituais: carência que não hesito chamar de grave.

Esses homens espirituais, é claro, com o que são e com sua preparação adequada, deverão corresponder à fome de espiritualidade que sentem e de que sofrem tantos salesianos. E essa política (chamemo-la assim), essa orientação, tem caráter de urgência! Cada ano que passa são degraus que se descem, não que se sobem!

Esses homens — se necessário — tirem-se também de outro setor em que trabalhem atualmente. Pois está em jogo um grande princípio, caros irmãos. Se nos deixamos levar pelo imediatismo, isto é, se nos preocuparmos antes de tudo em tapar buracos de interesse imediato mas secundário, descuidando interesses fundamentais, acabaremos por causar infelizmente a nossa decadência!

Para vosso conforto e meu também devo dizer que entre as conclusões operacionais dos “Encontros Continentais” de Roma, da América Latina e do Extremo Oriente, os Inspetores, concordes todos na “urgente exigência de verdadeiros

mestres de espírito e de animadores” tomaram sérias decisões a esse respeito.

Os formadores tenham as qualidades convenientes

Mais concretamente ainda. Na escolha dos formadores, como ensina o CGE ⁽⁶⁸⁾, tenham-se em muita conta as suas qualidades humanas. A saber, os formadores dos nossos irmãos moços sejam antes de tudo eles mesmos humanamente perfeitos, harmônicos, ricos de calor humano sem o qual não podem ser hoje interlocutores válidos.

Dom Bosco exigia do diretor o domínio de si (“nada te perturbe”); a inalterável paciência que é a virtude de saber sofrer (“caridade e paciência te acompanhem constantemente quando tens que mandar”); o sentido do equilíbrio e da moderação (“ouve tudo, procura esclarecer bem os fatos antes de julgar”); modos corteses (“seja característica do diretor”); a afabilidade que conquista (“seja o diretor muito afável”); a habilidade em “acabar com sombras, desconfianças, rancores”; o amor da verdade etc. E se tenham em maior conta ainda as qualidades espirituais.

Diretor e confessor devem ter conhecimento experimental da vida espiritual e não só livresca e teórica. Para serem guias esclarecidos dos outros, devem como Moisés ter aprendido “a conversar face a face com Nosso Senhor, como com um amigo” ⁽⁶⁹⁾.

Há homens — escreveu Bergson — que não precisam falar; basta que existam; a sua presença já é um convite. Dom Bosco foi um desses. Cada um de nós guarda lembrança de algum salesiano que o formou. Talvez tenhamos notado suas limitações e falhas, mas de uma coisa nunca duvidamos: gostaríamos de ser como ele. São esses os diretores e confessores que os nossos irmãos moços têm direito de exigir para a própria formação.

Mas é preciso preparar, formar e exercitar tais homens. “Formemos os formadores!”, é a palavra de ordem que não

(68) *Atos do CGE*, n. 683.

(69) *Êx* 33, 11.

me canso de repetir. E formemo-los na hora justa, no modo justo. A saber, não só intelectualmente — é sempre a mesma idéia que volta — porém mediante exercício prático e experiência vivida de oração, de vida de comunhão fraterna etc. Não aprender o “saber”, mas o “saber fazer”. Formemos os formadores na aquisição de novo e maior conteúdo do saber espiritual.

Também o conteúdo deve ser renovado

Quando se considerava a formação como patrimônio que se adquiria uma vez para sempre e que se devia transmitir intacto tal qual, nada parecia tão estável e seguro como os modelos e normas ascéticas que eram aceitas por todos. Hoje já não é assim: o Evangelho é eterno, mas o homem que o vive está imerso no fluxo da história.

“É possível — pergunta o P. Bernard da Universidade Gregoriana — basear a comunicação espiritual sobre uma imagem comum da vida cristã?” E responde: “Em outros tempos, tanto pelo que se refere à vida sacerdotal como pelo que se refere à vida religiosa ou à vida cristã fervorosa, era bem fácil concordar no modelo que se devia propor. Então, animador e filho espiritual garantiam base sólida à comunicação de um com outro. Pois a relação espiritual supõe o desejo comum da vida totalmente evangélica, que implique, a saber, um acordo de base em princípios gerais de vida cristã que se haja de promover e fortificar. Não se discutiam de modo algum os modelos propostos. Seria a mesma a situação hoje? Devemos verificar que até as mesmas palavras abstratas evocam por vezes imagens bem diversas”.

De aqui o mal-estar e sofrimento íntimo de não poucos diretores e confessores que — é preciso compreender — às vezes se vêem recusados também porque a imagem de santidade que apresentam, ou o modo de apresentá-la, é ainda pré-conciliar e pré-capitular.

Devemos todos convencer-nos de que a renovação de que há anos se está falando, não é um modo de falar: é uma realidade com que devemos contar, antes de tudo em nível de formação espiritual.

Qual seja em particular o conteúdo que se deve examinar em profundidade em ordem à nossa espiritualidade, lembramos o P. Caviglia no estudo que fez sobre Domingos Sávio: “Liberdade de espírito e de movimento, respeito da liberdade da graça, prática santificadora do dever, atenção a Deus, orientação para Jesus Eucarístico e Maria, mortificação da vida; acima de tudo, confiança em Deus, serenidade, júbilo, alegria, sem pavores nem timidez que espantem, mas olhar fixo no paraíso. Tudo com amor e por amor, interior e exteriormente. Isso não é o Sávio total, mas o que ele tem de comum com todos os que criam o clima dos santos em que vive” (70).

Três exigências da direção espiritual

O conteúdo, renovado e atualizado à luz da teologia do Vaticano II e do CGE, há de ser por sua vez apresentado com metodologia renovada, sensível às exigências atuais. Aponto três.

Seja a direção escola do discernimento

O “discernimento espiritual” volta felizmente a ter na Igreja contemporânea a importância — documentada sobretudo nos escritos do Novo Testamento — que tinha na Igreja primitiva. Partindo de um dado de fé certíssimo de que a salvação é um acontecimento em marcha, de que Deus está sempre atuando no coração do homem e da história, de que se comunica, manifesta e opera continuamente; o problema prático é este: como conhecer a ação de Deus, sua vontade, sua presença? Mediante o “discernimento espiritual”, que, conforme a bela definição do “*Novo Ordo Paenitentiae*”, outra coisa não é senão “o último conhecimento da ação de Deus no coração dos homens, conhecimento que é dom do Espírito e fruto da caridade”.

Esse conhecimento não é fácil; requer reflexão, experiência, tempo, prática da vida espiritual. Pois a voz do Es-

(70) DON BOSCO, *Opere e scritti editi e inediti*, vol. 4.º, parte I, 85.

pírito Santo é uma aura leve que chega até nós através da espessura da carne e do sangue; é um convite que vem do alto, mas que leva em conta as “manhas” da natureza: “cal-lida est natura”, diz a Imitação de Cristo. Lembra-nos a Bíblia que o anjo das trevas se disfarça muitas vezes em anjo de luz. “Há caminhos que parecem retos e levam à morte” (71). A história dos falsos espirituais — que é história de ontem e de hoje — bem o demonstra. Toda idade tem suas ilusões: os moços não estão em condições melhores do que os adultos.

Por essas e muitas outras razões, torna-se necessário e urgente o contato com um mestre esclarecido que habilite ao discernimento, que ajude quem é ainda moço e inexperiente nos caminhos de Deus, a ter um olhar puro e iluminado sobre si próprio, sobre as motivações da própria vida e sobre as atitudes que a regem. Também aqui não basta saber o que é o discernimento, mas é necessário aprender a aplicá-lo a si mesmo, é necessário exercitar-se nele sob a guia de um mestre.

Para Dom Bosco, o discernimento é absolutamente necessário quando se trata de opções que empenham o estado de vida. Hoje, graças à psicologia do profundo, sabemos melhor até que ponto as motivações secretas, negativas e positivas, conscientes ou não, podem influenciar nossas decisões.

Seja a direção escola de liberdade

A direção espiritual é tanto mais eficaz quanto mais se converte em autêntica escola do reto uso da própria liberdade: “Vós sois chamados à liberdade — diz São Paulo — contanto que a liberdade não se torne pretexto para satisfazerdes vossas concupiscências” (72).

Dirigir, de modo contrário a quanto a palavra poderia parecer, não significa manipular ou dominar consciências; é, antes, acompanhar mais que dirigir; ajudar a “se ajudarem”, a “se aconselharem”, a “decidirem”, segundo a vontade de Deus que vai sendo conhecida e não se lhe substituir. É pôr

(71) Prov 16, 25.

(72) Gál 5, 13.

o irmão frente ao seu grau de liberdade e responsabilidade, e ajudá-lo a crescer, a afinar sua docilidade e lealdade interior pela moção do Espírito Santo. E isso, tanto no princípio do caminho como ao longo de todo o percurso.

Seja a direção escola de conversão

Direção que vise à plena incorporação do mistério de Cristo e da Igreja deve levar o formando a viver em estado de conversão e ascese permanente. Quem se põe na seqüela de Cristo em medida mais radical e perfeita deve tomar a sério as palavras de Jesus: “Quem quer vir após mim, renegue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (73).

O diretor de espírito tem a grande e difícil tarefa de ajudar os formandos “a se ajudarem a viver de conformidade com Cristo crucificado e renunciar prontamente até às coisas de per si lícitas, mas não convenientes” (74).

E a conformidade com Cristo crucificado é fruto de longa perseverança que precisa ser sustentada. Eis porque, como diz o Concílio, é necessário uma “ajuda especial do diretor espiritual” (75).

O dever do segredo

Não posso terminar essas observações sem chamar a atenção dos diretores, confessores, conselheiros espirituais, para o dever “rigorosíssimo do segredo relativo às confidências de que são depositários. Não se diga “nunca, nada, a ninguém” — muito menos aos superiores — daquilo que deve ficar secreto como em uma tumba. A menor imprudência nessa matéria comprometeria irremediavelmente não só as confidências, mas ainda a mesma formação.

Mas é preciso logo acrescentar que o respeito às confidências recebidas por motivo de direção ou conselho exige

(73) Mt 16, 24.

(74) *Optatam totius*, n. 9.

(75) *Ibidem*.

e torna mais grave a responsabilidade de quem as recebe. Explico-me. No caso em que do conjunto se deduz haver sérias e graves carências para a vida salesiana, em vista de admissões aos votos ou às ordens sagradas, tem-se grave obrigação de consciência de dizer com caridosa clareza e seriedade ao interessado que não pode, nem deve — também para o próprio bem — ir para a frente.

Recolher passivamente confidências, ou pior, encorajar a ir para a frente, embora diante de reconhecidas e graves contra-indicações, é traição que se faz: não só à Congregação, mas ainda à mesma pessoa interessada.

Temos larga experiência de conseqüências tristíssimas, que se verificaram exatamente porque a seu tempo faltou a decidida clareza por parte de quem — conhecendo reservadamente a situação negativa particular — não chegou às devidas conclusões com o interessado, calando ou subestimando os elementos negativos.

O que se disse vale para todos, mas especialmente para os confessores.

Conclusão: um sério exame de consciência

Nesta carta — certamente não curta — toquei em muitos problemas de vida espiritual salesiana: uns delicados e difíceis que requerem maior estudo e aprofundamento; outros, ao invés, mais que problemas, são evidências da nossa autenticidade salesiana. Evidências não se discutem, vivem-se.

As modalidades de confissão-direção do passado não são as de hoje; amanhã podem ainda ser diferentes. Veio, porém, à tona de todo o nosso arrazoado uma coisa clara: a *confissão* e a direção espiritual permanecem fato central a que não se pode renunciar, do nosso espírito; são fatores determinantes na formação espiritual, pessoal e salesiana.

Há um pensamento que perturba minha alma — consenti-me vos faça essa confidência — pensamento que há tempo me vem de contínuo à mente. Surpreendo-me com estas perguntas: por que tantos irmãos — é penoso constatar, fizeram

os votos e seguiram o caminho do sacerdócio atingindo a meta, sem terem sido chamados por Nosso Senhor, sem terem tido as qualidades requeridas? Por que outros, de cuja vocação não se podia duvidar, se perderam ao depois e deixaram o caminho estreito da vida religiosa? Por que irmãos mui dotados, que não faltam nem podem faltar numa Congregação tão rica de graça, perderam o entusiasmo, tornaram-se vulcões extintos, ou então atraídos por outras miragens passaram para a vida das igrejas locais?

É por certo mistério de Deus e do homem: não temos direito nem possibilidade de indagar. Mas como dizia, uma voz interior me repete: por que esses irmãos, quase sempre moços, não se abriram com o próprio diretor de espírito? Por que se aventuraram sozinhos por caminhos nos quais até os santos têm medo? Por que não aceitaram a severa disciplina da formação íntima? Por que não fizeram entrar no segredo da sua consciência “o homem do ofício”, o “experiente de Deus” que os ajudasse a discernir, a decidir não segundo a voz da carne e do sangue, mas segundo Deus?

Toda a formação dada por Dom Bosco tinha por alvo este sentido, como dissemos. Por que não foi assim para estes? Homens de Deus, diretores espirituais, havia-os? Estavam à altura da sua tarefa?

Como vedes, trata-se de sério exame de consciência que juntos todos devemos fazer. Sem perturbação nem ansiedade paralisante, mas responsabilmente. Com vontade e coragem de mudar muitas coisas que podem — felizmente — ser mudadas, e que o devem, no sentido querido por Dom Bosco.

Esta minha carta, no fundo, não teve outra coisa em vista. Mãos à obra, pois, cheios de esperança e confiança no auxílio de Maria e de Dom Bosco. A guia das almas é a arte das artes: vai além das sós capacidades humanas; mas o que é impossível ao homem, é possível a Deus. Ele é quem nos conduz.

Irmãos caríssimos todos, entreti-me convosco um pouco demoradamente, mas confio que este arrazoado leve cada um — segundo as suas responsabilidades — a refletir eficazmente

sobre os problemas em que toquei, para se comprometer a desempenhar a própria parte.

Invoco a bênção de Maria Auxiliadora para que as grandes linhas da ação formativa na Congregação sejam cada vez mais fiéis às idéias e ensinamentos de Dom Bosco e da Igreja.

Saúdo-vos afetuosamente e vos asseguro a minha prece, confiando na vossa fraterna lembrança. Muito obrigado.

P. LUÍS RÍCCERI
Reitor-Mor

III. COMUNICAÇÕES

1. A Estréia do Reitor-Mor para o ano de 1976

Neste ano também a Estréia que o Reitor-Mor apresenta para a Família Salesiana inspira-se num centenário. Ele nos propõe que evoquemos e atualizemos de novo um setor importante do projeto apostólico de Dom Bosco: a Associação dos Cooperadores Salesianos.

Eis o texto da Estréia:

Em 1976 a nossa FAMÍLIA lembrará o CENTENÁRIO do nascimento da ASSOCIAÇÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS, cujo REGULAMENTO Dom Bosco publicou em 1876.

Agradecendo a Nosso Senhor pela colaboração eficaz que de tantas maneiras há um século os COOPERADORES vêm dando à nossa Missão, convido Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Ex-Alunos e os outros grupos da Família Salesiana a renovar o empenho de:

CONHECER
PROMOVER
ANIMAR
CO-RESPONSABILIZAR

os COOPERADORES SALESIANOS, intuição original de Dom Bosco, para chamar os LEIGOS a um compromisso apostólico na Igreja.

Em sua carta anual à Família Salesiana, o Reitor-Mor acrescenta à Estréia o comentário seguinte:

A Estréia, como vedes, interessa diretamente aos Cooperadores e, por isso, o grande número dos membros da nossa Família que com eles têm relacionamento de apostolado, assistência e pertença. Aumentar o número dos Cooperadores é por certo um enriquecimento da Associação e da missão que a Providência lhe confiou. Porém, é muito mais importante tornar os Cooperadores cada vez mais conscientes da que hoje se diz: a própria identidade: que é que Dom Bosco quis fossem eles, que deseja que eles sejam hoje a Igreja, o que se lhes pede, a que compromissos são convidados?

O Congresso Mundial que se há de celebrar no próximo mês de novembro quer precisamente responder a essas exigências de conscientização. Será, pois, de muita utilidade que em todas as Inspetorias, em preparação ao Congresso e seguindo as diretrizes do Centro — enquanto se procurar aumentar o número dos Cooperadores — se procure ao mesmo tempo aprofundar e esclarecer a missão e o espírito dos Cooperadores: um Cooperador visto segundo o pensamento do Fundador, São João Bosco, e segundo a “mente da Igreja”, que, através do Concílio, deu também às Associações de leigos um sentido de renovação cheio de vida. O novo Regulamento que se está experimentando nestes anos, corresponde de fato às exigências e será objeto de aprofundado exame no próximo Congresso.

Rezemos para que a preparação e a realização do Congresso sirvam realmente para dar o desejado e renovado impulso à Associação, à qual Dom Bosco dedicou indefessamente muitos dos seus anos já maduros, e Associação que correspondeu com amoroso fervor de obras aos cuidados do Pai.

2. Novo Bispo Salesiano no Peru

Paulo VI escolheu um Bispo nas fileiras dos Salesianos: Dom Emilio Vallebuona. Foi promovido à igreja titular de Numana, e auxiliar ao arcebispo de Piura, no Peru.

Nasceu Dom Vallebuona aos 27.1.1930 em Lima; nesta cidade conheceu desde menino os Salesianos e se sentiu conquistado pelo ideal de Dom Bosco. Novião em 1946, em Magdalena del Mar, fez os estudos de filosofia e pedagogia em Turim no Pontifício Ateneu Salesiano, estudos que concluiu depois em Lima com a láurea de Ciências da Educação, sendo logo em seguida eleito presidente da “Associação dos Colégios Católicos” do Peru.

Sacerdote em 1956, diretor em Puno de 1963-69, e em seguida Inspetor.

A arquidiocese de Piura, em que, a chamado do Papa, vai agora trabalhar, tem uma tradição antiga salesiana: pois Salesiano foi seu primeiro bispo (Dom Chirichigno), e ex-aluno salesiano é seu atual arcebispo.

Dom Vallebuona é o quarto bispo saído de nosso aspirantado de Magdalena del Mar, e o sétimo bispo salesiano do Peru.

Com esta nomeação sobe a 111 o número total dos bispos salesianos, dos quais estão vivos 59. E se eleva assim a cinco o número de nossos bispos nomeados pelo Papa em um só ano. Mas o acontecimento bem se insere no quadro do Centenário das Missões Salesianas.

3. O Jubileu sacerdotal do Reitor-Mor

Na linda Basílica romana do Sagrado Coração, em 19.9.1975, o Reitor-Mor rendeu graças ao Senhor por seus cinqüenta anos de sacerdócio.

Achava-se a Basílica repleta de centenas de amigos, reunidos ao redor do P. Ricceri em um compacto círculo de carinho.

Fartamente representada a Família. Havia chegado de Buenos Aires o Salesiano P. José Blase dell'Oro, que celebrava naquele mesmo dia, o seu 50.º aniversário de ordenação: quis o Reitor com ele partilhar a festa comum.

Concelebraram, ao lado do P. Ricceri, Dom João Resende Costa e Dom Rosário Castillo, que pronunciou a homília. "O amor e a gratidão hoje nos reuniram, disse D. Castillo. Existe um acontecimento central, os cinqüenta anos de amor: amor que se chama Eucaristia e vocação. Mas acima de tudo, amor que é vida. Um amor que se cristalizou naquele "Aqui estou" juvenil e quente que lhe abria as portas do sacerdócio, sacramento e serviço. Um amor que o levou a palmilhar o difícil caminho da doação ao próximo. Um amor que foi sorriso paterno e mão segura quando a Congregação lhe pediu o supremo sacrifício de dirigi-la das alturas de Reitor-Mor.

Quando os concelebrantes atravessaram a nave de volta à sacristia, estrugiram espontâneas e fervorosas palmas à medida que P. Ricceri se aproximava dos diversos grupos de amigos presentes.

“Associados a ele que agradece a Deus tantos benefícios — havia dito Dom Castillo na homilia interpretando os sentimentos de todos — agradecemos a Deus também que nos doou o coração generoso e a mente perspicaz de P. Ricceri. Agradecimentos porque, se às vezes se apresenta seu físico cansado de tanto trabalho, sempre juvenil permanece sua mente”.

4. Eurobosco: O Congresso dos Ex-Alunos da Europa

Os Ex-Alunos Salesianos da Europa realizaram, de 11 a 14 de setembro de 1975, seu “Segundo Congresso Europeu”. Aberto pelo Reitor-Mor, efetuou-se no colégio universitário dos padres Jesuítas de Heverlee, Louvain, Bélgica.

“Os Ex-Alunos de Dom Bosco ante a unidade européia” era o tema do Congresso bem expresso no neologismo “Eurobosco”, formado pelas palavras Europa e Dom Bosco, como os próprios Ex-Alunos intitularam o Congresso.

Estavam presentes 250 delegados oficiais, vindos de toda a Europa (impossibilitados de participação os da Polônia, Tchecoslováquia e Hungria), e várias dezenas de Ex-Alunos observadores provenientes do Líbano, da Índia, de Hong Kong, da Coreia, do Equador, da Colômbia. O Núncio Apostólico na Bélgica trouxe a mensagem do Papa e o Cardeal Suenens presidiu a celebração final.

O tema foi tratado em três relatórios concatenados entre si: “Motivos do empenho europeístico dos Ex-Alunos Salesianos”, “História, problemas, dificuldades e perspectivas da unidade européia”. Contribuição dos Ex-Alunos à unidade européia”. Já discutida antes, em pré-congressos nos diversos níveis da Associação, a redação dos três relatórios-base.

“Um cristão ativo, disse P. Raineri no primeiro relatório, não pode desinteressar-se do trabalho da construção do nosso continente”; ele deve sentir-se empenhado “a que surja uma Europa impregnada de valores humanos e cristãos, que se coloque como um terceiro caminho entre o consumismo e o marxismo, que ameçam a liberdade e a dignidade da pessoa e os valores do espírito”.

Ele acrescentou: “trabalhando cristãmente de acordo com esta linha, os europeus poderão quicá obter a absolvição de seus próprios erros, contribuindo para o bem daquelas regiões do mundo, nas quais junta-

mente com os germes da nova cultura, espalharam motivos de divisão, de pobreza e de escândalo para a mensagem cristã”.

Descendo à prática, os congressistas estudaram o modo de traduzir em iniciativas concretas aquele ideal europeístico que jamais se extinguiu através dos séculos.

Os Ex-Alunos salesianos são na Europa, entre organizados e não organizados, mais de um milhão, e muitos ocupam postos de responsabilidade política e social.

5. O “Repertório delle Memorie Biografiche”

Merece menção o trabalho “Repertorio Alfabetico delle *Memorie Biografiche di Don Bosco*”, de autoria do P. Pedro Cicarelli, publicado em 1972 e atualmente completado por um suplemento.

O volume encerra mais de dez mil “indicações” das Memórias Biográficas, e que se referem a mais de 1200 verbetes dispostos em ordem alfabética. Constitui um manual de uso fácil para quem deseja encontrar uma frase de Dom Bosco, recorrer aos volumes das Memórias Biográficas, ou simplesmente saber o que disse ou fez Dom Bosco a respeito dos mais diversos assuntos.

É evidente a utilidade deste trabalho nas mãos de quem deve falar ou escrever sobre Dom Bosco por qualquer motivo. Quem encomendar à Direção Geral os vinte volumes das Memórias Biográficas receberá o “Repertorio” com o natural suplemento. É conveniente que todas as bibliotecas salesianas tenham um exemplar (o preço é mínimo: 2.000 liras pelo volume e 400 liras pelo suplemento).

6. Os cursos de formação permanente para Coadjuutores

O quinto Curso de formação permanente, que se realizou no “Salesianum” em Roma de 15 de setembro até 19 de dezembro de 1975, destinava-se aos Coadjuutores (estiveram presentes 33 deles, quase todos de regresso do seu Congresso Mundial recentemente terminado, mais quatro sacerdotes).

Apresentava-se o grupo muito heterogêneo por sua procedência — contavam-se 18 nacionalidades — e também pela diversidade de línguas. Neste sentido notou-se logo de início alguma dificuldade; mas a in-

ternacionalidade mostrou-se em fim de contas um valor muito positivo que enriqueceu a reunião e compensou algum sacrifício.

Em seu conjunto o Curso apresentou de modo especial um rico conteúdo salesiano e eclesial, e ofereceu aos participantes oportunidades únicas como o Centenário das Missões com os festejos em Turim e a audiência do Papa em Roma, o Ano Santo, o Jubileu sacerdotal do Reitor-Mor. Estas circunstâncias externas, porém, não desviaram os cursistas do empenho de estudo, intenso como sempre foi.

Este foi o primeiro Curso para Coadjuutores realizado na Casa Generalícia: antes houve um, reservado aos Missionários, e outros três aos Salesianos "por Região". Cursos semelhantes para Coadjuutores — embora mais breves — já haviam sido realizados, por exemplo na Guatemala em 1974 e 1975; e mais um está programado, a começar de janeiro de 1976, na Argentina (Viedma).

Estes cursos implicam em não poucas dificuldades para os participantes (entre outras a prolongada ausência das comunidades, geralmente com pouco pessoal), mas os Inspetores em geral facilitam a participação dos Irmãos, porque já puderam tocar com mãos os seus bons resultados.

IV. O CENTENÁRIO DAS MISSÕES SALESIANAS

1. Abertura do Centenário na Itália

O início do Ano Centenário das Missões Salesianas deu motivo a celebrações e iniciativas diversas, em nível nacional e local, de caráter religioso e civil, que empenharam a Família Salesiana e interessaram amplamente também a opinião pública. Aqui acenamos às principais, seguindo ordem cronológica.

a) *A Carta de Paulo VI ao Reitor-Mor*

Publicada em latim no "Osservatore Romano" de 20.9.1975, foi traduzida e republicada nos ACS (n. 280, edição italiana, pág. 14-18; edição em português, pág. 12-16); e em latim nos ACS n. 280, edição italiana, pág. 32-35). Amplamente divulgada também foi pelos Boletins Salesianos e por muitas outras nossas publicações.

b) *O Curso missionário para a expedição do Centenário*

Este Curso, organizado pelo Conselheiro das Missões e dirigido pelo P. Antônio Altarejos, realizou-se regularmente na Casa Generalícia, de 20 de outubro a 19 de novembro. Frequentaram-no 34 Salesianos, os quais, unidos depois a outros, formaram a "Expedição Missionária do Centenário", a 105.ª da longa série iniciada há cem anos por Dom Bosco.

Os participantes do Curso tomaram parte, em Turim e Roma, nas principais comemorações do Centenário: de modo particular na entrega dos crucifixos e na audiência especial concedida por Paulo VI.

c) *Encontro dos Cooperadores Jovens*

Em Roma, na sede da "Terra Nova", nos dias 1 a 4 de novembro de 1975, Jovens Cooperadores, em número de 34, tiveram um Encontro com 6 Salesianos responsáveis por sua associação, com o fim de se estudar um programa concreto de interesse missionário. Dentre eles, alguns vão desenvolver atividades em vista de sensibilizarem seu ambiente; pensam outros em empenhar-se seriamente em prol das Mis

sões após o término de seus estudos; e finalmente uns outros prepararam-se para uma partida a curto prazo.

Estão programados outros encontros com Jovens Cooperadores para estes meses; e parece bem possível contar-se com algum Jovem Cooperador na "Expedição Missionária 1976".

d) *Dia de oração*

Por expressa vontade do Reitor-Mor, o dia 11 de novembro de 1975, data centenária da primeira expedição, devia ser um "dia de oração" para todas as comunidades salesianas. E assim foi: as notícias até agora recebidas referem o empenho das comunidades salesianas na oração e na reflexão, e confirmam quão profundamente é sentida a dimensão missionária da Congregação.

Em Turim, Valdocco, as diversas categorias da Família Salesiana reuniram-se na Basílica de Maria Auxiliadora, fazendo do altar e da santa Missa um ponto de encontro ideal com o Senhor e com Dom Bosco.

e) *A comemoração oficial em Turim*

Realizou-se aos 13 de novembro de 1975, no salão-teatro de Valdocco, com a presença do Reitor-Mor, da Superiora das Filhas de Maria Auxiliadora, dos membros do Conselho Superior, de autoridades civis e religiosas, e de numerosíssimos representantes da Família Salesiana. O Cardeal Sérgio Pignédoli fez o discurso comemorativo, belo, profundo e que foi muito aplaudido. Inaugurou logo após a "Exposição Salesiana", nos locais sob a Basílica.

Dia 15 os Irmãos rezaram nos funerais de dois missionários muito idosos, falecidos em Valdocco quase contemporaneamente; Dom Castillo presidiu a celebração fúnebre.

f) *A entrega dos crucifixos*

Foi feita domingo, 16 de novembro, durante a solene concelebração presidida pelo Cardeal Agnello Rossi, com a presença dos Superiores Salesianos, de oito Bispos e de muitos venerandos missionários com 40 ou 50 anos de vida nas Missões. Receberam o crucifixo 36 Salesianos e 17 Filhas de Maria Auxiliadora.

À tarde a Família Salesiana turinesa quis celebrar as Bodas de Ouro de Missa do Reitor-Mor com uma grandiosa concelebração (140 concelebrantes).

A função da manhã havia sido transmitida ao vivo pela Televisão; e naqueles dias o Telejornal transmitia uma entrevista do P. Fiora sobre o Centenário.

g) *Na audiência do Papa*

Dia 22 de novembro de 1975, Paulo VI recebeu em audiência particular os missionários da “Expedição do Centenário”. Estavam presentes 185 entre Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora na vasta sala do Concistório: além dos missionários que iam partir, e dos Superiores das duas Congregações de Dom Bosco, também veteranos missionários e participantes do curso de atualização.

De início o Reitor-Mor apresentou ao Papa uma saudação de homenagem.

Paulo VI discursou então, falando com tal familiaridade e carinho, que a todos comoveu. O texto oficial do discurso, publicado no dia seguinte no “Osservatore Romano”, serviu na prática como pretexto para a improvisada conversa que ele manteve por longo tempo com os filhos de Dom Bosco. (O texto completo, registrado como foi possível em gravador, está reproduzido nas páginas...).

h) *Reunião com a Imprensa e entrevista para a Rádio Vaticana*

Dia 9 de dezembro de 1975 o Reitor-Mor concedeu uma entrevista coletiva à Imprensa a fim de informar a opinião pública italiana a respeito do Centenário. Com ele estavam o P. Tohill e alguns missionários.

Nessa ocasião P. Ricceri também entregou à Rádio Vaticana uma entrevista que foi ao ar em diversos idiomas naquele mesmo dia.

i) *A comemoração oficial em Roma*

Na Aula Magna da Universidade Salesiana, dia 11 de dezembro de 1975, repleta.

O Cardeal Sebastião Baggio fez uma comemoração, enriquecida de muito entusiasmo por recordações pessoais. Presentes outros 7 Cardeais, 17 Bispos, numerosas autoridades civis e homens políticos e da cultura; e — muitíssimo aplaudido — o Presidente da República, Leone. Com palavras muito oportunas o Sr. Presidente Leone encerrou a intensa e inesquecível noite.

j) *Outras iniciativas*

Numerosas e diversas desabrocharam outras iniciativas, especialmente em nível inspetorial e local, para comemorar o Centenário.

Os Noticiários Inspeitoriais e as publicações das casas começam a dar-nos informações, mas não podemos ainda apresentar um quadro completo.

Merecem, porém, ao menos uma citação, duas iniciativas dos Cooperadores.

Em primeiro lugar, a “Visita às Missões da Índia”, efetuada por um grupo de 37 Cooperadores no período 16 de novembro a 13 de dezembro de 1975, com permanência nas casas salesianas de Calcutá, Madrasta, Bombaim e sobretudo no Assam. Esta viagem, a quarta em sua especialidade organizada pelos Cooperadores, tinha, como as precedentes, a finalidade de criar uma “ponte de intensa colaboração” entre os Cooperadores e as Missões.

Outra iniciativa é um “Concurso sobre o Centenário das Missões”, lançado pela Associação a todos os Cooperadores que lecionam nas escolas governativas e aos alunos dessas escolas. O Concurso tem em mira sensibilizar e orientar vocacionalmente os jovens.

k) *As impressões do Reitor-Mor*

Ao voltar das Comemorações de Turim, o Reitor-Mor resumiu suas impressões sobre a “Semana do Centenário” (impressões extensivas em grande parte também às demais celebrações).

Em primeiro lugar notou a maciça participação da Família Salesiana. A Basílica de Maria Auxiliadora ficava repleta a cada comemoração, mesmo nos dias de semana. E não de turistas, de curiosos, mas de pessoas que participavam, e participavam religiosamente. O Cardeal Pignédoli na noite do dia 13 confidenciava: “Esta multidão é algo de extraordinário! É multidão que comparece não sob comando; por um convite, sim, mas tão numerosa, tão qualificada e jovem!” E depois de se referir à presença de autoridades civis de orientação bem diversa, acrescentava: “Como podeis conseguir ao redor de vós uma tal coalizão de toda esta gente? Possuis uma “vis” de que talvez não tendes toda consciência”.

Outra característica: a colaboração. Primeiramente na frente interna dos Irmãos. Os de Valdocco em particular merecem um elogio incondicionado, mas também os das outras casas vizinhas, para que

tudo fosse bem preparado: liturgia, música, exposição, refeições, alojamento, serviços essenciais. Isto mostra a eficácia da união de esforços.

Em terceiro lugar: o entusiasmo. Até dos que são naturalmente algo apáticos, alérgicos ao sentimentalismo. “Aqui cheguei com prevenção — afirmava um Irmão. — As cerimônias em geral causam-me aversão. Desta vez, porém, volto muito modificado”. E um velho missionário exclamava: “Sinto-me com vinte anos de menos...”

Fatos que confirmam quanto já foi inúmeras vezes dito: “Nossas Missões são uma estrada obrigatória para a renovação”.

2. A Abertura do Centenário nos outros países

As notícias já recebidas, embora muito incompletas, garantem-nos que em toda parte a comemoração do Centenário foi encarada com muito empenho, com celebrações externas tendo paralelas a oração e a reflexão. Eis uma seleção de notícias da América.

a) *Na Argentina*

Na Argentina — onde obviamente o Centenário tem ũma ressonância maior — também o Senado da Nação manifestou-se dia 29 de agosto de 1975 com esta significativa declaração: “O Senado da Nação decide declarar benemérita da gratidão nacional a obra de Dom Bosco na Argentina, por motivo de completar-se, em 1975, o Ano Centenário da dita Congregação, pelo poliédrico e transcendente trabalho desenvolvido em benefício da República, e de modo especial do povo de toda a Região Patagônica”.

A decisão encontrou a adesão de todos os setores políticos representados no Senado, cujas declarações ocuparam dez compactas páginas do “Diário da sessão” daquele dia.

A data fixada pelos Salesianos para o início oficial do Centenário era 14 de dezembro de 1975, lembrando o dia em que os primeiros missionários aportaram a Buenos Aires. Naquele dia houve uma celebração na igreja “Mater Misericordiae”, rica de tantas recordações.

Multiplicaram-se entretanto as publicações (livros, manifestos, folhetos); preparados foram programas para as estações de rádio, iniciadas as primeiras fases do “Festival da canção juvenil” que interessa

a todas as obras salesianas. Também os exercícios espirituais recebem este ano uma orientação missionária.

b) *Nos Estados Unidos*

A Procuradoria Missionária de New Rochelle difundiu um comunicado com anexo trabalho fotográfico, relatando a comemoração em New Rochelle, na Catedral de São Patrício, dia 19 de outubro de 1975. O “Dia das Missões”, que ocorria exatamente naquela data, transformou-se num certo sentido em “Jornada Salesiana”. O Cardeal Terence Cooke presidiu a uma concelebração de que participaram 2 arcebispos, 6 bispos e 85 sacerdotes. A catedral, que um coro de 80 Filhas de Maria Auxiliadora fazia ressoar com seus cânticos, estava repleta por três mil fiéis e amigos da obra salesiana.

c) *No Brasil*

Uma comemoração oficial do Centenário ocorreu em Campo Grande, dias 14 e 15 de outubro de 1975. Foi inaugurada a nova sede do “Museu Dom Bosco” (destinado a conservar os troféus dos índios Bororo e Xavante), Museu que assim festeja, com “roupa nova”, seu 25.º ano de atividades. A descerrar a fita simbólica de inauguração estavam — com suas vestes tradicionais — representantes das duas tribos: outrora inimigos acérrimos e hoje amigos a sorrir.

d) *No Peru*

Uma semana inteira de 9 a 16 de novembro de 1975, dedicaram os Salesianos do Peru a celebrar o Centenário. Cada dia um tema: o dia do centenário, o dia da juventude, o dia da infância, da Família Salesiana, da gratidão... Contemporaneamente realizou-se um “Congresso Vocacional” em Santa Magdalena del Mar, no Aspirantado Salesiano que festeja seu 50.º ano de existência.

e) *No México*

Notícias da Inspetoria de Guadalajara, onde à abertura do Congresso seguiram-se realizações muito concretas e bem missionárias. Conferências em todas as casas de formação; mais duas cooperadoras voluntárias nas Missões, diversos grupos em visita às Missões entre os Mixes, um novo documentário de 45 minutos sobre os Mixes para animação do centenário, a abertura de uma paróquia entre os índios Chinantecos.

f) *Em outras nações*

Chegam belas notícias também das demais partes do mundo, especialmente dos países onde se desenvolvem atividades missionárias. Delas dão informes os Boletins Salesianos (publicados muitos “números especiais” nestes meses), os Informativos Inspetoriais e as circulares dos Inspetores. Como conseqüência surge interesse também fora do ambiente salesiano, por meio da imprensa, do rádio, da televisão. E chegam, vindos de autoridades civis, agradecimentos que são um estímulo a se fazer ainda mais e melhor. Como o pronunciamento de um deputado brasileiro em Campo Grande e que assim julgou dever manifestar sua gratidão: “Obrigado pelos oratórios festivos, pelos colégios,, pelas faculdades, pelas Missões entre os indígenas, pelas paróquias. Recompense-vos Deus porque com vosso trabalho, com vossa bondade, com vossa dedicação e com vosso exemplo, fizestes de um simples povo um povo de Deus”.

3. O programa da Argentina para 1976

Merece especial distinção o denso programa de iniciativas para o Centenário, preparado pelos Irmãos da Argentina. Estão em pauta 16 iniciativas diversas, em nível nacional, das quais algumas podem servir de modelo.

Em nível de estudos estão programados em julho quatro “Dias de espiritualidade salesiana”, em diversas localidades.

Além disso o Instituto Salesiano de Pastoral de Buenos Aires organiza jornadas de estudos sobre o tema: “A evangelização segundo o Sínodo”. E também em abril, um “Curso de estudo da realidade argentina”.

— *Numerosas as iniciativas para a Família Salesiana.*

Os Cooperadores farão um encontro nacional, os Ex-Alunos realizarão a romaria anual ao santuário de Maria Auxiliadora. Os Colaboradores leigos (mestres e professores) terão o seu encontro nacional em maio. Também já se acham em fase de esboço-realização várias outras iniciativas para as paróquias, para a “União dos pais e mães”, e da mesma forma para os empregados e operários que trabalham nas obras salesianas.

De muita cor e brilho as *iniciativas para os jovens*: o já mencionado “Festival nacional da canção juvenil” será encerrado em julho,

tendo por moldura as arquibancadas de um grande estádio; as “Olimpíadas nacionais salesianas” em setembro em Buenos Aires; um acampamento nacional dos “Escoteiros de Dom Bosco” e um encontro de seus dirigentes; outra reunião dos dirigentes de todos os movimentos de juventude salesianos no mês de outubro em Bernal.

A comemoração centenária terá lugar dia 17 de novembro de 1976 em San Nicolás de los Arroyos, a segunda casa salesiana da América (fundada por Mons. Fagnano).

O encerramento do *Ano Centenário* será dia 14 de novembro em Buenos Aires, na primeira casa salesiana da América, com a presença do Reitor-Mor.

A estas iniciativas de caráter nacional, devem ser acrescentadas as mais variadas outras iniciativas em nível inspetorial e local...

!

4. Outras iniciativas do Centenário

No mês de janeiro realizar-se-ão na Casa Generalícia diversas reuniões de grande importância.

De 12 a 14 uma “Reunião de Bispos Missionários”; seguir-se-á de 25 a 31 uma “Semana de espiritualidade missionária”, com a participação, além dos Bispos e de numerosos missionários, também das superiores de cinco congregações nascidas do tronco salesiano: “Irmãs da Caridade” de Miyazaki, “Irmãs de Maria Imaculada” de Krishnagar, “Missionárias de Maria Auxiliadora” de Shillong, “Ancilas do Imaculado Coração” de Bangkok e “Filhas dos Sagrados Corações” da Colômbia.

Foram, porém, adiados para outras datas os dois encontros marcados para janeiro — dos “Operadores da catequese missionária” e dos “Operadores da pastoral das periferias”.

Organizado pelo “Centro de estudos de história das Missões salesianas”, haverá nestes meses também um “Ciclo de conferências de assunto missionário” na Universidade Salesiana, e em várias cidades da Itália. Os conferencistas são quatro estudiosos e peritos salesianos.

Entretanto o mesmo “Centro de estudos de história das Missões salesianas” publicou duas novas obras em italiano. Uma intitula-se “*Profili di Missionari*” de autoria de Eugênio Valentini, e apresenta mais de duzentas figuras de Salesianos e de Filhas de Maria Auxiliadora; este livro não deveria faltar nas bibliotecas salesianas (Liras 8.500); o outro volume é “Parima” de Luís Cocco: é tradução do

espanhol, amplamente atualizada, do livro sobre os Yanomami, que há poucos anos logrou o elogio de um severo censor, o etnólogo Lévi-Strauss (Liras 15.000).

Nos dias 19 a 21 de março de 1976 dar-se-á em Turim um encontro das responsáveis pelas "Oficinas Mamãe Margarida". Vindas da Itália e de outros países da Europa, estas Cooperadoras Salesianas estudarão reunidas os modos de potencializar sua simpática iniciativa que tanto auxílio tem prestado aos missionários.

5. Os presentes das Missões para o Centenário

O Dicastério das Missões, em carta de 24 de maio último, expressara às Inspetorias missionárias um desejo: "Gostaríamos de apresentar ao ofertório, na concelebração do dia 16 de novembro na Basílica de Maria Auxiliadora, alguns pequenos presentes ao Reitor-Mor: produtos e objetos característicos das diversas regiões onde trabalham os nossos Irmãos missionários".

O convite foi acolhido com magnífica generosidade.

Chegaram presentes da Bolívia, Colômbia, Tailândia, Inspetorias do Brasil, Paraguai e Chaco, Equador, China, Índia, Coreia, Peru, Argentina, Filipinas, Japão, Alto Orinoco, Moçambique, México e de muitos outros lugares.

É impossível praticamente dar uma descrição dos objetos recebidos limitando-nos aos mais belos e preciosos (no elenco figuram mais de 150 artigos). São realmente objetos dos mais variados: pequenos ídolos, máscaras, lanças, arcos, flechas (algumas envenenadas) e aljavas, animais embalsamados, ninhos, cerâmicas, objetos de uso doméstico, calçados, bolsas e cestas, colares e enfeites, chapéus, pinturas e esculturas, publicações nas línguas mais ininteligíveis, punhais e machados, esteiras, instrumentos musicais e até um frasco com formigas... comestíveis.

Os presentes de maior atração foram no dia 16 de novembro apresentados durante o ofertório. Alguns, porém, (como toalhas para o altar, casulas etc.) foram destinados ao uso sagrado; os demais colocados na Exposição Missionária e "estão fazendo bonito".

Difícil seria publicar os nomes dos ofertantes e até mesmo escrever a cada um deles pessoalmente para agradecer como bem merecem.

Enviamos então, por meio do “Atos do Conselho Superior”, a todos e a cada um em particular, o agradecimento mais cordial do Reitor-Mor e do Dicastério das Missões.

6. Dados sobre a “Expedição do Centenário”

É ainda impossível neste número fornecer os dados definitivos a respeito da “Expedição do Centenário”, 105.ª da longa série iniciada por Dom Bosco há cem anos.

Os Irmãos que partiram para as Missões no ano de 1975 são 83 (mais de 50 já seguiram, e os demais, enquanto escrevemos, estão impacientes à espera do “visto” de entrada em sua segunda pátria).

Países de proveniência

Os 83 novos missionários provêm:

21 da Itália,

20 da Espanha,

12 da Polónia,

9 da Irlanda,

5 de Portugal,

3 da Bélgica,

2 respectivamente das Filipinas e dos Estados Unidos,

1 respectivamente de: Austrália, Áustria, Brasil, China, Equador, Holanda, Índia, México e Tchechoslováquia.

Inspetorias de proveniência

Os novos missionários provêm:

12 da Inspetoria de Madri,

11 de Lodz,

7 da Irlandesa,

5 da Portuguesa,

- 3 respectivamente de Barcelona, Bégica-Norte, Novarese, Romana, Subalpina e Vêneta-São Marcos,
- 2 da Adriática, Bilbao, Central, Filipinas, Inglesa, Lombarda-Emiliana, Vietnã,
- 1 da Australiana, Austríaca, Córdoba (Espanha), Chinesa, Equatoriana, Cracóvia, León, Lígure-Toscana, Madrasta, Meridional, México-México, New Rochelle, Oriental, San Francisco, São Paulo e Valência.

Paises a que se destinam

Os novos missionários ficarão:

- 11 no Brasil,
- 9 na Bolívia,
- 7 respectivamente na África do Sul e no Chile,
- 6 na Guiné Equatorial,
- 5 na Tailândia,
- 3 respectivamente em Cabo Verde, Cuba, Etiópia, México, Venezuela,
- 2 respectivamente na Argentina, Macau, Guatemala, Paraguai, Peru, Zaire,
- 1 respectivamente na Colômbia, Equador, Filipinas, Gabão, Índia, Japão, Moçambique, Oriente Médio, Porto Rico, Santo Domingo e Uruguai.

**7. A Solidariedade fraterna está a beirar os 400 milhões de liras
(18.^a relação)**

a) INSPETORIAS DONDE PROVIERAM OFERTAS

AMÉRICA

Antilhas	Liras	832.500
Argentina, Córdoba		370.000
Brasil, Campo Grande		500.000

Colômbia, Bogotá	1.000.000
Equador	4.780.000
Estados Unidos, San Francisco	3.475.000
Peru	876.000

ÁSIA

China	1.700.000
Japão	121.910

EUROPA

Itália, Adriática	100.000
Itália, Central	1.000.000
Itália, Meridional	1.230.000
Itália, Sícua	500.000
Itália, Vêneta-São Marcos	450.000
Espanha, Madri	287.500

<i>Total das ofertas que chegaram entre 12 de setembro de 1975 e 15 de dezembro de dezembro de 1975</i>	20.697.910
<i>Saldo caixa anterior</i>	3.425

<i>Soma disponível em 15 de dezembro de 1975</i>	20.701.335
--	------------

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

AMÉRICA

Brasil, Manaus: para obras no aspirantado de Ananindeua	1.000.000
Brasil, Recife: para material à clínica de Jaboatão	1.000.000
Brasil, Recife: para as múltiplas necessidades da favela de Teimosa, Carpina	1.000.000

Brasil, Rio Negro: para substituir barca a motor afundada no rio, missão de Taracú	500.000
Chile, Santiago: ao Inspetor para o programa "Almoço para os pobres"	1.000.000
Chile, Punta Arenas: ao Bispo para o mesmo fim	1.000.000
Colômbia, Ariari: para a obra social em San Juan de Arama	1.000.000
Colômbia, Bogotá: para o leprosário de Contratación	1.000.000
Colômbia, Medellin, Rio Negro: alimento para crianças	600.000
Equador, Guaiaquil: para o Oratório Domingos Sávio	700.000
Equador, Mendez: máquina para arroz e bolsa de estudos (Miazal)	1.000.000
Equador, Mendez: para financiar viagem aérea de enfermos das aldeias	500.000

ÁSIA

Índia, Bombaim: para os favelados de Wadala	1.000.000
Índia, Gauhati: máquina tipográfica para a Escola Dom Bosco de Shillong	1.000.000
Índia, Gauhati: para a secção antropológica da biblioteca inspetorial	800.000
Índia, Madrasta: para biblioteca e laboratório científico do aspirantado de Mannuthi	700.000
Índia, Madrasta: para apostolado entre os pobres de Poonamallee	500.000
Índia, Tura: programa para casas dos catequistas em Selsela	1.000.000
Índia, Tura: material para pastoral juvenil nas aldeias de Dara	500.000
Índia, Tezpur: para subsídios catequéticos em Doomni	300.000

Coréia, Seul: ao Delegado Insuperiorial, para os leprosos	1.000.000
Coréia, Seul: ao Centro Juvenil (doação de Salta, Argentina)	370.000
Macau: para os leprosos de Coloane	200.000

EUROPA

Iugoslávia, Zagreb: para aspirantado e centro catequético	1.000.000
--	-----------

<i>Total das quantias distribuídas entre 12 de setembro de 1975 e 15 de dezembro de 1975</i>	20.670.000
<i>Saldo em caixa</i>	31.335
	<hr/>
	20.701.335
	<hr/>
	<hr/>

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

<i>Quantias que chegaram até 15 de dezembro de 1975</i>	399.807.059
<i>Quantias distribuídas até a mesma data</i>	399.775.724
	<hr/>
<i>Saldo caixa atual</i>	31.335

V. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E OUTRAS INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Os meses do outono foram ocupados pelos Conselheiros Regionais em visita às suas Inspetorias; pelos Superiores em permanência na sede, em numerosas iniciativas do Centenário das Missões, além da pouco notada mas ampla responsabilidade da administração de rotina.

De modo especial o P. Tohill, com os componentes do seu Dicastério, empenhou-se totalmente em um vasto trabalho de organização com mil detalhes exigentes.

Ainda mais: o encontro continental dos Inspetores e Delegados do Extremo Oriente, o quinto Curso de Formação Permanente (para Coadjuutores), a participação de cada um dos Superiores em reuniões, dias de estudo e encontros do mais variado gênero em locais distantes... Basta um olhar às páginas anteriores e se terá uma idéia do intenso trabalho realizado.

Dia 15 de janeiro de 1976 os Regionais voltam à sede, e assim se reconstitui o "plenum" do Conselho Superior.

Até o fim de março haverá reuniões ordinárias: para se fazer um balanço das visitas realizadas às Regiões e dos três Encontros Continentais, a fim de programar as próximas visitas e os próximos encontros.

Entretanto volta-se o olhar em direção ao 21.º Capítulo Geral, agora já não muito longínquo.

VI. DOCUMENTOS

Conclusões Operacionais do Encontro continental do Extremo Oriente

O Encontro, cujas Conclusões Operacionais aqui apresentamos, realizou-se em Roma, na Casa Generalícia, dias 11 a 18 de outubro de 1975.

Dele participaram o Reitor-Mor, diversos Superiores do seu Conselho, e os Inspetores e Delegados do Extremo Oriente.

A finalidade do Encontro era verificar a atuação das deliberações do CGE.

PREMISSA

Em nossa semana de trabalho no “Salesianum” de Roma dedicamo-nos — para alcançar os objetivos fixados nos Encontros Continentais — a um franco e objetivo exame com o fim de avaliar como se efetivou na área de nosso mundo a renovação desejada pelo CGE.

Os pontos de referência de nossa avaliação foram os resultados e as indicações dos nossos CI-75, o “Relatório do Regional” que apresentou uma síntese documentada e completa da situação das nossas Inspetorias, e o “Relatório de introdução” do Reitor-Mor, que apresentou os problemas, as exigências, as avaliações e indicações numa visão panorâmica de toda a Congregação.

Desses pontos de referência despontaram o diálogo franco e fraterno entre periferia e centro, a revisão comum, o mútuo confronto entre Inspetorias de cultura diversa e diferentes situações, a comunicação recíproca de experiências.

Tudo isto nos permitiu, como um pressuposto indispensável para nossas “orientações operacionais”, a identificação das áreas prioritárias para as quais devemos convergir nossos esforços nestes anos que nos separam do próximo Capítulo Geral.

“Evangelização e educação para a fé”, “Inspetoria como comunidade formativa”, “Unidade e Descentralização”, foram assuntos que

a todos apareceram claramente quais pontos centrais de uma estratégia operacional e para os quais devemos fazer convergir o nosso empenho, os nossos esforços.

Sobre estes pontos projetam uma luz clara e completa as Constituições, os Regulamentos, os Documentos Capitulares, o Magistério responsável do nosso Reitor-Mor: para uma generosa atuação dos mesmos queremos hipotecar nossa vontade e a das nossas Comunidades.

I. NOSSO EMPENHO DE EVANGELIZAÇÃO E DE EDUCAÇÃO PARA A FÉ

Ao pensar maduramente sobre nossa concreta missão pastoral temos clara consciência de que as Inspetorias de nosso grupo são Inspetorias missionárias, dedicadas diretamente à evangelização. Por consequência todos os Irmãos, em qualquer campo de apostolado se encontrem, devem considerar-se autênticos missionários.

Além disso, como missionários salesianos, embora doando-nos generosamente ao trabalho de promoção e salvação de todas as almas a nós confiadas, teremos sempre preferência pelos jovens, especialmente pelos mais pobres e abandonados, primeiros destinatários da missão salesiana.

a) *Um empenho fundametal*

Considerando a catequese juvenil como a primeira atividade do apostolado salesiano, empenhamo-nos em reavivar e reorganizar toda nossa atividade em função dessa catequese (CGE 279, 398, 337 a).

Devendo trabalhar em um ambiente prevalentemente não-cristão, devemos quase sempre fazer todo o lento trabalho de educação humana, necessário para dispor os ânimos a tomar contato com o Evangelho. Empenhamo-nos então:

1. em realizar, com prioridade e urgência, um profundo trabalho de sensibilização dos Irmãos para despertar neles a consciência de ser sempre e em toda parte “educadores da fé”;

2. em promover em nossas Inspetorias um autêntico espírito missionário, oferecendo sem a mínima dificuldade aos nossos Irmãos idôneos que desejassem, a possibilidade de ir trabalhar em áreas de missão.

b) *Setores da nossa missão pastoral*

Considerando também os vários setores da nossa missão pastoral, constatamos ser necessário e urgente para os próximos dois anos insistir sobre alguns empenhos particulares para nossas Inspetorias.

1. Tornar realmente eficientes os serviços inspetoriais para a animação da ação evangelizadora da comunidade inspetorial e das comunidades locais (CGE 338) preparando adequadamente o pessoal necessário (CGE 337b).

2. Cada Inspetoria buscará abrir-se a “uma nova maneira de presença”, seja criando uma mentalidade nova que possa animar com novo espírito juvenil as obras já existentes, seja procurando saber das necessidades mais urgentes e atuais dos jovens da região, para fazer-se presente no meio deles em novas formas, que melhor correspondam aos seus desejos.

3. Julgamos dever reafirmar o valor apostólico das escolas, mesmo onde os alunos são prevalentemente não-cristãos, por oferecerem a oportunidade (às vezes única) para um contato com os valores evangélicos, e serem um fator fundamental para a promoção humana.

Isto exige de nossa parte empenho particularmente urgente:

a) validade formativa da escola, quer no plano do conteúdo quer dos métodos, com um número de alunos que não prejudique uma verdadeira formação;

b) preparação dos Irmãos no plano técnico e no plano humano-cristão-salesiano (contato pessoal com os jovens, assistência, guia, aconselhamento etc.);

c) organização de atividades complementares de formação (clubes, associações...);

d) capacidade de colaboração com os leigos que nos auxiliam. E isto exige que sejam bem escolhidos, e então formados para uma real sintonia com nosso espírito educativo (CGE 428).

4. Esforçar-se para não ceder à escolarização excessiva de nossas Inspetorias, com prejuízo de outras formas de apostolado juvenil e de outros modos de estar presente na vida dos jovens (Oratórios, Centros Juvenis, grupos de catequistas etc.).

5. Intensificar o trabalho para formar e guiar os nossos alunos, ex-alunos e colaboradores, e assim tornar possível a aqueles a quem

o Senhor chamar, tornarem-se válidos Cooperadores Salesianos, dedicados ao empenho apostólico e catequético, e ao serviço da Igreja local. (Const. 12; CGE 333).

II. A INSPETORIA COMO COMUNIDADE FORMADORA

A renovação pós-capitular exige conceber e organizar a Inspeção como primeira comunidade à qual é confiada a responsabilidade da formação inicial e permanente de seus membros (cfr. Const. 34; 57; 106).

Queremos portanto intensificar nosso empenho em cuidar com urgência dos vários elementos organizadores (Inspetor e Conselho, equipe de formação, Diretório, Centros de formação, cursos e iniciativas diversas) que concretamente levam a Inspeção a funcionar como agente de formação.

Na programação das tarefas de formação, cada Inspetor concentrará seus esforços de preferência sobre os seguintes aspectos:

a) *Duas prioridades de vida*

Inicialmente queremos privilegiar, dentre as iniciativas da formação inicial e permanente, o desenvolver-se de dois valores essenciais da nossa vida religiosa: *a experiência viva de Deus e a identidade salesiana.*

1. *Experiência viva de Deus:* cuidaremos da renovação pessoal e comunitária da liturgia, da capacidade de escuta da Palavra de Deus que nos questiona em nossa vida diária, e do sentido sobrenatural do nosso trabalho.

2. *Identidade salesiana:* é tarefa irreversível da nossa atividade formativa encarnar nas diversas culturas locais o genuíno Carisma salesiano. Para se obter um feliz resultado neste delicado processo, cada Inspeção empenhar-se-á em assimilar sempre mais o espírito de Dom Bosco, através do conhecimento de sua vida, das suas obras, dos seus escritos, da orientação oficial da Congregação e de modo particular através do estudo e da aplicação do Capítulo Geral Especial.

Tendo em vista uma sintonia maior com a cultura dos nossos povos, o nosso esforço concentrar-se-á definitivamente em conhecer mais a fundo, em amar mais intensamente, as Regras ou Constituições da nossa Sociedade.

b) *Ascese de presença*

A fim de evitar o insidioso perigo do “aburguesamento”, procurará cada Inspetoria reatualizar as linhas mestras do Sistema Preventivo insistindo particularmente para que os Irmãos se esforcem nas Casas a estar ativamente presentes no meio dos próprios destinatários, imitando Dom Bosco e tornando a meditar a famosa carta de maio de 1884 por ele enviada de Roma.

c) *Formação inicial*

Os Inspetores e seus Conselhos acompanharão com especial dedicação as Comunidades locais formativas, quer para Clérigos quer para Coadjuutores, nas diferentes etapas; cuidarão do funcionamento da Equipe de formação e da aplicação do Diretório inspetorial.

Constatando que o período do *Tirocinio* tem resultado ser uma etapa formativa algo descuidada, e lembrando que ele deve se constituir no tempo mais apropriado para o jovem Irmão aprofundar a experiência prática da vocação salesiana, o Inspetor e os Diretores, com seus respectivos Conselhos, terão cuidado particular e atento a fim de que os Irmãos tirocinantes obtenham verdadeiro proveito de um tempo de formação tão concreto e incisivo em nossa vida religiosa.

d) *Formação permanente*

Considerando que toda Comunidade local deveria ser verdadeiramente um centro de formação permanente, propomo-nos:

1. facilitar e desenvolver nos Diretores a sua função específica de serviço nas Comunidades (Const. 54; 182) e de cuidar da preparação dos outros animadores. Para se obter este objetivo, consideramos indispensável a colaboração interinspetorial na Região;

2. iniciar quanto antes um Curso de formação permanente a serviço deste grupo de Inspetorias. Ele terá a duração de 3 meses, março, abril e maio de 1976, e se realizará em Bangalore. Cada Inspetoria do grupo enviará pelo menos dois Irmãos escolhidos oportunamente e colaborará com pessoal dirigente.

e) *Preparação dos “formadores”*

A preparação do pessoal especializado nos diversos setores da missão salesiana é a primeira meta a que devem ser dirigidos os nossos esforços de renovação.

Cada Inspeção deverá elaborar, com visão do futuro, *um plano de qualificação do seu pessoal*, e fazer qualquer sacrifício para executá-lo.

Onde for possível, estude-se uma inteligente complementação interinspetorial, de modo particular a respeito do pessoal dedicado à formação.

III. ESCLARECIMENTOS SOBRE A UNIDADE E A DESCENTRALIZAÇÃO NA CONGREGAÇÃO

Constatamos nestes dias que as situações sociais e culturais mui diversas das nossas Inspetorias tornam particularmente importante o empenho em atuar na descentralização desejada pelo Capítulo Geral Especial (Const. 125 ss; CGE 720 ss), o reforço da unidade e da comunhão salesiana, segundo as orientações contidas na carta do Reitor-Mor (ACS n. 272).

a) *Responsabilidades descentralizadas*

Enquanto tomamos consciência da necessidade de assumir em todos os níveis, no cumprimento normal das atividades dos serviços inspetoriais, as responsabilidades descentralizadas, propomo-nos promover nas comunidades oportunas iniciativas para aprofundar, com o estudo e com a reflexão, o conhecimento e a prática das Constituições e dos Regulamentos, em cuja observância se realiza concretamente aquela particular “aliança” com Deus que é constituída pela Vocação salesiana; a este fim será proveitosa a difusão dos estudos sobre a espiritualidade salesiana, estudos inspirados no Capítulo Geral Especial.

De modo particular nos empenhamos em obter que:

1. tomem os Direitos as oportunas decisões e as providências a fim de que as comunidades e cada um dos Irmãos conheçam os documentos salesianos oficiais — Atos dos Conselho Superior, Circulares etc. — com os quais os Superiores executam o trabalho de orientação e animação da comunidade mundial da Congregação;

2. funcionem os Conselhos Inspetoriais e Locais de acordo com as normas do Capítulo Geral Especial, estudando e atuando as providências concretas para promover a unidade de espírito e a eficiência da nossa missão na Igreja local;

3. exerçam os Superiores nos diversos níveis sua autoridade como serviço de comunhão, fazendo funcionar as Consultas, os Conselhos, as Assembléias comunitárias de tal forma que cada Irmão se sinta co-responsável da vida e da ação da comunidade e da Família Salesiana (Const. 5,54, 125, 127);

4. cada comunidade, mesmo superando eventuais lentidões psicológicas de alguns Irmãos, busque atuar colegialmente a programação e a revisão da vida religiosa e da ação pastoral, em consonância com as Constituições e Regulamentos e com as decisões dos Capítulos Inspetoriais.

b) *Valor e necessidade da comunicação*

Tendo em vista favorecer maior intercâmbio e comunicação entre as Comunidades mundial, inspetorial e local, assumimos o empenho de trabalhar de tal maneira que os Superiores:

1. atuem como animadores da vida comunitária e da observância salesiana, facilitando o acesso às fontes da espiritualidade salesiana — vida e escritos de Dom Bosco, livros, biografias, estudos — a todos os Irmãos, mas especialmente aos que estão em formação, quer mediante o estudo da língua do Fundador, quer por meio de oportunas traduções mas de um modo especial pela ação constante de direção espiritual nas conferências, boas-noites, retiros, encontros, trocas de idéias etc.;

2. continuem a melhorar a comunicação recíproca ascendente e descendente e nos vários níveis (mundial, inspetorial e local), de forma que todos os Irmãos — particularmente os de formação — sejam informados sobre a vida e atividade da Família Salesiana, promovendo a difusão e a leitura do Boletim Salesiano, da ANS, dos Informativos Inspetoriais, das várias publicações de apropriados documentários e audio-visuais (CGE 516, 722);

3. desenvolvam a solidariedade fraterna e o intercâmbio de auxílios e serviços.

c) *A Comunidade, primeiro titular da missão*

Visto ser a Comunidade o sujeito da nossa missão na Igreja (CGE 29) procuraremos:

1. que cada Irmão viva e trabalhe em comunhão de espírito com os demais membros da Comunidade, evitando escolhas individualistas

(Const. 17, 74) e que os Superiores busquem desenvolver em suas Comunidades o espírito de solidariedade e co-responsabilidade, de modo que cada um se sinta apoiado e auxiliado a levar seu contributo à vida e à obra comum (CGE 509);

2. que, embora com espírito de diálogo e com caridade mas com a devida firmeza, sejam resolvidos os casos daqueles Irmãos que se acham, do ponto de vista jurídico e salesiano, em situações de vida e de trabalho não conformes às exigências da nossa vocação.

d) *Moção especial*

Havendo constatado que a atual composição da chamada “Região de Língua Inglesa”, a que pertencem as nossas Inspetorias, devido à imensidade geográfica, às diferenças lingüísticas, culturais e de desenvolvimento social, mesmo com o louvável empenho do Conselheiro Regional, realiza com dificuldade as funções de ligação e colaboração entre as Inspetorias e destas com o Centro, em vista das quais as Regiões foram constituídas (Const. 159 ss), fazemos votos para que no próximo Capítulo Geral seja estudada sua reestruturação segundo as indicações surgidas da experiência; entretanto, de acordo com o Conselheiro Regional, procuraremos contornar as dificuldades e enfrentar as variadas exigências com espírito de compreensão e colaboração.

VII. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Apresentamos três iniciativas singulares de caráter missionário, as quais, parece-nos, documentam muito bem o empenho da Congregação neste setor, no ano centenário das suas Missões.

Como de costume, esta seção, inspirada também no CGE que recomendou a divulgação de um "extrato das principais iniciativas tomadas no mundo salesiano para a renovação" (CGE 763,3b) atende antes de mais nada a uma exigência de informação, e não comporta necessariamente um juízo de valor, por parte do Conselho Superior, com relação a quanto vai publicado.

1. Inspeção de Bogotá — Jovens e Salesianos em missão no Ariari

Três Salesianos de Duitama com jovens de seu colégio passaram as férias escolares em Puerto Rico no Ariari. O profundo sentido de sua experiência deve ser visto também do ângulo da passagem dos jovens simples objetos da pastoral para agentes ativos ao lado dos missionários.

Durante as férias da metade do ano, um grupo de oito alunos e três Salesianos esteve em atividade missionária na pequena localidade de Puerto Rico (Prefeitura de Ariari, confiada aos Salesianos).

O pequeno centro, perdido no meio da floresta, conta quatrocentos habitantes. Tem um porto sobre o rio Ariari, duas escolinhas, uma das quais é dirigida pelo pastor protestante, nenhum médico, mas um posto de soldados de polícia. Chega-se até lá por uma estrada deficiente (com serviço de ônibus somente na estação seca) ou pelo rio (de quatro a oito horas de navegação desde a localidade mais vizinha).

Situação religiosa: os missionários salesianos podem visitar Puerto Rico somente de vez em quando, mas o pastor aí reside habitualmente; isto trouxe uma profunda divisão na população.

O grupo de Duitama quis realizar uma experiência de empenho cristão, levando àquela gente uma mensagem de fé e esperança através

do diálogo e da colaboração. Momento culminante do encontro foi a festa de Nossa Senhora do Carmo, muito apreciada pelo povo.

O grupo preparara-se com esmero. Um Salesiano havia ido com tempo à Prefeitura Apostólica para colher os dados úteis, que o grupo assim estudou a fundo, preparando nessa base as diversas atividades.

Chegando ao posto, logo o grupo entrou em contato com as pessoas mais influentes; depois visitou cada uma das famílias, também para conhecer diretamente a situação social. Fruto destes encontros foram as sucessivas reuniões, a que compareceram com muito boa vontade as mulheres e as crianças. Os jovens, poucos...

Foram realizados diálogos, que serviram de preparação a batismos, matrimônios e primeiras comunhões.

Combinou-se com o povo consertar o cemitério e preparar o terreno para o aeroporto.

Na festa do Carmo houve as primeiras comunhões e depois a solene procissão, com a imagem de Nossa Senhora transportada sobre camioneta e embarcações. O povo (agora também os homens) correspondeu além da expectativa.

O êxito desta primeira experiência missionária em Puerto Rico foi atribuída pelos participantes à preparação prévia e ao exame, toda tarde, das atividades de cada dia. Tudo: encontros, colóquios, horas de distensão etc... era tudo, vez por vez, adaptado de novo à mentalidade e à capacidade de aceitação daquela gente.

Esta experiência missionária deverá ser continuada: exige-o a viva esperança da população de Puerto Rico e o crescente interesse apostólico dos jovens missionários que a viveram.

As férias escolares parecem ser o tempo oportuno para que os "jovens engajados" das obras salesianas vivam uma experiência forte de promoção humana e de testemunho cristão.

2. Inspeção de Madri — "Tierra Nueva": Ex-Alunos seguem para a Missão

Os Ex-Alunos da Espanha dão vida a uma organização que se empenha em preparar os jovens (de modo especial Ex-Alunos) dispostos a dedicar algum ano de sua vida à promoção humana e cristã do Terceiro Mundo.

O N.I. de Madri (junho de 1975, pág. 30-32) ilustra a iniciativa, apresentando sua natureza e finalidade.

“Tierra Nueva” é uma obra que surgiu na Espanha para atender ao desejo de um empenho sério e responsável por parte dos jovens, de trabalharem no âmbito da evangelização e do desenvolvimento dos povos.

É uma iniciativa criada pelo Secretariado regional dos Ex-Alunos de Madri, e se propõe:

— dar uma resposta ao desejo de formação apostólica e evangelizadora dos Ex-Alunos jovens e de quantos outros quiserem a eles se unir;

— ir ao encontro do anelo de muitos de realizar uma escolha vocacional de doação ao próximo;

— favorecer a ação pessoal de quem pretende ajudar seu semelhante a livrar-se da ignorância e das estruturas da injustiça nos países em desenvolvimento;

— promover vocações temporâneas e permanentes de missionários seculares.

“Tierra Nueva” é portanto uma obra eclesial e salesiana. Eclesial, porque a promoção humana é por ela procurada na medida em que faz parte de um plano de evangelização verdadeira e apropriada. E salesiana, porque pretende agir com estilo aberto, jovial e sereno de doação e generosidade que é próprio de Dom Bosco.

Em concreto “Tierra Nueva” conclama os jovens da idade de 18 a 30 anos, quer tenham apenas terminado os estudos ou a preparação profissional, quer tenham já aos ombros uma certa experiência de trabalho. E promete a sua incorporação no exercício da sua profissão, pelo espaço de alguns anos, como empenho social pelos mais necessitados.

Quanto ao âmbito geográfico, “Tierra Nueva” dá preferência aos países do Terceiro Mundo que possam solicitar o seu auxílio, mas não exclui as situações concretas do próprio país.

Sua plena filiação à Família Salesiana resulta também do fato de solicitar, para o período de formação de seus aderentes, a ajuda da Congregação, e oferecer seus préstimos à Procuradoria Missionária salesiana de Madri.

3. Inspeção Vêneta de São Marcos — A paróquia boliviana dos Salesianos vênets

Desde setembro de 1974 quatro Salesianos da Inspeção Vêneta de São Marcos assumiram uma abandonada paróquia no coração da Bolívia: "San Carlos de Iapacani". Um relatório de 15 páginas sobre a atividade ali desenvolvida foi publicada no N.I., suplemento do número de outubro de 1975.

Apresentamos em resumo alguns dados:

Os Salesianos: são três Sacerdotes e um Coadjutor. Fazem comunidade com dois jovens voluntários, técnicos mecânicos em serviço civil por dois anos.

A região: a paróquia é enorme: 12.000 km², mais do dobro da Ligúria. Incerto o número dos habitantes (entre 40 mil e 60 mil). Aí se encontram os Camba, que falam o castelhano; os Colla descidos recentemente do planalto e que falam o difícil "quechua"; os Guaraios, tribo de uma pobreza inimaginável, atacados pela tuberculose a ponto de torná-los inválidos para o trabalho e em fase de extinção; e por último "os bárbaros" (selvagens) assim chamados por viverem entocados na mata virgem, dos quais todos falam mas poucos têm conhecimento

História da paróquia: por onze anos (1959-70) lá trabalhou um missionário de uma congregação americana. Consagrou-se inteiramente ao trabalho: construiu três igrejas, a casa paroquial, o posto médico, o centro juvenil. Mas depois esbarrou em dificuldades com as autoridades, e deixou o posto. A paróquia permaneceu então sem sacerdote fixo por quatro anos.

O trabalho de um ano. Os Salesianos foram para San Carlos a pedido do Bispo e com o apoio do Inspetor da Bolívia e dos Irmãos da casa salesiana "La Muyurina".

Foi um ano de autêntico apostolado missionário: recuperação das comunidades cristãs (após quatro anos de abandono); visita às famílias dispersas nas regiões de colonização; catequese dos principais sacramentos: batismo, primeiras comunhões; ação de promoção social (principalmente para a saúde das crianças e dos mais necessitados); presença do sacerdote-irmão em todas as manifestações do povo.

A visita à comunidade encerra uma importância muito grande. Passa-se de casa em casa, a convidar as pessoas para a reunião da

tarde que haverá na escola mais próxima; nessa reunião faz-se catequese, celebra-se a Missa, administram-se os sacramentos...

Preciosa é a contribuição que podem dar os catequistas (haverá um curso para 35 deles a fim de proporcionar-lhes melhor formação).

A comunidade sabe que pertence à Inspetoria Vêneta de São Marcos e assim está apoiada por Irmãos que a estimam, amam e ajudam.

A comunidade salesiana. Vive uma experiência estimulante: Salesianos e jovens voluntários dividem tudo, na vida em comum, no trabalho pastoral e na promoção social. O que une a comunidade é a fé, a ação em favor dos pobres, uma amizade serena fundada sobre o diálogo aberto e sobre um constante reexaminar-se.

Ótimo o relacionamento com a Inspetoria da Bolívia: participamos dos cursos de atualização, retiros e exercícios espirituais da Inspetoria: também dividimos o plano pastoral.

A comunidade vive outrossim uma profunda experiência de oração, na convicção — comprovada cada dia pelos fatos — de que, num campo de trabalho tão extenso, variado e difícil, tudo deve ser constantemente pedido e confiado ao Espírito Santo e à comunhão dos santos. O breviário é recitado em comum; a liturgia dominical é preparada no sábado, à tarde, em um encontro de oração com os jovens da paróquia.

“Irmãs gêmeas”. A paróquia de San Carlos combinou com a paróquia Don Bosco de Pordenone serem *irmãs gêmeas*. Esta última comprometeu-se a enviar 10% das ofertas das missas dominicais; existe um intenso intercâmbio epistolar entre as famílias das duas paróquias; está sendo remetida uma contribuição mensal em dinheiro aos índios Guaraios doentes de tuberculose; preparam-se jovens voluntários que irão trabalhar em San Carlos.

A escolha dos pobres. Deseja-se dividir o mais possível com a vida pobre da gente com que se vive (na quaresma deste ano nos abstivemos de carne); todas as ofertas recolhidas na igreja são destinadas aos pobres; os auxílios financeiros da Inspetoria, da Conferência Episcopal etc... são para as obras de assistência. Para nosso sustento deve bastar o trabalho pastoral (batismos, matrimônios...) e o trabalho dos voluntários.

“Na minha opinião — conclui o relator, um dos quatro Salesianos, o P. Ermanno Nigris — penso realmente que a renovação da Inspetoria tem na missão de San Carlos um ponto de referência muito importante”.

VIII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. Sois os “conquistadores” do Evangelho

Na audiência concedida dia 22 de novembro de 1975 aos Missionários salesianos da “Expedição do Centenário”, Paulo VI pronunciou as palavras aqui publicadas. Transcrevemos em grifo o texto oficial (apareceu também no “Osservatore Romano” de 23 de novembro de 1975, e na edição portuguesa de 30 de novembro de 1975), enquanto o mais foi improvisado benévolo do Papa.

Por se tratar de um discurso entremeado de expressões familiares, captadas por um gravador particular, em gravação algo imperfeita e por assim dizer “clandestina”, pede-se não se utilizar este texto para publicações “externas”.

Esta audiência — que realmente muito nos agrada — está inserida em dias extremamente cansativos para nós. Mas a vossa presença é um consolo, exatamente pela alegria que nos traz.

Nós sabemos, estão presentes os veteranos das Missões, e de onde vêm.

E olhamos agora para a juventude que parte para as Missões. Este desfilar ante nós desenha verdadeiramente um arco da Providência, que se assemelha a um arco-íris: sinal de esperança, de alegria, de celeste regozijo, a pousar sobre os destinos humanos, que precisam tanto e tanto — um dia o compreenderéis também vós — da vossa presença.

Sois uns eleitos, chamados a ajudar a obra de Deus entre povos longínquos e desconhecidos, mas com um destino que o Senhor já previu e que descreve com a sua misericórdia e a sua bondade. Entrais em um projeto de maravilha, mesmo que esta maravilha venha a ser um pouco de “via crucis” para o pobre peregrino que a percorre; mas está realmente sustentada, para não ser nunca esquecida, por este arco de luz que paira sobre vós.

Por isso, pois, damos as nossas cordiais boas-vindas a todos vós, missionários novéis da Família Salesiana, que estais prestes a ir para

os campos de apostolado no centenário da partida dos primeiros missionários enviados por Dom Bosco à Argentina...

(basta a lembrança desses fatos para nos transportar a uma epopéia com sabor de lenda) *após terem sido recebidos e abençoados pelo Nosso Predecessor Pio IX.*

Sentimo-nos feliz e comovido por esta significativa coincidência: quantos eram então? Dez, entre os quais o futuro Cardeal Cagliero. E agora sois uma centena, elevando assim para mais de 3.000 o número dos Irmãos missionários que trabalham em todo o mundo, juntamente com as 1522 Filhas de Maria Auxiliadora.

Fizestes doação total

Mas sabeis, bem sabeis. Há tanta coisa triste ante nossos olhos! Em todos os momentos temos que estar em contato com prevenções, dificuldades, oposições, e até com fraquezas que entristecem enormemente a nossa vida. E qualquer pessoa de responsabilidade conhece um pouco a qualidade destes nossos sofrimentos. Pois bem, chega-nos agora uma alegria como esta: ver filhos que se doam a Cristo, à sua Igreja, e que oferecem não um dom passageiro, mas tudo: a sua vida, tudo o que são, que sabem, que podem... tudo oferecem ao Senhor! E são donativos belos aos olhos de Deus! Julgais que estamos habituados a estas coisas? Deveríamos estar, mas o hábito não faz senão aumentar nossa alegria, nosso entusiasmo, nossa emoção, e o agradecimento ao Senhor que nos concede esta ventura. E a vós, caríssimos filhos e filhas, que nos proporcionais este prazer.

Que havemos de dizer-vos que não saibais já? Conheceis os nossos contínuos apelos em favor das Missões, nossos documentos, nossas alocuções sobre este problema central, fundamental e premente da vida da Igreja.

O Senhor fez esta pressão sobre quem foi escolhido, os apóstolos: "Ide, pregai, conquistai o mundo". Parece ser uma frase de augúrio, bela, mas na realidade trata-se de uma pressão tremenda que o Senhor colocou sobre o coração e responsabilidade da Igreja. E por isso estamos assistindo a este fenômeno, vemos explodir hoje verdadeiramente a caridade da Igreja para novos horizontes, para novos países, para novas conquistas, para novas aventuras, para novas dificuldades: alegramo-nos imensamente — e assistimos de fato com pensamento de espírito e com oração fervorosa, com expectativa cheia de confiança — a empresa a que vos aventurais.

Sois verdadeiramente os “aventureiros” do Evangelho, sois os audaciosos paladinos da Palavra de Cristo, sois aqueles que tudo doaram.

E não só como tantos outros bravos sacerdotes, mas fizestes doação também da própria família, da própria pátria, da própria língua, dos próprios costumes... E além disso, a aceitação do desconhecido: ir encontrar-se com o desconhecido, tratar com gente que se não conhece, gente que não teria nenhum título — humanamente falando — a pretender de vós favor algum, um interesse qualquer que fosse...

Por isso vós doais, não uma coisa qualquer, não uma esmola que passa, mas doais vós mesmos. Nisto se crê. Isto é Evangelho vivido!

E agradecemos aos Superiores que têm a responsabilidade de guiar e suscitar estas energias. E agradecemos aos Santos do Céu, que tenham iniciado e encaminhado este grande empreendimento. Porque é também para nós, que participamos e somos em certo sentido co-responsáveis, um grande conforto e uma grande esperança.

Nós vos chamamos em nome de Cristo

Vemos em vossa presença aqui a resposta viva a estas nossas preocupações universais, o “sim” das vossas jovens vidas ao chamado que Pedro vos faz, na pessoa do seu Sucessor, em nome de Cristo.

Nós vos chamamos a servir à Igreja em nome de Cristo. Somos apenas o eco, pobre eco, mas autêntico, daquela voz que perpassou o mundo: “Vinde, eu vos farei pescadores de homens”.

Diremos até que vemos em vós exemplificada e realizada plenamente a vocação missionária da Igreja, também ela tornada testemunho vivo e vibrante de amor concreto (quantas vezes fala-se de amor, que afinal se reduz a palavras ou sentimentos fugazes, ou a cumprimentos que nada valem, quando não são apenas uma falsa profissão de afeto e de amor!)

Vemos realizada em vós a vocação missionária da Igreja, tal qual ela é na sua natureza peregrinante (cfr. Ad Gentes 2) tal como lhe foi confiada, como elemento constitutivo e substancial, pelo seu Divino Fundador (“Euntes docete”: Mt 28,19), tal como foi vivida pelo Colégio Apostólico, por Paulo, e pela inumerável multidão que depois deles,

acolhendo o mandato de Cristo, se difundia pouco a pouco no mundo para anunciar o Evangelho a todas as nações, a Palavra, a mensagem que salv.

“Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!” (Rom 10,15). Quantos caminhos traçaram estas humildes pegadas de homens e mulheres consagrados a Deus no ideal mais elevado e mais puro, para conquistar as almas para Cristo!

Desde hoje, vós juntai-vos àquela multidão, e certamente sois sustentados pelo exemplo daqueles que vos precederam, e que vemos representados pelos missionários veteranos vindos aqui depois de uma atividade ininterrupta de mais de quarenta anos de apostolado em terras longínquas.

Caros missionários, queríamos dar-vos muitos louvores, mas não queremos diminuir o prêmio que mereceis, não de nós, mas do Senhor.

Ninguém vos paga: pagará somente Cristo, Senhor nosso, no dia da sua retribuição. Sinto-me, porém, feliz em receber-vos e dizer-vos que estáveis sempre presentes — mesmo quando muito longe — na Igreja de Deus, que vos sentíamos pertinho de nós, e ainda estais. Nós nos sentimos orgulhosos, e vos encaramos como exemplos, e como um penhor para sermos nós mesmo, sequazes do exemplo que deixastes em herança à Igreja de Deus. Muito bem e muito obrigado!

O Senhor disse: “Tu falarás!”

Confiar unicamente em Deus que vos chamou, vós novos missionários;

Confiar em Jesus Cristo que vos envia, no Espírito Santo que vos amparará nas vossas fadigas e dará asas às vossas palavras.

Como é belo avaliar a incerteza, o receio, a timidez que também os missionários sentem ao pensar em tantas dificuldades. “Como vou falar para me fazer entender?” — Diga-o o senhor, D. Carretto: como faremos para que nos entendam com essas línguas que não compreendemos e que ninguém pode aprender de um dia para outro? Serão precisos anos e anos para se chegar a uma comunicação exata!

Lembro-me então das palavras de Jeremias, quando foi chamado por Deus para ser profeta. Que respondeu? Apenas: “A...A...A... Nescio loqui... Não sei falar!” E assim vossas almas em aflição, perplexas, e quase perturbadas por uma vocação a exigir demasiado.

Mas o Senhor diz: “Tu falarás! Serás capaz de transfundir o tesouro da tua fé em outras almas com um idioma que não é acessível. Conseguirás! Conseguirás!”

Tende confiança. Tornar-vos-eis capazes, sim, de falar e de transmitir o tesouro da verdade que salva, que é exatamente o Evangelho.

Abandonai-vos à materna proteção de Maria Auxiliadora; sede sempre os filhos fiéis da Igreja, que espera ver crescer o Povo Santo de Deus, de que é formada. E perseverai com fidelidade, seguros de ter realmente ingressado no bom caminho: as vossas tradições.

As vossas tradições salesianas! Estais no caminho autêntico, bom, do Evangelho. E por quanto as críticas possam ser tantas vezes justificadas de quem olha de fora (as coisas humanas têm uma medida, e a medida é suscetível de ser criticada pelos outros) ficai tranquilos! Esta é a palavra que vos dirige o Papa enquanto vos cumprimenta em vossa patria: Podeis estar certos de que escolhestes o bom caminho.

E que não surja nunca — nunca! — em vosso coração a dúvida: “Oh, se eu tivesse ficado em casa! Oh, se houvesse seguido outro caminho!”

Um arrependimento doloroso! Dai sem pensar em reaver, e encontrareis a alegria até nos sacrifícios que parecem sem luz e sem resposta positiva.

O segredo da vossa força: a vida interior

Exortamo-vos principalmente a cultivar a vida interior. Sois os candidatos à vida exterior, atirados ao mundo no rumor destas tão agitadas civilizações, estareis em condições extraordinariamente empíricas muitas vezes: como encontrar alimento, obter um cavalo, alcançar um trem ou o que sei eu... E assim a exterioridade pode absorver-vos e esvaziar aquela vida interior, que deve ser sempre mantida e deve ser o segredo da vossa força. Exortamo-vos, pois, principalmente a cultivar sempre a vida interior.

Ajudando-vos fraternamente quando e no que for possível, para ganhardes eficácia e estabilidade para o vosso trabalho apostólico.

É verdade que estais espalhados pelo mundo, mas certamente não ficareis sós. Encontrareis o velho missionário, encontrareis um outro colega etc. Ajudai-vos! Ajudai-vos uns aos outros, confortai-vos, dai-vos as mãos, buscai apoiar-vos, procuraí ser capazes de ler na alma do irmão cansado, e alguma vez triste, e dizer: “Escuta: devemos ficar

firmes, ser fortes!” E assim vos sentireis hábeis a confortar, até quando vós mesmos estiverdes mais necessitados de conforto.

Só com a oração e com o sacrificio se conquistam as almas. Recordai-o sempre. O Concílio Vaticano II foi explicito: “Penetrado duma fé viva e duma esperança inquebrantável, o missionário seja homem de oração; esteja inflamado em espírito de fortaleza, de amor e de temperança... Em espírito de sacrificio, — Vejam o que diz! — leve em si a morte de Jesus, para que a vida de Jesus opere sobre aqueles aos quais é enviado” (Ad Gentes, 25).

Este Ano Santo de renovação interior recordar-vos-á o início cronológico da vossa atividade, se a tendes começado em 1975. E depois, talvez quantos anos ainda se passarão! Por isso é belo que conserveis a origem desta data e a sintais qual inspiração e garantia para vossa vocação missionária.

O início cronológico da vossa atividade, dizia, indique também para ela o espírito e a medida de uma doação sem medida. Estes são os nossos votos, que fazemos acompanhar da nossa oração para invocar sobre vós a efusão do auxílio divino e a plenitude de vivas consolações para os vossos entes queridos que vos ofereceram a Deus como sacrificio de suave perfume.

Em algumas ocasiões aparecerá a dúvida

Deixemos agora o coração descansar, e passemos às despedidas.

É verdade que quem olha para trás — diz o Evangelho — não é digno do Reino de Deus; mas este é um olhar para trás com muito carinho: as mães, os pais, os irmãos, as irmãs, as paróquias, as associações, as escolas, que deixamos atrás... Pois bem, a eles igualmente enviamos nossas saudações e bênçãos, para que vossa partida não seja um abandono sem coração.

É um coração dilacerado que levais, que sofre por ter cumprido este sacrificio. E em certas circunstâncias, em certos momentos, nascerá em vossa mente o cansaço, a dúvida... “Deixei... Estava tão bem... Oh, como me lembro da minha infância, da minha juventude etc.” Não! Façamos uma oração e uma despedida, mas sem titubear um instante na escolha feita.

Quem pôs a mão ao arado, diz o Evangelho, não deve voltar atrás. Assim vós, assim vós. Querendo sempre bem, multiplicando o vosso afeto, a vossa cordial recordação das pessoas a quem estais

obrigados por terdes recebido a vida, a instrução, os exemplos etc. Mas olhando para a frente aquilo que é mais importante: servir o Evangelho, servir a Igreja, servir Cristo.

É moda, e digo: uma bela moda

Com um abraço espiritual, missionários mui queridos, que pretende abranger a todos vós e a todos os vossos irmãos missionários, damo-vos a nossa Bênção Apostólica.

Convidamos D. Carretto, bispo também ele, a dar-vos a bênção conosco. Agora, após o Concílio, isso está na moda. E vos digo: uma bela moda!

Extensiva esta Bênção aos dignos membros do Conselho Superior dos Salesianos. Ao Padre Ricceri, sim?... e juntamente com ele a todos os que o assistem, que o coadjuvam na obra missionária. E também, a todas as Filhas de Maria Auxiliadora aqui presentes, bem como às respectivas Famílias religiosas dos Filhos de São João Bosco e de Santa Maria Mazzarello.

2. O mistério da Cruz em nossa vida

Na audiência geral do dia 26 de novembro de 1975, Paulo VI abordou o tema da "utilidade do nosso padecer se for unido, ideal e cordialmente, ao sofrimento de Cristo". Meditação que será muito oportuna no tempo penitencial da quaresma (De "L'Osservatore Romano", edição em português de 30.11.1975).

Como sabemos, São Paulo recomendava gravemente, já aos primeiros cristãos, recrutados com o anúncio do Evangelho, a Boa Nova, e convocados para formarem parte da sociedade do amor, que é a Igreja: *Não se desvirtue a Cruz de Cristo — non evacuetur Cruz Christi* (1 Cor 1,17). E observa como este tema qualificava de loucura a sua pregação: *Nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os Judeus e loucura para os Gregos* (1 Cor 1,23ss). É um fenômeno que se verifica, quer na história da Igreja, quer na psicologia da vida humana: o de eludir a presença da Cruz, de suprimir das leis da vida a dor e o sacrifício.

Neste ponto, parece-Nos capital uma observação: nós sabemos muito bem que Cristo nos remiu com a Sua Cruz, com a Sua Paixão e Morte; e estamos dispostos a percorrer, com piedade e comoção, a "Via-Sacra", a Sua via da Cruz; mas não estamos tão dispostos a

admitir que a Cruz de Cristo se reflete da nossa vida, que fica marcada não só pela salvação que brota da Cruz de Cristo, mas também pelo exemplo que da mesma reverbera no nosso modo de conceber a vida, e, o que é mais, pela participação que reclama de cada um de nós, como nos ensina ainda São Paulo: *Alegro-me* — escrevia ele aos Colossenses — *nos sofrimentos suportados por vossa causa, e completo na minha carne o que falta aos sofrimentos de Cristo para bem do Seu Corpo que é a Igreja* (Col 1,24).

Sim, o cristão deve, de algum modo e em certa medida, levar a Cruz do Senhor. Antes de mais, com a compreensão do “mistério da Cruz”. Compreensão? — Melhor diremos: reflexão, adoração, amor! Jamais poderemos explorar a fundo este mistério, mediante o qual Cristo, cordeiro e vítima pela nossa salvação, se imolou e realizou a deslumbrante metamorfose que consitiu em fazer da Sua morte o princípio da Sua e da nossa futura ressurreição (Flp 2,5 ss).

A utilidade do nosso padecer

Mas nesta extraordinária meditação, nós havemos de fazer uma outra incomparável descoberta: a da filosofia da dor, do valor que pode assumir o sofrimento humano, da “utilidade” do nosso padecer se for unido, ideal e cordialmente, ao sofrimento de Cristo.

Utilidade para nós mesmos: como disciplina das desordens ideológicas e passionais que em si mesmo experimenta cada um (cfr. Col 3,5; Rom 8,13). É a pedagogia da mortificação e da penitência, que deve dar à nossa arte de viver a energia da liberdade interior e do autodomínio, a fortaleza viril que nos torna aptos para o exercício de todas as virtudes (cfr. S. TH. I-II, 61, 3-4; II-II, 123).

Utilidade para os outros: a cruz tornar-se amor, de serviço, de paciência, de sacrifício pelo bem alheio. São o exemplo e a oblação que podem dar, mesmo à vida mais humilde, a nobreza e o valor da caridade, da santidade.

E que haja necessidade, hoje, desta nossa “simpatia” pela Cruz de Cristo, recorda-no-lo a tentação talvez mais agressiva do nosso tempo: a do hedonismo, isto é, do bem-estar, do divertimento, do prazer, da licenciosidade, do vício, erguidos à honra abusiva de finalidades primárias da existência humana. Hoje, são demasiados os que querem ser felizes não já da felicidade da boa consciência e do empenho no trabalho, mas felizes no gozo das coisas e do tempo. Busca-se o que é fácil, sensível, agradável, instintivo, como expressão ideal da

nossa vida; e com que degradantes conseqüências, a todos, infelizmente, é dado ver.

Oxalá que, pelo contrário, o Cristo nos infunda a sabedoria, a alegria e a força de levarmos sobre nós a Cruz de Cristo.

3. Paulo VI aos jovens desportistas

Entre as muitas peregrinações do Ano Santo, no mês de novembro o Papa recebeu numerosos grupos de jovens desportistas. Em breve alocução, apresentou-lhes o desporto como meio para conseguirem a plenitude da própria personalidade (De "L'Osservatore Romano", edição em português de 16.11.1975).

Não vos pareça coisa estranha à Nossa função apostólica, se temos um pouco o Nosso interesse sobre as vossas atividades. Fazemo-lo conscientemente, como sempre o temos feito com os grupos desportivos que vos têm precedido

Efetivamente, são muitas as ocasiões que temos tido de contactar com os representantes do desporto; e sentimo-Nos muito alegre por as aproveitarmos para dar testemunho de quanto a Igreja olha com olhos de maternal satisfação estes seus filhos, que com o seu exemplo sabem dar aos contemporâneos um exaltante espetáculo de juventude forte, disciplinada, ousada. O domínio de si próprio, o culto da honra e da lealdade, o treino para a coragem física e moral, através de uma regra de vida voluntariamente aceite: são valores humanos que o Cristianismo sempre reconheceu como seus.

Por isso, a Igreja, que tem a missão de acolher e de elevar tudo aquilo que na natureza humana existe de belo, de harmonioso, de equilibrado e de forte, não pode deixar de aprovar o desporto, principalmente se o emprego das forças físicas é acompanhado das energias morais, que dele possam fazer uma escola magnífica de força espiritual e de severo treino para os contatos sociais fundados na lealdade, no respeito dos outros e no espírito de amizade e de fraterna solidariedade.

Nós, por isso, encorajamo-vos a dar o melhor de vós nas vossas pacíficas competições, com aquela alegria e entusiasmo que caracterizam a vossa idade juvenil; mas não sem vos recordar, devido à alta missão espiritual que Nos foi confiada por Deus, que a competição desportiva, tão nobre e bela, não deve ser considerada um fim em si, mas apenas um meio e um auxílio para dar à vossa personalidade,

tanto humana como profissional, aquela plenitude que deriva da fusão harmônica dos dotes físicos e espirituais. A competição desportiva está subordinada às exigências certamente bem mais altas e proeminentes do espírito. Nada deve evitar o cumprimento dos vossos deveres para com Deus e para com a vida familiar.

Sede, portanto, excelentes desportistas, queridos filhos, mas sede melhores cidadãos, com aquele conjunto de virtudes e de méritos que tornam frutuosa e digna a vossa existência; além disso, sede ótimos cristãos que compreendam o valor da vida como resposta generosa a dar a Deus Criador e Salvador.

IX. NECROLÓGIO

Coad. Alfredo Astr

* Kromeriz (Tchecoslováquia) 8-6-1903, † Gottwaldov (Tchecoslováquia) 18-6-1975 com 72 anos, 46 de profissão.

P. Marcello Azzoni

* Cingia de " Botti (Cremona, Itália) 1.1.1897, † Paterson (N. J. USA) 28.7.1975 com 78 anos, 51 de profissão, 45 de sacerdocio.

Recebeu-o a Congregação já adulto. Trabalhou alguns anos no apostolado paroquial e por 35 como capelão das Irmãs em New Haledon. Sempre muito disponível para o serviço ministerial, que abrangia a juventude. Foi confessor muito apreciado dos sacerdotes diocesanos. Bondade, simplicidade, carinho, bom humor, piedade, foram suas características. Mantinha-se preparado para a chamada do Senhor, e com o Papa João XXIII dizia: "Todo dia é bom para morrer".

Coad. Daniel Barrientos

* Cericinos del Carrizal (Zamora, Espanha) 13-5-1926, † Astudillo (Palência, Espanha) 27-10-1975 com 49 anos, 11 de profissão.

Foi homem de fé e abnegação, sempre disposto a servir e ajudar a quem quer que dele precisasse. Soube esperar com serenidade corajosa a morte, que presentia se avizinhar dia a dia, conservando sempre o sorriso nos lábios e o senso de humor que era sua característica. A participação em massa da população aos seus funerais demonstrou quanto fosse estimado por todos.

Coad. Francisco Baumer

* Haag (Oberpfalz, Alemanha) 6-9-1909, † Helenenberg (Alemanha) 8-10-1975 com 66 anos, 47 de profissão.

Sua vocação religiosa desabrochou naturalmente no ambiente de sua família, profundamente cristã. Seus primeiros campos de trabalho foram Buxheim, Ens Dorf, Benediktbeuern. Obtivera o "diploma com louvor" de jardineiro e assim, enviado a Helenenberg, por 25 anos formou muitos jovens como profissionais e como cristãos. Distinguiu-se

pela grande experiência técnica, pela consciência do dever, e por seu caráter afável e conciliador; era muito estimado pelos Irmãos, Cooperadores, amigos e jovens.

P. Guilherme Béguérissé

* Puebla (México) 16-8-1894, † Guadalupe (Colômbia) 13-11-1975 com 81 anos, 48 de profissão, 43 de sacerdócio. Diretor por 15 anos.

Exatamente quando se celebrava na Inspetoria o centenário das Missões salesianas, falecia este generoso missionário. Após intenso apostolado em Cuba e no México, trabalhou por 28 anos na Colômbia, em Água de Diós e Contratación, servindo aos doentes dos lazaretos. Fez da Colômbia sua segunda pátria, da qual voou à casa do Pai, quando exercia o sagrado ministério perto do lazareto, em uma pequena localidade de nome mui caro aos mexicanos: Guadalupe. Soubera enraizar em si o sentido de Deus, bondade exuberante, doação absoluta e preferência pelos pobres.

P. Guilherme van Bergen

* Breda (Holanda) 22-4-1913, † Heinsberg (Alemanha) 1-1-1975 com 65 anos, 43 de profissão, 34 de sacerdócio.

Logo após sua ordenação sacerdotal lecionou francês aos nossos aspirantes na Holanda. Nos longos anos de magistério era estimado pelos alunos, não só por sua cultura, mas também por seu ânimo alegre e participação ativa nos jogos e esportes. Estas qualidades muito lhe valeram mais tarde como capelão militar. Depois, como pároco, participava vivamente das vicissitudes de seus paroquianos, com um amor e compreensão muito mais profundos do que podia aparecer. Pouco antes do Natal golpeou-o uma hemorragia cerebral, vindo a falecer no dia primeiro do ano, festa de Nossa Senhora, à qual dedicara no dia de sua ordenação toda sua vida sacerdotal.

P. Fiorino Bertoletti

* Fonteno (Bérgamo, Itália) 12-7-1905, † Bérgamo (Itália) 16-11-1975 com 70 anos, 43 de profissão, 35 de sacerdócio.

Vocação realizada em idade madura e temperada no sacrifício, estava bem indicado para acompanhar a dura vida dos Alpinos. Passou assim mais de 25 anos de sua vida salesiana como Capelão militar

de diversas unidades de Alpinos. Após a reforma militar devido à idade, ocupou-se em seus últimos meses, na cidadezinha de origem em auxílio à sua família e, a pedido do Bispo, como pároco local enfermo. No cumprimento de suas novas funções, dedicou-se com tanto empenho que apressou seu próprio fim (proveniente de um enfarte).

P. Ventura Bonaventura

* Randazzo (Catânia, Itália) 18-6-1912, † Catânia (Itália) 20-10-1975 com 63 anos, 46 de profissão, 35 de sacerdócio.

Fora aluno do nosso Instituto em Randazzo, primeira casa salesiana da Sicília. Terminado o primeiro ciclo das escolas técnicas governativas, seu vivo desejo reconduziu-o entre os Filhos de Dom Bosco. Após completar sua formação sacerdotal, tornou-se hábil docente. Sempre sereno e compreensivo, atraía a estima e bem-querer dos Irmãos e dos alunos, que agora dele se lembram com saudades.

Coad. Luís Campo

* Pinerolo (Turim, Itália) 30-11-1895, † Mendoza (Argentina) 26-10-1975 com 79 anos, 56 de profissão.

Dedicou-se com entusiasmo infindo ao ensino, preocupado com a formação moral e catequística de seus alunos. Humilde, alegre, trabalhador, deixa-nos um luminoso exemplo de fé, de piedade eucarística e de generosa dedicação ao trabalho de imprimir a imagem de Deus nas almas dos jovens.

P. José Castagnotto

* La Morra (Cúneo, Itália) 13-2-1890, † Watsonville (USA) 6-1-1975 com 84 anos, 62 de profissão, 55 de sacerdócio.

P. Rafael Chroboczek

* Wellendorf (Siedliska, Polônia) 7-4-1906, † Campinas (Brasil) 5-11-1975 com 69 anos, 49 de profissão, 41 de sacerdócio. Diretor por 17 anos.

Alma generosa, coração aberto, sempre fiel ao ideal de Dom Bosco, consagrou-se totalmente ao serviço dos Irmãos na vocação sacerdotal e salesiana. Exerceu diversas ocupações e cargos de confiança em

muitas casas. Deixa a lembrança perene de sua doação total, o edificante espírito de fé, seu imenso desejo de trabalhar na vinha do Senhor, o exemplo magnífico de sua vida religiosa, de seus modos gentis e de sua apurada caridade.

P. Guilherme Cole

* Blackrock (Dublin, Irlanda) 11-9-1915, †Dublin (Irlanda) 10-9-1975 com 60 anos, 41 de profissão, 31 de sacerdócio. Diretor por 13 anos.

Muito apreciado pelo seu trabalho missionário, esteve antes na Índia e depois, por motivos de saúde, na Austrália, onde ocupou cargos de muita responsabilidade. Admirado por quantos com ele tratavam. Fazia um ano que voltara à pátria: o mal incurável que o levaria ao túmulo já se manifestava rapidamente. Assim mesmo P. Cole se dedicou com zelo inesgotável a trabalhar entre os imigrantes irlandeses em Londres.

P. José Cordeiro

* Texugueira, Milagres (Leiria, Portugal) 26-10-1925, † Manique (Estoril, Portugal) 19-8-1975 com 49 anos, 25 de profissão, 15 de sacerdócio.

Desenvolveu seu trabalho salesiano nas casas de Mogofores e Manique como professor, mestre de canto, diretor espiritual, ecônomo, encarregado do Centro Juvenil e das aulas diurnas e noturnas. Como bom religioso pregou e viveu a pobreza com o fervor dos primórdios da Congregação, mostrando-se, porém, muito compreensivo e generoso com quem não dividia suas idéias. Empregou escrupulosamente o seu tempo nas ocupações que a obediência lhe designava. Empenhou-se na promoção das pessoas pobres, que amou e evangelizou com zelo apostólico. Simples, paciente, jovial, homem de fé viva e de conselho, nutriu sempre um grande amor pela Congregação e pelas vocações.

Coad. Martinho Czajkowski

* Corpus (Misiones, Argentina) 4-9-1930, † Rosário (Argentina) 17-8-1975 com 44 anos, 23 de profissão.

Não obstante o temperamento forte e exigente consigo mesmo, mostrava-se alegre, cheio de fé e sempre compreensivo para com os outros. Foi um excelente animador litúrgico, favorecido nesta atividade

por sua voz bem modulada. Seu empenho na liturgia estimulava eficaz e profundamente a piedade dos meninos e dos fiéis, aos quais dedicou suas energias.

P. Eusébio De Angeli

* Rive (Vercelli, Itália) 10-9-1889, † Turim (Itália) 13-11-1975 com 86 anos, 65 de profissão, 51 de sacerdócio. Diretor por 6 anos.

Recebido adulto na Congregação, viveu com entusiasmo juvenil sua vocação sacerdotal e missionária, dominado em verdade por um só pensamento: a glória de Deus e a salvação das almas. Ao voltar das Missões, com a saúde bem gasta, dedicou o resto de sua vida ao serviço dos doentes, e como capelão das Filhas de Maria Auxiliadora. Sempre disposto a pregar e a confessar, preparava-se para o ministério com muito estudo, muita seriedade e contínua oração.

Coad. José De Chastonay

* Milão (Itália) 7-4-1900, † Rovereto (Trento, Itália) 29-3-1975 com 74 anos, 56 de profissão.

As casas que fruíram mais tempo sua missão salesiana foram Trento, Gorizia e Rovereto, aonde chegou e permaneceu desde 1948. Nele encontrou a Congregação um Salesiano Coadjutor simples, humilde e prestativo; cordial e feliz quando podia prestar algum favor; contente com sua vocação salesiana; recusando-se conscientemente à ambição e ao orgulho; com grande capacidade de sofrer moral e fisicamente. Fiel à oração, que prolongava muito além das práticas prescritas, intensificou sua intercessão para o bem da Comunidade salesiana e do Internato nos longos anos em que os sofrimentos da enfermidade não mais lhe permitiram qualquer atividade.

P. Franciscó Dündek

* Tisina (Eslovênia, Iugoslávia) 2-6-1988, † Trstenik (Eslovênia, Iugoslávia) 26-7-1975 com 76 anos, 38 de profissão, 49 de sacerdócio. Diretor por 3 anos.

Sua "forma sanctitatis" foi a obediência incondicional ao Papa, e aos Superiores, até mesmo na vida cotidiana de rotina; sempre atento com todos embora algo reservado, foi estimado professor de matemática e de filosofia antes da guerra mundial, e diligente pastor de almas depois, em diversas paróquias salesianas.

P. José Fernández

* La Rozas (Madri, Espanha) 9-7-1885, † Sanlúcar la Mayor (Sevilha, Espanha) 5-4-1975 com 89 anos, 65 de profissão, 63 de sacerdócio. Mestre dos Novicos por 9 anos.

Desabrochou espontânea sua vocação na escola dos Salesianos enviados por Dom Bosco a Utrera. Professor, educador, confessor, toda sua atividade salesiana foi absorvida pelas casas de formação em contato com aspirantes, filósofos, noviços, teólogos, nas aulas de Moral, Ascética e Mística e no confessionário. Nele brilharam uma contínua união com Deus e um filial amor à Virgem Santa, a quem adotara por Mãe quando órfão ficara aos 11 anos de idade. Entusiasta dos assuntos salesianos, organizou uma equipe de irmãos a fim de traduzir para o espanhol as Memórias Biográficas (ele mesmo preparou o primeiro e parte do quarto volume). Não perdia um minuto de tempo, fiel ao conselho de Dom Bosco: “Trabalho, trabalho, trabalho”.

P. Luís Fras

* Balovci-Beltinci (Eslovênia, Iugoslávia) 8-5-1904, † Niterói (Brasil) 8-9-1975 com 71 anos, 42 de profissão, 34 de sacerdócio.

Foi infatigável no trabalho paroquial em igrejas de Niterói e Pendotiba. Em Niterói fundou a “Associação de assistência social Co-ração de Jesus”, e a ela se dedicou cheio de zelo apostólico, com espírito de sacrifício, confiante na Providência. Por 30 anos deu todas as suas energias a esta obra, transformando-a em um verdadeiro centro de promoção familiar: escola elementar gratuita, escola profissional para mulheres, oratório festivo, escola noturna para alfabetização de adultos. E sempre e em tudo de acordo com o genuíno espírito de Dom Bosco.

P. Roberto Germano

* Rincón de Frância, (Paissandu, Uruguai) 8-5-1880, † Bagé (Rio Grande do Sul, Brasil) 29-1-1973 com 92 anos, 76 de profissão, 70 de sacerdócio.

P. Fernando van Hoof

* Lommel (Bélgica) 12-10-1923, † Mariakerke (Bélgica) 18-2-1975 com 51 anos, 31 de profissão, 22 de sacerdócio. Diretor por 12 anos.

Tombou repentinamente na brecha do trabalho, durante o simpósio de estudos das Escolas Técnicas Cristãs. Morreu como vivera: traba-

lhador vigoroso, entusiasta de Dom Bosco e da sua pedagogia, sempre aberto ao progresso. Ótimo Salesiano, com seu coração generoso punha-se à disposição de todos, em qualquer necessidade. Todos que vinham a ter com ele, voltavam confortados, tranqüilizados, apoiados.

P. Roberto Hoornaert

* Rollegem (Bélgica) 22-2-1906, † Leuven (Bélgica) 18-2-1975 com 69 anos, 47 de profissão, 39 de sacerdócio.

Homem profundamente íntegro, simples e de coração sempre aberto a todos os sofrimentos humanos, de oração e de humilde serviço feito com alegria. Após a primeira Missa partira missionário para o Zaire, onde permaneceu 10 anos. Voltando à Bélgica, foi por 9 anos responsável pela pastoral na casa de Liège e depois na de Woluwe; por fim encarregado dos Cooperadores. Multíssimos os que acorriam ao “Padre Hoornaert” para a confissão, para um contato pessoal em suas dificuldades, para aprender um pouco de Dom Bosco que ele tão jeitosamente interpretava.

P. Eduardo Jackson

* Londres (Grã-Bretanha) 6-11-1904, † Londres, 21-11-1975 com 71 anos, 48 de profissão, 39 de sacerdócio. Diretor por 4 anos.

Colheu adulto a flor da vocação, mas soube muito bem assimilar o espírito de Dom Bosco. Após a teologia e a ordenação sacerdotal em Turim seguiu para a África do Sul onde trabalhou perto de 20 anos, como professor e depois como ecônomo e diretor. Voltando a Londres, foi por 14 anos ecônomo inspetorial. Seus admiráveis dotes de administração foram sempre acompanhados por um fiel empenho sacerdotal.

P. José Janus

* Klokocóv Fríbor (Tchecoslováquia) 24-8-1909, † Brno (Tchecoslováquia) 26-10-1975 com 66 anos, 47 de profissão, 38 de sacerdócio. Diretor por 3 anos.

P. Francisco Jurecka

* Lípnik (Bec, Thecoslováquia) 20-7-1914, † Lípnik, 8-8-1975 com 61 anos, 43 de profissão, 34 de sacerdócio.

“Acusado de “negligência na vigilância das igrejas e corporações religiosas”, foi condenado a quinze meses de prisão. Na verdade havia

se ocupado, isso sim, em modo particular dos jovens, e nisto as autoridades tinham temido um perigo para o Estado. Durante seu cativeiro foram-lhe negados os remédios necessários à sua saúde, que declinou rapidamente. Devido a pressões e intervenções oficiais, foi posto em liberdade, mas com a saúde tão abalada que nenhum auxílio pôde restabelecer". (Transcrito do semanário católico austríaco "Línzer Kirchen Zeitung").

P. José Kelm

* Berlim (Alemanha) 2-9-1934, † Haag (Oberbayern, Alemanha) 11-10-1975 com 41 anos, 17 de profissão, 7 de sacerdócio.

Teve a vencer muitas dificuldades antes de entrar na Congregação. Terminados os estudos, ordenou-se de sacerdote na paróquia em Berlim-Este. Como bom Salesiano, atirou-se com ardor à obra educativa dos jovens. Perseverou com amor e bons resultados sobretudo para com os rapazes difíceis e desajustados. Muito sofreu em alguns anos por motivo de enfermidade cardíaca (um enfarte levou-o à vida eterna).

Diácono Estêvão Kohaut

* Malacky (Eslováquia) 17-8-1900, † Santa Isabel (Brasil) 3-11-1971 com 71 anos, 39 de profissão.

P. Donald Leaver

* Londres (Grã-Bretanha) 21-5-1886, † Londres, 27-10-1975 com 89 anos, 71 de profissão, 63 de sacerdócio.

Possuidor de brilhante inteligência, laureou-se em Turim em 1912. Nesse tempo de estudos conheceu o Bem-aventurado Padre Rua, pelo qual sempre nutriu grande estima e veneração. P. Leaver era o Irmão mais ancião da Inspeção. Músico de grande valor, homem de vasta cultura e de piedade exemplar e sincera. Exerceu seu apostolado entre as Filhas de Maria Auxiliadora. O numeroso grupo destas nossas Irmãs presentes à missa fúnebre foi o testemunho de sua gratidão para com este bom Salesiano.

Coad. Erminio Martínez

* Acahay (Paraguari, Paraguai) 25-4-1946, † Rosário (Argentina) 11-8-1972 com 26 anos, 4 de profissão.

Coad. Angelo Morales

* Arévalo de la Sierra (Soria, Espanha) 1-3-1896, † Cádiz (Espanha) 4-11-1975 com 79 anos, 54 de profissão.

Por 24 anos trabalhou como missionário na Índia; voltou à sua Inspeção de origem, em Sevilha, para continuar a ensinar pequenos e grandes com a sua piedade, seu trabalho, seu espírito de sacrifício e de amor aos jovens. Simplicidade, espírito de fé, testemunho de religiosidade observância: eis a magistral lição que legou a todos.

P. Egidio Paoletto

* Mozzecane (Verona, Itália) 11-7-1907, † Turim (Itália) 8-10-1975 com 68 anos, 46 de profissão, 38 de sacerdócio.

Despendeu os melhores anos de sua vida nas Missões da Índia, a que permaneceu fortemente ligado para sempre. A precária saúde trouxe-o de volta à pátria, onde muito trabalhou no campo das vocações (vários Salesianos devem-lhe a realização da chamada do Senhor). Seus últimos anos foram empregados no cuidado aos enfermos, com os quais obtinha facilmente um dourado diálogo cristão. Um mal insidioso revelou a força de sua alma: seus lábios jamais soltaram um lamento, uma queixa, mas apenas o pedido de orações e a oferta de sua vida por sua paróquia.

P. Frederico Petry

* Millen (Bélgica) 24-4-1922, † Tongeren (Bélgica) 23-12-1974 com 52 anos, 31 de profissão, 22 de sacerdócio.

Estava há poucos anos como pároco em Tongeren, mas o povo já havia aprendido a estimar profundamente o seu pastor. Robusto de estatura, cheio de vida, com um temperamento às vezes explosivo, mas generoso e sempre à disposição de todos, viveu, profundamente Salesiano, também com alegria e otimismo. Sabia escutar, obtinha conforto da fé e da oração. Dois dias antes da sua morte repentina, testemunhava ele mesmo: "Fui sempre apegado a Dom Bosco, e sinto-me feliz por ser sacerdote".

P. José Pintér

* Bogyoszló (Sopron, Hungria) 6-1-1904, †Esztergom (Hungria) 3-10-1975 com 71 anos. 51 de profissão, 43 de sacerdócio.

Por mais de 40 anos sua atividade esteve ligada ao Santuário do Sagrado Coração, anexo à primeira casa salesiana da Hungria: foi diretor espiritual, pároco e reitor do santuário. Cuidava muito dos romeiros que vinham de longe. Provou-o bastante o sofrimento físico, mas superava qualquer dificuldade para ir visitar seus fiéis, subindo caminhos íngremes quase impraticáveis, com o fim de levar a todo lugar o conforto e a graça de Deus. Não se queixava jamais e menos ainda criticava os outros. Obrigado a se retirar, logo depois o Senhor o chamou para o prêmio do servo bom e fiel.

P. Francisco Portero

* Montilla (Córdoba, Espanha) 10-3-1943, † Antequera (Málaga, Espanha) 15-7-1975 com 32 anos, 15 de profissão, 4 de sacerdócio.

A nobreza e profundidade do seu olhar era a expressão de uma alma que em tudo cria, em tudo esperava, por tudo se interessava. Amou a verdade sem subterfúgios ou despistamentos, a verdade evangélica do “sim, sim; não, não”. Quando se lhe propunha algum empenho, ele não tinha mais sossego enquanto não chegava até o fim. Seu trabalho foi dedicado de preferência aos jovens mais necessitados: assistente sacrificado, educador sagaz, compreensivo e exigente. A razão de sua dinâmica vocacional foi a sua profunda vida interior.

Coad. Tomás Pulingathil

* Kottoyam (Kerala, Índia) 27-5-1931, † Irinjalakuda (Kerala, Índia) 15-8-1975, com 44 anos, 16 de profissão.

Coadjutor salesiano exemplar, distinguiu-se pelo cumprimento exato do dever, no trabalho intenso e no desejo de se tornar útil aos jovens. Ensinando passou a maior parte de sua vida salesiana, e os alunos pagaram com verdadeira estima. Homem de profunda piedade e de grande paciência, dotes que o ampararam na última enfermidade, suportada com serenidade e calma edificantes. A irmã Morte levou-o no dia 15 de agosto a celebrar a festa da Mãe Celeste no Paraíso.

Coad. Maximiliano Rasp

* Groppenheim (Oberpfalz, Alemanha) 29-7-1897, † Würzburg (Baviera, Alemanha) 15-11-1975 com 78 anos, 45 de profissão.

Com 32 anos de idade deixou a casa paterna, onde havia crescido na companhia de sete irmãos e irmãs, em um ambiente profundamente cristão. O feliz êxito nas poucas escolas que frequentara e a habilidade para os trabalhos manuais tornavam-no capaz de desenvolver com competência atividades várias em Benediktbeuern, Helenenberg, Sannerz e Würzburg. Após uma grave doença não pôde mais, nestes últimos anos, dedicar-se às ocupações que desempenhara com tanto espírito de conscientização. Viveu então em silêncio, retirado, suportando o sofrimento próprio com o próprio abandono em Deus, qual pio e fiel religioso que era.

Coad. Urbano Revilla

* Arévalo (Ávila, Espanha) 3-8-1895, † Barcelona (Espanha) 6-8-1975 com 80 anos, 61 de profissão.

Autodidata devido às circunstâncias da vida, brilhou em diversas matérias: encadernação, eletromecânica, fotografia. Usou do teatrinho salesiano, com grande espírito de sacrifício, como instrumento de apostolado. Uma vida assim exuberante de generosidade, tinha seu fulcro na profunda piedade que dizia ter haurido especialmente de P. Rinaldi, e que lhe garantia ser amado por Deus e pela Senhora Auxiliadora. Sua personalidade humana e religiosa, seus raros dotes de técnico e artista, o caráter alegre, aberto, generoso, são um modelo para quem se dedicar à juventude.

P. Patrício Riordan

* Dungarvan (Waterford, Irlanda) 14-4-1917, † Gowley (Grã-Bretanha) 25-12-1969 com 52 anos, 32 de profissão, 23 de sacerdócio.

Coad. Bórtolo Rizzato

* Fara Vicentino (Vicenza, Itália) 25-9-1905, † Cúneo (Itália) 9-9-1975 com quase 70 anos, 43 de profissão.

Deixou-nos quase repentinamente, após brevíssima enfermidade. Nós dele nos recordamos como homem simples, risonho, trabalhador; Salesiano bom e fiel, apegado a Dom Bosco e à sua vocação; Coadjutor cuidadoso no seu serviço, afetuosamente devoto a Nossa Senhora.

P. Paulo Rizzo

* Trápani (Itália) 25-5-1913, † Catânia (Itália) 10-10-1975 com 62 anos, 41 de profissão, 32 de sacerdócio.

A frágil saúde não lhe impediu atender a um trabalho constante e generoso. De caráter simples, humilde, acolhedor, fez seu apostolado na aula, na assistência e no ministério, especialmente para com os jovens que ele estimava e era por eles estimado, e muito. Seu desaparecimento prematuro deixou um grande sentimento entre seus ex-alunos e nas famílias dos alunos.

Coad. Raimundo (Ramón) Ruiz

* Sutatenza (Tunja, Colômbia) 4-10-1897, † Bogotá (Colômbia) 17-9-1975 com 77 anos, 53 de profissão.

Os 53 anos de sua vida salesiana são uma página luminosa e inesquecível para quantos o conheceram. Foi o Coadjutor segundo o pensamento de Dom Bosco: um gigante no trabalho e um gigante na piedade. Toda esta grandeza, porém, ele a desenvolveu na mais profunda simplicidade, que era ao mesmo tempo a manifestação externa da paz interior que extravasava de sua alma, e da caridade maravilhosa que o caracterizava. Para todos foi amigo e modelo, para os pobres e necessitados um irmão, para a Congregação um filho fidelíssimo.

Coad. Lutz Schmid

* Dürnkönreuth (Oberpfalz, Alemanha) 2-6-1893, † Schwandorf (Oberpfalz, Alemanha) 13-11-1975 com 82 anos, 48 de profissão.

Filho de família numerosa, só aos 33 anos de idade pôde ingressar entre os filhos de Dom Bosco (após um longo tempo como prisioneiro de guerra). Sua vida está repleta de exemplos de operosidade, de piedade, no serviço de Deus. Isto explica por que em toda sua vida religiosa, só duas vezes recebera a carta de obediência: em 1927 em Marienhausen para os serviços do campo, e em 1939 para idêntica ocupação em Ensdorf. Nos últimos tempos caminhava com dificuldade e apresentava perturbações cardíacas. Suportava tudo, porém, com grande serenidade. Era o mais antigo Coadjutor da Inspetoria.

P. Pedro Vicente da Silva Moraes

* Lisboa (Portugal) 26-11-1884, †Lisboa, 24-10-1975 com 90 anos, 72 de profissão, 52 de sacerdócio. Diretor por 3 anos.

Último supérstite dos primórdios da Inspetoria, fora obrigado a exilar-se na Espanha e na Itália, onde terminou os estudos de teologia, enquanto atendia à edição do Boletim em língua portuguesa. Mais tarde empregou 32 anos de trabalho em múltipla atividade na cidade de Évora: professor, confessor, mestre de canto, diretor de orquestra e teatrinho, construtor de harmônios, diretor da comunidade. De temperamento forte e franco, suportou incompreensões amargas que aceitou com espírito de fé e com humildade. Impressionava seu recolhimento na celebração da Santa Missa. Possuía vastos conhecimentos científicos; era técnico em radioestesia, qualidade que, a par de outros dotes, colocava ao serviço de quem precisasse. Dedicou-se de modo especial aos Ex-Alunos, como promotor de sua Associação em Portugal.

P. Rodolfo Slezák

* Spacince (Eslováquia) 26-9-1909, † Sastínske Stráže (Eslováquia) 5-6-1974 com 64 anos, 43 de profissão, 15 de sacerdócio. Diretor por 14 anos.

P. Frederico Stubbings

* Fulham (Londres, Grã-Bretanha) 4-10-1907, † Daleside (África do Sul) 24-11-1975 com 68 anos, 50 de profissão, 44 de sacerdócio. Diretor por 15 anos.

Quase toda sua vida salesiana foi dedicada à África do Sul, desde o ano de 1926, quando chegou à Cidade do Cabo a continuar o curso de filosofia iniciado na Inglaterra. Deixa entre os Irmãos, ex-alunos e alunos uma grata recordação do seu trabalho intenso e sacrificado. De caráter sincero e exemplar, dedicou-se de modo especial aos ministérios de ensino e da pastoral. Colheu-o a morte repentinamente, mas bem preparado, em pleno ritmo de sua grande atividade.

P. Aldo Talin

* Alano de Piave (Belluno, Itália) 4-11-1915, †Údine (Itália) 24-8-1975 com 59 anos, 29 de profissão, 31 de sacerdócio.

Bondoso e cordial, viveu sua vida salesiana no ambiente escolar com espírito de disponibilidade ao trabalho e ao sacrifício. Por todos

estimado, difundia sua serenidade espontânea no ambiente e nas pessoas. Manteve esta sua serenidade mesmo no penoso e oculto calvário dos últimos anos de vida.

P. Román Torrabella

* Estach (Lérida, Espanha) 22-2-1914, † Barcelona (Espanha) 28-9-1975 com 61 anos, 42 de profissão, 31 de sacerdócio.

Nasceu em uma aldeia de altas montanhas, por isso amava a natureza e a solidão. Julgava-se pobre de dotes, mas era um valoroso mestre de latim e tinha uma dedicação às aulas sem nenhuma poupança de si mesmo. Durante a guerra civil sofreu muito na fuga da área vermelha e na frente dos combates. Padecia com as mudanças e perda de alguns valores na Igreja e na Congregação. Sofria também com a doença que o tornou sempre menos comunicativo. Amigo dos humildes, dos simples, dos velhos e dos enfermos, fazia-lhes companhia fraterna, interessando-se pelos seus problemas. As horas passadas no confessionário e no escritório paroquial foram a sua última e preciosa atividade.

P. Fiorentino Valle

* Livorno Ferraris (Vercelli, Itália) 8-3-1904, † Fossano (Cúneo, Itália) 27-8-1975, com 71 anos, 53 de profissão, 44 de sacerdócio.

Licenciado em letras, foi educador sábio e mestre competente. Sempre pronto a prestar-se ao ministério sacerdotal, doou seus talentos de mente e de coração entre os alunos e ex-alunos, e de modo especial entre os Cooperadores. Atingido por violento ataque de diabetes, tombou junto à sua moto quando voltava de uma terceira conferência feita aos Cooperadores Salesianos no mesmo dia e em locais diferentes. "Quando acontecer que um Salesiano deixe de viver trabalhando pelas almas, então a Congregação obteve um grande triunfo" (Dom Bosco).

P. Ernesto Vece

* Tucumán (Argentina) 12-1-1907, † Tucumán, 28-9-1975 com 68 anos, 50 de profissão, 43 de sacerdócio.

Distinguiu-se pela abnegação no ministério das confissões, em particular para com os Irmãos. Este ministério exigiu dele grandes sacrifícios pelas enormes distâncias que devia percorrer a fim de se

achar periodicamente nas casas da área de Cuyo. Sabia difundir em redor de si uma alegria serena, com seus modos afáveis, cordiais, otimistas.

P. Alexandre Verde

* S. Antimo (Nápoles, Itália) 13-7-1906, † Nápoles, 4-8-1975 com 69 anos, 50 de profissão, 43 de sacerdócio.

Era um homem de coração. Simples e expansivo. Um humorismo bem dosado, todo seu, associado ao típico timbre de voz, distinguia-o e tornava-o agradável a todos. Era sacerdote e tal se sentia sempre; sua piedade transparecia de seus modos, da maneira com que celebrava e com que trabalhava. Soube suscitar sempre nos ambientes em que viveu (e de modo especial em Torre Annunziata) um verdadeiro amor e interesse pelas Missões. Como verdadeiro Saleisano estimou os jovens com o mesmo estilo de Dom Bosco. Fiel a este estilo, semeou a mancha o otimismo, o estímulo, os conselhos concretos.

Coad. Severino Vieira

* Lagoa Nova (Paraíba, Brasil) 6-10-1891, † Niterói (Brasil) 24-9-1975 com 83 anos, 60 de profissão.

Foi de modo especial um grande apóstolo do ensino: especializou-se na preparação dos alunos à admissão ao curso ginasial. Gostava muito do Oratório Festivo e nele trabalhava com ardor. Por muitos anos dirigiu a banda musical e tocava maravilhosamente clarineta. Em 1971, atingido por uma cegueira total, ele que havia sido sempre muito ativo, suportou essa pesada cruz dos últimos anos.

P. Francisco Walland

* Lesce (Eslovênia, Iugoslávia) 9-8-1887, † Varazze (Itália) 14-2-1975, com 87 anos, 71 de profissão, 63 de sacerdócio. Diretor por 8 anos e Inspetor por 7 anos.

Muito amava a cultura, mas de modo especial o Evangelho; foi professor em diversos estudantados de teologia e mais tarde também no PAS. Como Inspetor organizou a vida religiosa, salesiana e cultural da Inspetoria Iugoslava. Escritor e pregador "para frente", foi estima-

do e contestado por suas idéias de progresso. Exemplar na vida salesiana, de alma nobre e generosa, delicado com todos mas exigente consigo mesmo. Não obstante incompreensões e duríssimas provações, permaneceu sempre fiel a Cristo, a Dom Bosco e à Congregação.

P. Hugo Weber

* Ettlingenweiler (Alemanha) 2-2-1890, † Ensdorf (Alemanha) 13-10-1975 com 85 anos, 54 de profissão, 60 de sacerdócio.

Nascido de uma família de camponeses de 16 filhos, não conseguiu a princípio, por motivos de saúde, seguir sua vocação. Ordenado de sacerdote na diocese de Friburgo, após cinco anos pôde entrar na Família Salesiana. Iniciando o magistério como professor ginásial, passou depois a ensinar teologia, até que uma longa enfermidade o acorrentou à sua cela de religioso. Permaneceu, porém, sempre atento e ativo em defender os direitos da Igreja, publicando numerosos artigos em diversas revistas.

4.º. Elenco 1975

- 126 Coad. **ASTR** Alfredo † Gottwaldov (Tchecoslováquia) 1975 aos 72 anos.
- 127 P. **AZZONI** Marcelo † Paterson, N. J. (USA) 1975 aos 78 anos.
- 128 Coad. **BARRIENTOS** Daniel † Astudillo (Palência, Espanha) 1975 aos 49 anos.
- 129 Coad. **BAUMER** Francisco † Helenenberg (Alemanha) 1975 aos 66 anos.
- 130 P. **BEGUERISSE** Guilherme † Guadalupe (Colômbia) 1975 aos 81 anos.
- 131 P. **BERGEN** Guilherme van † Heinsberg (Alemanha) 1975 aos 61 anos.
- 132 P. **BERTOLETTI** Fiorino † Bérgamo (Itália) 1975 aos 70 anos.
- 133 P. **BONAVENTURA** Ventura † Catânia (Itália) 1975 aos 63 anos.
- 134 Coad. **CAMPO** Luís † Mendoza (Argentina) 1975 aos 79 anos.
- 135 P. **CASTAGNOTTO** José † Watsonville (USA) 1975 aos 84 anos.
- 136 P. **CHROBOCZEK** Rafael † Campinas (São Paulo-Brasil) 1975 aos 69 anos.
- 137 P. **COLE** Guilherme † Dublin (Irlanda) 1975 aos 60 anos.
- 138 P. **CORDEIRO** José † Manique (Estoril-Portugal) 1975 aos 49 anos.
- 139 Coad. **CZAJKOWSKI** Martinho † Rosário (Argentina) 1975 aos 44 anos.
- 140 P. **DE ANGELI** Eusébio † Turim (Itália) 1975 aos 86 anos.
- 141 Coad. **DE CHASTONAY** José † Rovereto (Trento-Itália) 1975 aos 74 anos.
- 142 P. **DÜNDEK** Francisco † Trstenik (Eslovênia-Iugoslávia) 1975 aos 76 anos.
- 143 P. **FERNÁNDEZ** José † Sanlúcar La Mayor (Sevilha-Espanha) 1975 aos 89 anos.
- 144 P. **FRAS** Luís † Niterói (Brasil) 1975 aos 71 anos.

- 145 P. GERMANO Roberto † Bagé (Rio G. do Sul-Brasil) 1973 aos 92 anos.
- 146 P. HOOF Fernando van † Mariakerke (Bélgica) 1975 aos 51 anos
- 147 P. HOORNAERT Roberto † Leuven (Bélgica) 1975 aos 69 anos.
- 148 P. JACKSON Eduardo † Londres (Grã-Bretanha) 1975 aos 71 anos.
- 149 P. JANUS José † Brno (Tchecoslováquia) 1975 aos 66 anos.
- 150 P. JURECKA Francisco † Lipnik (Tchecoslováquia) 1975 aos 61 anos.
- 151 P. KELM José † Haag (Oberbayern-Alemanha) 1975 aos 41 anos.
- 152 Diac. KOHAUT Estêvão † Santa Isabel (Brasil) 1971 aos 71 anos.
- 153 P. LEAVER Donald † Londres (Grã-Bretanha) 1975 aos 89 anos.
- 154 Coad. MARTÍNEZ Herminio † Rosário (Argentina) 1972 aos 26 anos.
- 155 Coad. MORALES Angelo † Cádiz (Espanha) 1975 aos 79 anos.
- 156 P. PAOLETTO Egidio † Turim (Itália) 1975 aos 68 anos.
- 157 P. PETRY Frederico † Tongeren (Bélgica) 1974 aos 52 anos.
- 158 P. PINTÉR José † Esztergom (Hungria) 1975 aos 71 anos.
- 159 P. PORTERO Francisco † Antequera (Málaga-Espanha) 1975 aos 32 anos.
- 160 Coad. PULINGATHIL Tomás † Irinjalakuda (Kerala-Índia) 1975 aos 44 anos.
- 161 Coad. RASP Maximiliano † Würzburg (Baviera-Alemanha) 1975 aos 78 anos.
- 162 Coad. REVILLA Urbano † Barcelona (Espanha) 1975 aos 80 anos.
- 163 P. RIORDAN Patricio † Cowley (Grã-Bretanha) 1969 aos 52 anos.
- 164 Coad. RIZZATO Bórtolo † Cúneo (Itália) 1975 aos 70 anos.
- 165 P. RIZZO Paulo † Catânia (Itália) 1975 aos 62 anos.

- 166 Coad. RUIZ Raimundo (Ramón) † Bogotá (Colômbia) 1975 aos 77 anos.
- 167 Coad. SCHMID Luiz † Schwandorff (Oberpfalz-Alemanha) 1975 aos 82 anos.
- 168 P. SILVA MORAIS Pedro Vicente † Lisboa (Portugal) 1975 aos 90 anos.
- 169 P. SLEZAK Rodolfo † Sastínske Stráže (Eslováquia) 1974 aos 64 anos.
- 170 P. STUBBINGS Frederico † Daleside (África do Sul) 1975 aos 68 anos.
- 171 P. TALIN Aldo † Údine (Itália) 1975 aos 59 anos.
- 172 P. TORRABELLA Román † Barcelona (Espanha) 1975 aos 61 anos.
- 173 P. VALLE Fiorentino † Fossano (Cúneo-Itália) 1975 aos 71 anos.
- 174 P. VECE Ernesto † Tucumán (Argentina) 1975 aos 68 anos.
- 175 P. VERDE Alexandre † Santo Antimo (Nápoles-Itália) 1975 aos 69 anos.
- 176 Coad. VIEIRA Severino † Niterói (Rio de Janeiro-Brasil) 1975 aos 83 anos.
- 177 P. WALLAND Francisco † Varazze (Itália) 1975 aos 87 anos.
- 178 P. WEBER Hugo † Ens Dorf (Alemanha) 1975 aos 85 anos.

